

**DEONÍSIO SCHMITT**

**A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS EM SANTA CATARINA:  
Contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho  
Coorientador: Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação  
em Linguística da Universidade Federal de Santa  
Catarina – UFSC, para obtenção do título de  
doutor em Linguística.

Florianópolis, 2013.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schmitt, Deonísio

A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS EM SANTA CATARINA:  
Contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de  
1946 a 2010 / Deonísio Schmitt ; orientadora, Izete  
Lehmkuhl Coelho ; co-orientador, Tarcísio de Arantes Leite  
. - Florianópolis, SC, 2013.  
228 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. História da LIBRAS. 3.  
Sociolinguística. 4. Sócio-histórico. 5. Variações e mudanças  
linguísticas. I. , Izete Lehmkuhl Coelho. II. , Tarcísio de  
Arantes Leite . III. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS EM SANTA CATARINA:  
Contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho

Coorientador: Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite

Banca Examinadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fabíola Sucupira Ferreira Sell – UDESC (Membro Externo)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Lodenir Becker Karnopp – UFRGS (Membro Externo)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ronice Muller de Quadros – UFSC (Membro Interno)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Edair Maria Görski – UFSC (Membro Interno)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Karin Lílian Strobel – UFSC (Membro Interno)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Aline Lemos Pizzio – UFSC (Membro Suplente Interno)

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sueli Costa – IFSC (Membro Suplente Externo)

Florianópolis, 2013.



“Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, foi útil considerar que tais normas eram invariantes e compartilhadas por todos os membros da comunidade linguística. Todavia, as análises do contexto social em que a língua é utilizada vieram demonstrar que muitos elementos da estrutura linguística estão implicados na variação sistemática que reflete tanto a mudança no tempo quanto os processos sociais extralingüísticos”. (LABOV, 1968, p. 241).

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa eu aceitei a pessoa... Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa, porque a língua é parte de nós mesmos... Quando eu aceito a Língua de Sinais eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo... Devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhe ser surdo...”. (TERJE BASILIER, psiquiatra norueguês).



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por terem me acompanhado e me dado força para essa caminhada;

A minha amada esposa por ter paciência comigo durante todos esses anos;

Aos meus filhos Eduardo Espíndola Schmitt e Mônica Espíndola Schmitt que sofreu, juntamente com minha esposa cuidando dele, nas cansativas muito correria de trabalho, por motivo de paciência comigo durante do estudo e trabalho;

Ao Sr. Francisco Lima Júnior, guerreiro no movimento de surdos pela primeira escola e associação que marca o registro histórico na língua de sinais sofreram a mudança o tempo em Santa Catarina;

A Associação de Surdos da Grande Florianópolis, Sociedade de Surdos de São José, Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade do Estado de Santa Catarina; Grupo de Estudos Surdos e Comunidade Surda, pelo seu apoio;

À professora Dra. Izete Lehmkul Coelho (UFSC) pela sua orientação de pesquisa na área em sociolinguística e me dava a disciplina no estudo referência teórico;

Ao meu co-orientador Dr. Tarcísio de Arantes Leite pela sua orientação muito detalhe no estudo as línguas de sinais;

Aos colegas de Letras/LIBRAS pelo incentivo e força de vontade no compartilhamento das experiências no estudo linguístico dos surdos;

A Dra. Ronice Muller de Quadros abriu a oportunidade de espaço acadêmico na língua de sinais na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC;

A Prof. Dra. Edair Maria Görski convidado especial na disciplina sociolinguística na banca de examinadora e antes, também, esteve na minha qualificação em 2012;

Aos colegas surdos na faixa etária que compartilharam comigo durante as entrevistas de gravações sobre a história de surdos em Santa Catarina;

A CAPES e REUNI pelo fornecimento de bolsa no programa de pós-graduação - PGL, oferecendo-me a oportunidade de desenvolver meu estudo e pesquisa;

Convidado especial nas bancas de examinadoras Fabíola Sucupira Ferreira Sell, Karin Lílian Strobel e Lodenir Becker Karnopp membro e suplente Aline Lemos Pizzio e Suelli Costa;

Às colegas Edgar Correa Veras, Natália Schleder Rigo e Tiago Coimbra Nogueira que me interpretaram na banca de qualificação em

2012; Daniela Bieleski, Diego Mauricio Barbosa e Gisele Iandra Pessini Anater que me interpretaram na banca avaliação de defesa;

A Maria Eloiza de Macedo, por nos ajudar com discussões, na revisão e pela paciência e comprometimento; e,

Apoio a edição de filmagem são: Marcos Luchi, João Paulo Ampessan e Marcos Alexandre Marquioto.

## RESUMO

Esta pesquisa visa identificar possíveis variações e mudanças linguísticas ocorridas na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), no período histórico de 1946 a 2010, analisando narrativas filmadas de três gerações de sujeitos surdos, usuários dessa língua. O Grupo I é formado, por indivíduos com mais de 60 anos; o Grupo II, por indivíduos de 30 a 60 anos; o Grupo III é formado por indivíduos de 15 a 30 anos. Na primeira parte do trabalho, apresentamos uma revisão de base teórico-metodológica fundamentada nos estudos de Labov (2008 [1972]) sobre mudanças linguísticas no contexto social, observadas em tempo aparente, na ilha de Martha's Vineyard e em Nova York. A concepção da variação sociolinguística pode nos ajudar nesta investigação, que versa sobre a história da LIBRAS em Santa Catarina no período já referido. A partir da teoria laboviana, analisam-se certos padrões sociolinguísticos verificados nesta pesquisa. Considera-se o fato de apenas uma pessoa ter influenciado toda uma comunidade de surdos em Santa Catarina, o professor Francisco Lima Júnior, que veio do Rio de Janeiro para Florianópolis em 1946. Baseando-nos nesta data, escolhemos o período acima citado para traçar um percurso de possíveis transformações linguísticas de natureza interna e externa ocorridas na LIBRAS em Santa Catarina. Os resultados desta pesquisa apontam que há variação e mudança em tempo aparente na LIBRAS, relacionando o contexto linguístico atual dos jovens (Grupo III) a transformações históricas e sociais observadas na comunidade surda em Santa Catarina.

**Palavras-chave:** História da LIBRAS; sociolinguística; sócio-histórico; variações e mudanças linguísticas.



## ABSTRACT

This research aims to identify eventual linguistic variations and changes in Brazilian Sign Language (LIBRAS), in the period from 1946 to 2010, through the analysis of the filmed narratives of three generations of deaf people, users of that language. Group I is formed by individuals over 60 years-old; Group II, by individuals between 30 and 60 years-old and Group III, individuals between 15 and 30 years-old. In the first part of this research, we present a theoretical-methodological review based on the studies of Labov (2008 [1972]) about the social context of changes observed in apparent time in Martha's Vineyard and in New York City. We believe the theory of language variation and change can help us in this research, which deals with the history of LIBRAS in Santa Catarina in the period mentioned above. Based on Labov's theory, we analyze certain sociolinguistic patterns that were verified in this research. We consider the fact that only one person had influence on a whole deaf community in its linguistic development: teacher Francisco Lima Júnior, who came from Rio de Janeiro to Florianópolis in 1946. Considering this date, we chose the period from 1946 to 2010 to trace back the path of eventual linguistic transformations, both internal and external, in LIBRAS in Santa Catarina. We expect that in the outcome of this research there is variation and change in apparent time of LIBRAS, relating the present context linguistic to youth (Group III), to the historical and social transformations observed the deaf community in Santa Catarina.

**Keywords:** History of LIBRAS; sociolinguistics; sociohistory; language variation and change.



## RESUMEN

El objetivo de esta investigación es identificar posibles variaciones y cambios lingüísticos ocurridos en la Lengua Brasileña de Señas (LIBRAS), en el periodo comprendido entre 1946 y 2010, analizando narrativas grabadas de tres generaciones de individuos sordos, usuarios de esa lengua. El Grupo I está formado, por individuos con más de 60 años; el Grupo II, por individuos de 30 a 60 años; el Grupo III es formado por individuos de 15 a 30 años. Se presenta en la primera etapa de la investigación un repaso teórico-metodológico fundamentado en los estudios de Labov (2008 [1972]) acerca de cambios lingüísticos en el contexto social, observados en tiempo aparente, en la Isla de Martha's Vineyard y en Nueva York. La concepción de la variación sociolingüística nos puede ayudar en este estudio, el cual trata de la historia de la LIBRAS en Santa Catarina en el periodo mencionado. A partir de la teoría laboviana, se analizan ciertos patrones sociolingüísticos verificados en esta investigación. Se considera el hecho de solo una persona haber influenciado toda la comunidad de sordos en Santa Catarina, el profesor Francisco Lima Júnior, que partió del Río de Janeiro para Florianópolis en el año de 1946. Con base en esta fecha, elegimos el periodo antes mencionado para diseñar una trayectoria de las posibles transformaciones lingüísticas de carácter interno y externo ocurridas en la lengua de señas en Santa Catarina. Se espera que los resultados de esta investigación indiquen que existe una variación y cambio en el tiempo aparente en LIBRAS, relacionando el contexto lingüístico actual a jóvenes (Grupo III) las transformaciones históricas y sociales observadas en la comunidad sorda de Santa Catarina.

**Palabras-clave:** Historia de la LIBRAS; sociolingüística; sociohistorio; variación y cambio lingüísticos.



## LISTA DE ABREVIATURAS

ACT – Admissão em Caráter Temporário  
ASL – Língua de Sinais Americana  
ASURJ – Associação dos Surdos de Rio de Janeiro  
BESC – Banco do Estado de Santa Catarina  
BSL – Língua de Sinais Britânica  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A  
CSMSC – Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina  
FCEE – Fundação Catarinense de Educação Especial  
FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos  
FUTSAL – Futebol de Salão  
IATEL – Instituto de Audição e Terapia da Linguagem  
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos  
INSM – Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos  
IPS – Instituto Paulista de Surdos  
*LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais*  
LSB – Língua de Sinais Brasileiras  
LSF – Língua de Sinais Francesa  
MEC – Ministério da Educação  
NEESPI – Núcleo de Educação Especial e Inclusiva  
PGL – Pós-Graduação em Linguística  
REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí



## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Sinal de Mãe.....	35
Figura 02 – Sinal de Mãe.....	37
Figura 03 – Retirado do livro de GROCE, Nora Ellen. Everyone Here Spoke Sign Language. Hereditary Deafness on Martha’s Vineyard. Printed in the United States of America , 1952.....	44
Figura 04 – Retirado do livro de LABOV, Willian. Padrões Sociolinguísticos.....	45
Figura 05 – Retirado no site <a href="http://ca.wikipedia.org/wiki/Martha%27s_Vineyard">http://ca.wikipedia.org/wiki/Martha%27s_Vineyard</a> .....	45
Figura 06 – O trapezóide das vogais: a flecha indica a direção de movimento do primeiro elemento de (aw).....	62
Figura 07 – Sinal de Porco.....	67
Figura 08 – Abade L’Epée ensinando os surdos na língua de sinais francesa.....	72
Figura 09 – Acervo na Revista da FENEIS.....	81
Figura 10 – Acervo de Ana Regina e Souza Campello – UFSC.....	83
Figura 11 – Acervo da Heloise Gripp Diniz – UFSC 01.....	84
Figura 12 – Acervo da Heloise Gripp Diniz – UFSC 02.....	84
Figura 13 – Acervo do Francisco - é o primeiro dicionário na língua de sinais em Santa Catarina em 1947.....	93
Figura 14 – Acervo do Profº. Francisco - fotografia de Jornal que traz reportagem sobre o livro “Linguagem das Mãos”.....	96
Figura 15 – Mostrar os Sinais.....	106
Figura 16 – Variação Fonológica.....	108
Figura 17 – Mostrar os sinais com uma mão e com duas mãos.....	108
Figura 18 – Sinal de Pássaro.....	110
Figura 19 e 20 – Ferreira-Brito e Langevin.....	112
Figura 21 – <a href="http://www.ines.gov.br/libras/principal.asp?ASSU_id=3">http://www.ines.gov.br/libras/principal.asp?ASSU_id=3</a> .....	112
Figura 22 – Quadro de CMs da LSB, por Pimenta e Quadros.....	112
Figura 23 – Sinal - “Cultura em SC”.....	115
Figura 24 – Sinal - “Cultura em SP”.....	115
Figura 25 – Sinal - “Cultura em RJ”.....	115
Figura 26 – Secretaria de Estado da Educação – Depto. Educação Especial – Curitiba/PR SEED/SUED/DEE.....	117
Figura 27 – Sinal de Ajudar.....	118
Figura 28 – Sinal de Faltar.....	119
Figura 29 – Sinal de Ônibus.....	119
Figura 30 – Sinal de Sonhar.....	119
Figura 31: CM – 01, 11.....	154

Figura 32: CM – 02, 57.....	154
Figura 33: CM – 07.....	155
Figura 34: CM – 01, 11.....	154
Figura 35: CM – 02, 57.....	154
Figura 36: CM – 01, 11.....	154
Figura 37: CM – 53a.....	156
Figura 38: CM – 36.....	156
Figura 39: CM – 37a.....	156
Figura 40: CM – 40.....	156
Figura 41: CM – 40.....	156
Figura 42: CM – 02.....	157
Figura 43: CM – 14.....	158
Figura 44: CM – 63.....	158
Figura 45: CM – 02.....	157
Figura 46: CM – 14.....	158
Figura 47: CM – 63.....	158
Figura 48: CM – 02, 07.....	157
Figura 49: CM – 14.....	158
Figura 50: CM – 11.....	159
Figura 51: CM – 14.....	160
Figura 52: CM – 16.....	160
Figura 53: CM – 16.....	159
Figura 54: CM – 02, 45.....	160
Figura 55: CM – 11, 38.....	159
Figura 56: CM – 16.....	160
Figura 57: CM – 02, 45.....	160
Figura 58: CM – 11, 51a.....	162
Figura 59: CM – 11.....	162
Figura 60: CM – 14.....	162
Figura 61: CM – 11.....	162
Figura 62: CM – 34, 62.....	163
Figura 63: CM – 05.....	163
Figura 64: CM – 05.....	163
Figura 65: CM – 05.....	163
Figura 66: CM – 14.....	164
Figura 67: CM – 25.....	164
Figura 68: CM – 14.....	164
Figura 69: CM – 15.....	165
Figura 70: CM – 25.....	164
Figura 71: CM – 08a, 64.....	166
Figura 72: CM – 10.....	166

Figura 73: CM – 10.....	166
Figura 74: CM – 10.....	166
Figura 75: CM – 53a.....	168
Figura 76: CM – 61.....	168
Figura 77: CM – 53a.....	168
Figura 78: CM – 61.....	168
Figura 79: CM – 53a.....	168
Figura 80: CM – 07, 64.....	169
Figura 81: CM – 08a.....	169
Figura 82: CM – 08a.....	169
Figura 83: CM – 16.....	170
Figura 84: CM – 44.....	170
Figura 85: CM – 16.....	170
Figura 86: CM – 44.....	170
Figura 87: CM – 16.....	170
Figura 88: CM – 21.....	171
Figura 89: CM – 24.....	171
Figura 90: CM – 24.....	171
Figura 91: CM – 24.....	171
Figura 92: CM – 14.....	172
Figura 93: CM – 15.....	173
Figura 94: CM – 14.....	172
Figura 95: CM – 15.....	173
Figura 96: CM – 14.....	172
Figura 97: CM – 53a, 63.....	175
Figura 98: CM – 08a.....	175
Figura 99: CM – 08a.....	175
Figura 100: CM – 08a.....	175
Figura 101: CM – 63.....	177
Figura 102: CM – 14, 24.....	177
Figura 103: CM – 14.....	177
Figura 104: CM – 14.....	177
Figura 105: CM – 24.....	177
Figura 106: CM – 24.....	177
Figura 107: CM – 62.....	180
Figura 108: CM – 24.....	180
Figura 109: CM – 21.....	181
Figura 110: CM – 11.....	180
Figura 111: CM – 24.....	180
Figura 112: CM – 21.....	181
Figura 113: CM – 24.....	180

Figura 114: CM – 63.....	182
Figura 115: CM – 08a.....	182
Figura 116: CM – 63.....	182
Figura 117: CM – 08a.....	182
Figura 118: CM – 08a.....	182

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Sinal de Aposentar.....	155
Quadro 02: Sinal de Avião.....	156
Quadro 03: Sinal de Mãe.....	158
Quadro 04: Sinal de Pai.....	160
Quadro 05: Sinal de Política.....	162
Quadro 06: Sinal de Preto.....	163
Quadro 07: Sinal de Reunião.....	165
Quadro 08: Sinal de Semana.....	166
Quadro 09: Sinal de Banco.....	168
Quadro 10: Sinal de Feio.....	169
Quadro 11: Sinal de Médico.....	170
Quadro 12: Sinal de Nome.....	171
Quadro 13: Sinal de Porque.....	173
Quadro 14: Sinal de Antes.....	175
Quadro 15: Sinal de Cortar.....	177
Quadro 16: Sinal de Padre.....	181
Quadro 17: Sinal de Ter.....	182



## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Centralização de (ay) e (aw) por grupos ocupacionais.....	51
Tabela 02: Centralização de (ay) e (aw) por faixa etária.....	51
Tabela 03: Distribuição geográfica da centralização.....	53
Tabela 04: Cruzamento de fatores: 6 falantes com o maior grau de centralização.....	55
Tabela 05: Centralização por grupos étnicos.....	56
Tabela 06: Centralização e atitude com relação a Martha's Vineyard...58	
Tabela 07: A escala em tempo aparente é chamada de “gradação etária”.....	61
Tabela 08: Mudança de (aw) e (ay) em tempo aparente através de duas gerações em Martha's Vineyard.....	62
Tabela 09: Preliminar dos dados – variações ou mudanças linguísticas.....	151



## SUMÁRIO

Introduzindo a pesquisa na língua de sinais.....	25
CAPÍTULO I – Delimitação do objeto de pesquisa.....	31
1.1. Introdução.....	31
1.2. Mudanças históricas na LIBRAS e variações linguísticas de 1946 a 2010, em Santa Catarina.....	31
1.3. Objetivo Geral.....	33
1.4. Objetivos específicos.....	33
1.5. Questões e Hipóteses de pesquisa na língua de sinais.....	37
CAPÍTULO II – Pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana.....	39
2.1. Introdução.....	39
2.2. A língua em seu contexto social.....	40
2.2.1. LABOV: pesquisador pioneiro em sociolinguística.....	40
2.2.2. A Ilha de Martha’s Vineyard.....	42
2.2.3. Seleção da variável linguística.....	47
2.2.4. Distribuição por idade e tempo.....	50
2.2.5. Uma explicação possível para o aumento da centralização.....	52
2.2.6. A interação de padrões linguísticos e sociais.....	54
2.3. Os princípios da mudança linguística.....	59
2.3.1. A idade e a variação estável.....	60
2.3.2. A idade e a mudança linguística.....	61
2.3.3. Aplicando os conhecimentos da sociolinguística.....	64
CAPÍTULO III – A história social da língua.....	69
3.1. Introdução.....	69
3.2. Charles Michel de L’Epée - Instituto Nacional de Surdos-Mudos em Paris.....	69
3.3. Édouard Huet – Instituto Nacional Educação de Surdos (INES/RJ).....	74
3.4. Francisco Lima Júnior - O Primeiro Professor Surdo na língua de sinais em Santa Catarina.....	87
CAPÍTULO IV – Variação e mudança na língua de sinais.....	101
4.1. Introdução.....	101
4.2. A língua de sinais pelo surdo: indícios de variação e mudança linguística.....	101
4.3. As variações linguísticas na língua de sinais.....	116
4.4. O surdo se comunica: a língua de sinais no contexto social.....	118
CAPÍTULO V – Metodologia.....	121
5.1. Introdução.....	121
5.2. A coleta de dados.....	123

5.3. O método de entrevista sociolinguística: a coleta de narrativas de experiência pessoal.....	124
5.4. A transcrição de dados dos três grupos compostos de informantes surdos na língua de sinais.....	126
5.5. Informantes do grupo surdo na língua de sinais.....	126
5.6. Descrição dos informantes quanto aos dados.....	129
5.6.1. Grupo I - Informantes.....	130
5.6.1.1. Informante G.....	130
5.6.1.2. Informante H.....	132
5.6.1.3. Informante I.....	134
5.6.2. Grupo II - Informantes.....	135
5.6.2.1. Informante D.....	136
5.6.2.2. Informante E.....	137
5.6.2.3. Informante F.....	139
5.6.3. Grupo III - Informantes.....	140
5.6.3.1. Informante A.....	140
5.6.3.2. Informante B.....	141
5.6.3.3. Informante C.....	143
5.6.4 – Algumas considerações finais.....	146
CAPITULO VI – Descrição e análise dos resultados.....	149
6.1. Introdução.....	149
6.2. A comparação dos dados: o grupo de três gerações de surdos na língua de sinais.....	149
6.3. Variação e Mudança lexical na Língua Brasileira de Sinais...152	
6.4. Variação e Mudança fonológica na Língua Brasileira de Sinais.....	173
6.5. O que dizem os resultados das três gerações dos informantes na Língua Brasileira de Sinais .....	183
Considerações Finais.....	187
Referências Bibliográficas.....	191
Anexos.....	199

## **Introduzindo a pesquisa na língua de sinais**

Sou Surdo! Pretendo investigar a variação e a mudança linguística na língua de sinais como trabalho final do curso de pós-graduação em Linguística, nível Doutorado, e aprofundar os conceitos adquiridos no meu mestrado. Realizei a defesa do mestrado em 2008, na UFSC. O estudo foi feito na linha de pesquisa em Educação e Processos Inclusivos. O tema abordado foi: “Contextualização da Trajetória dos Surdos e Educação de Surdos em Santa Catarina”.

Iniciei no mestrado pesquisando a Educação de Surdos em SC. Como não há documentação histórica, busquei através do depoimento do professor surdo Francisco<sup>1</sup>, e também de documentos e fotografias que ele tinha, resgatar um pouco da trajetória da Educação de Surdos em SC.

Aquela pesquisa visava introduzir as narrativas de sujeitos surdos no que tange a sua história, memória e identidade. Minha posição é que através dela é possível conseguir elucidar a caminhada realizada pelos surdos de Santa Catarina. E também, através de narrativas captadas com o professor Francisco Lima Júnior (Chiquito) e de alguns de seus ex-alunos, bem como de alguns dados de Jornais, fotos e filmagens, consegue-se chegar a escrever a história do movimento surdo de Santa Catarina com respeito à organização e à educação de surdos. O tema foi muito amplo para pesquisar no mestrado. Então, optei por pesquisar a parte histórica da língua de sinais no mestrado e a parte linguística no doutorado, numa perspectiva sociolinguística.

Na pesquisa de mestrado, percebi que apareceram sinais diferentes no depoimento de dois surdos que sinalizaram sobre a Educação de surdos. Refleti sobre esses sinais diferentes, e não conseguia explicá-los. Então, realizei o projeto de doutorado para entender melhor essa diferença de sinais, estudando um tema mais

---

<sup>1</sup> SCHMITT (2008), dissertação de mestrado na UFSC: Em 1928 nasceu em Florianópolis/SC e inicia a vida de Francisco Lima Júnior. Em 1937 a 1946, no INSM/RJ Francisco inicia seus estudos. No ano de 1947 primeiro espaço de educação de surdos na garagem na casa dos pais (Francisco). Em 1954 o encontro de surdos organiza a fundação do Círculo Surdos-Mudos em Santa Catarina – CSMSC. Em 1955 funda o Círculo Surdos-Mudos em Santa Catarina – CSMSC e também foi delegado na região do sul. Em 1960 teve início o governo de Celso Ramos. Em 1963 iniciou a construção Escola Governador Celso Ramos. Em 1964 a primeira turma de surdos na Escola Governador Celso Ramos. Ex-alunos Surdos na primeira Turma Escola Governador Celso Ramos em 1964 e 1969. Fundado em 25 de março de 1969, o Instituto de Audição e Terapia da Linguagem – IATEL e em 1997, o Francisco entregou o documento no Círculo Surdos-Mudos em Santa Catarina – CSMSC para a Sandra L. Amorim e atualmente ASGF. Isso foi apresentado a minha pesquisa de biografia.

específico: “A História da Língua de Sinais em Santa Catarina: Contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010”.

O trabalho de coleta de dados para esta pesquisa acontece em forma de relatos filmados sobre a história e as experiências de vida de cada indivíduo em língua de sinais de três gerações nas seguintes faixas etárias: o Grupo I é formado por indivíduos com mais de 60 anos; o Grupo II, por indivíduos de 30 a 60 anos e o Grupo III é formado por indivíduos de 15 a 30 anos. Pretende-se investigar nos dados de que dispomos se aconteceu alguma transformação linguística e, em caso positivo, qual foi esta transformação. Se a economia, a política, a questão social e cultural influenciam as mudanças linguísticas que ocorrem e quais as possíveis influências que estes fatores tiveram em relação às mudanças na língua de sinais de Santa Catarina, no período de 1946 a 2010.

A pesquisa e a leitura de histórias da língua de sinais no mundo, no Brasil e em Santa Catarina em diferentes comunidades surdas, propiciarão um maior conhecimento linguístico e melhor entendimento das diferentes culturas surdas. Já posso adiantar que as narrativas coletadas, contadas e vividas pelos três grupos pesquisados, em diferentes momentos da sociedade brasileira, ampliaram minha forma de ver e perceber o mundo.

Meu estudo de pesquisa no mestrado apresentou dados sobre a história da língua de sinais de Santa Catarina e as dificuldades encontradas da comunidade surda nos contatos sociais das várias regiões de Santa Catarina e até mesmo com outros estados (PR, RS, SP, RJ e MG). Acredita-se que a ampliação de sinais aqui em Santa Catarina teve a influência do professor Francisco Lima Júnior, porque ele estudou no INES/RJ (Instituto Nacional de Educação de Surdos) e no IPS/SP (Instituto Paulista de Surdos) e trouxe sinais utilizados nesses estados, além de outros sinais aprendidos em contatos com surdos de outros estados (PR, RS, SP, RJ e MG) e ensinou tais sinais aos seus alunos surdos, enriquecendo assim a língua de sinais.

Até agora as pesquisas sobre a língua de sinais em Santa Catarina não têm registro da história do sujeito surdo na escola e nem nas associações de surdos ou na comunidade surda na década de 1950. Pela pesquisa, percebi que antes da vinda do professor Francisco para Santa Catarina não havia registro/documentação sobre a língua de sinais. A história que pesquisei sobre a língua de sinais em Santa Catarina surge de conversas com o professor Francisco e com outros indivíduos surdos. Atualmente, há mais registros sobre a língua de sinais, mas ainda é

muito pouco, pois é uma língua na modalidade visual espacial e sua forma de registro ainda é precária.

A história da língua de sinais tem sido narrada por instituições de indivíduos ouvintes, uma dessas é o INES/RJ, onde estudou o professor Francisco. Essas narrações têm como base a educação oralista, que não utilizava nenhum tipo de sinalização, e a comunidade surda que utilizava a LIBRAS não deixou informações/registros sobre a história da comunidade surda daquela época (1940). O pouco que ficou é superficial, deixando de mostrar informações de maior valor sobre esta língua, que é muito importante para que, com os registros, possamos entender melhor as variações e mudanças linguísticas que ocorreram e ocorrem. Para isso, é preciso que indivíduos surdos pesquisem sobre a história, cultura, identidade e língua de sinais da comunidade surda.

Os dados desta pesquisa considerados importantes foram analisados com o objetivo principal de pesquisar as variações e possíveis mudanças em tempo aparente na língua de sinais em Santa Catarina, através das narrativas de sujeitos surdos.

Percebi que o professor Francisco influenciou a língua de sinais em Santa Catarina e, resgatando parte da história dessa língua, pesquisei variações e mudanças linguísticas ocorridas no período de 1946 até a atualidade (2010).

A falta de pesquisa histórica da língua de sinais<sup>2</sup> entre 1930 a 1980, no Brasil, com referência à variação e mudança linguística, com o foco no estudo sociolinguístico, e sócio-histórico, dificultou vislumbrar o desenvolvimento desta língua durante esse período, as mudanças ocorridas e o uso da língua de sinais pela comunidade surda. Não houve registro de pesquisa sobre este tema na língua de sinais através de registro espaço-visual (filmagem, vídeos, fotos, etc) nas últimas décadas e parece que muitos dados, que são importantes sobre o sujeito surdo, se perderam. Vale registrar, no entanto, trabalhos importantes que procuraram resgatar parte da história da língua de sinais no Brasil: a dissertação defendida, em 2010, por Heloise Gripp Diniz sobre o tema “A história da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais” e os trabalhos de Perlin (1998), Miranda (2001), Karnopp e Quadros (2004), Brito (1990, 1991, 1993 e 1995), Felipe (1988, 1991, 1993, 1994, 1995, 1996 e 1997), Campello (2011), entre outros.

---

<sup>2</sup> SCHMITT (2008), relata que “a língua de sinais, ou seja, a língua dos sujeitos surdos é o espaço que mais é atingido pelo diferencialismo”.

Com relação ao oralismo, que exigia que os surdos falassem e não podiam sinalizar, essa prática trouxe grandes problemas, uma delas foi a dificuldade na criação de espaços (escola, associação, etc) pelos próprios surdos. Com a criação das Associações de Surdos em Santa Catarina, os surdos puderam defender seus interesses. E, a partir de 2001, em Santa Catarina, quando foi criada a Lei Estadual Nº 11.869<sup>3</sup>, oficializou a LIBRAS como forma de comunicação dos surdos.

Há dez anos surgiu a **LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002**, “reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados” e o **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005**.

Em SC, a primeira conquista educacional dos surdos aconteceu na escola Governador Celso Ramos, no centro de Florianópolis, em 1964, com a primeira turma de surdos a frequentar uma escola. Nesta escola, eles tiveram acesso ao uso da língua de sinais, com a mediação do professor Francisco, que tinha o apelido de “Chiquito”. Com o aprendizado da língua de sinais, os surdos começaram uma nova história e foram aprimorando sua língua.

Os alunos surdos adquiriam mais expressão na comunicação da língua de sinais e, na interação com o professor de língua de sinais surdo, aprendiam mais rápido a se comunicar e a entender os conceitos (sinais/palavras). Eles aprenderam e foram influenciados pelo professor Francisco, com quem tiveram o primeiro contato com a língua de sinais.

Os surdos começaram a utilizar a língua de sinais na comunidade surda, ampliando este aprendizado. Assim, indaguei-me sobre qual era a língua de sinais ensinada naquele contexto social e as mudanças ocorridas por causa disto. Então, procurei o professor Francisco para entender quais os sinais diferentes que havia em 1950, e que ele trouxe para Santa Catarina. Soube que o professor em seus estudos no INES foi influenciado pela Língua de Sinais Francesa (Europa) e pela Língua de Sinais Americana (Estados Unidos) na década de 1940, retornou para Santa Catarina por volta de 1947. Essa contextualização sobre a língua de sinais é importante para a análise e pesquisa desta língua em nosso Estado.

O professor Francisco estudou no Rio de Janeiro de 1937 a 1946.

---

<sup>3</sup> Em Santa Catarina foi criada a Lei nº 11.869, de 06 de setembro de 2001, reconhece oficialmente, no Estado de Santa Catarina a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS – e outros recursos a ela associados como meio de comunicação objetiva e de uso corrente.

Trouxe a experiência dos sinais emergentes do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES/RJ e influenciou a Região Sul, protagonizando a história da língua de sinais por toda comunidade surda catarinense.

É preciso pensar **como**, na realidade, a comunidade surda catarinense resolveu seus problemas nas diferentes fases da história da língua de sinais e em diferentes gerações dos surdos. Algumas sugestões propostas dizem respeito ao Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina - CSMSC<sup>4</sup>, fundado pelo professor Francisco, também professor da Escola Governador Celso Ramos. Tais fatos trouxeram uma maior interação entre os surdos catarinenses e o contexto social vivido, entre 1946 a 1955, proporcionando a criação de Associações de Surdos em várias regiões do estado de Santa Catarina, em especial, na Escola G. Celso Ramos de 1964 a 1973.

Com o intuito de cumprir os objetivos a que esta pesquisa se propôs, o trabalho será organizado da seguinte forma:

Nesta Introdução, fiz um breve relato da construção deste trabalho de pesquisa, destacando pontos que acredito serem relevantes com relação à língua de sinais em Santa Catarina.

No primeiro capítulo, apresento a delimitação do objeto de pesquisa, a contextualização dos sujeitos surdos na língua de sinais, com o objetivo de pesquisar as mudanças históricas na LIBRAS e possíveis variações linguísticas que ocorrem na trajetória percorrida desde o projeto até a concretização da pesquisa de campo realizada.

No segundo capítulo, apresento alguns pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana, apresento estudos de Labov sobre a centralização de (ay) e (aw), na comunidade de fala da Ilha de Martha's Vineyard, bem como sobre a língua em seu contexto social, a variação e a mudança linguística.

No terceiro capítulo, apresento a contextualização da história social da língua em organizações surdas no país com base na trajetória dos surdos na Europa, América, Brasil e regiões de Santa Catarina.

No quarto capítulo, apresento explicações sobre a variação encontrada na língua de sinais e discutida por diversos linguistas.

No quinto capítulo, apresento a metodologia de coleta das narrativas dos sujeitos surdos por faixa etária e a descrição dos

---

<sup>4</sup> O CSMSC, professor Francisco começou a reunir todos os surdos de Santa Catarina, buscando as pessoas surdas que ficavam isoladas na sociedade. Fazia reuniões periódicas em sua casa com atividade social, alfabetização e oficinas de artes e trabalhos artesanais. Então, em 18 de agosto de 1955 com 30 associados, fundou o Círculo dos Surdos e Mudos de Santa Catarina. Atualmente chamado de: Associação de Surdos da Grande Florianópolis - ASGF.

informantes quanto aos dados colhidos na língua de sinais nas três gerações controladas.

No sexto capítulo, apresento a descrição e a análise dos resultados, a comparação dos dados de cada grupo, nas três gerações de surdos que utilizaram a língua de sinais.

Por fim, nas considerações finais, mostro que esta pesquisa pretende contribuir com resultados sobre a variação e a mudança linguística na Língua de Sinais, e talvez contribuir com o registro dos dados coletados no curso de Letras/LIBRAS, como referência bibliográfica para auxiliar outras pesquisas.

## **CAPÍTULO I – Delimitação do objeto de pesquisa**

### **1.1 – Introdução**

Pretendo pesquisar parte da história da LIBRAS em Santa Catarina de indivíduos surdos, em contextos sócio-históricos e sociolinguísticos, de diferentes regiões do estado, com comunicação de sinais diferentes, idades variadas, gênero diferente, costumes próprios, escolaridade variada, exercendo trabalhos e crenças diferentes, vivenciando fatos históricos, tudo isso acontecendo em contextos distintos. Escolhi o período de 1946 a 2010 para a pesquisa, porque o professor Francisco Lima Júnior, que nasceu em 1928, foi estudar fora da cidade, retornou para Florianópolis em 1946 de seus estudos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, e acredito que ele influenciou o ensino da LIBRAS em Santa Catarina.

Realizar esta pesquisa é um grande desafio, pela dificuldade para encontrar o registro da história da língua de sinais e das variações e mudanças linguísticas ocorridas. Para desenvolver este trabalho é importante saber as influências lexicais e fonológicas ocorridas nessa língua em Santa Catarina, de onde vieram as influências e qual seu reflexo na comunidade surda. E, ainda, se essa língua trouxe uma valorização maior para o grupo de surdos I (mais velhos) e se foi influenciada por fatores sociais e históricos da comunidade surda de Santa Catarina.

Neste capítulo, serão apresentados os seguintes tópicos: a delimitação da pesquisa: mudanças históricas na LIBRAS e variações linguísticas nas décadas de 1940 a 2010; uma contextualização sobre a influência do professor Francisco na comunidade surda; a justificativa sobre a pesquisa feita com as pessoas surdas; o objetivo geral desta pesquisa; e, por fim, a hipótese levantada sobre a influência do professor Francisco na comunidade surda de Santa Catarina com relação à língua de sinais.

### **1.2 – Mudanças históricas na LIBRAS e variações linguísticas de 1946 a 2010, em Santa Catarina.**

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de base empírica, através de coleta de narrativas de sujeitos surdos, na faixa etária de 15 a 80 anos, divididos em três grupos, os quais responderam à seguinte pergunta: “Explique a história da educação do sujeito surdo em Santa

Catarina”. As respostas estão registradas em vídeos, por se tratar de uma língua visual-espacial.

Os dados colhidos são descritos e analisados com o objetivo de verificar se ocorreram variações e possíveis mudanças em tempo aparente em sinais da LIBRAS, identificando linguística e historicamente cada caso.

Nesta pesquisa pretendo aprofundar a história da LIBRAS em Santa Catarina e verificar as variações e mudanças linguísticas ocorridas entre 1946 a 2010, bem como a influência do professor Francisco na comunidade surda do estado de Santa Catarina.

Temos poucos registros históricos no Brasil sobre a comunidade surda e a LIBRAS, e esses, em sua maioria, são escritos por pessoas ouvintes, uma história oral<sup>5</sup>.

Em Santa Catarina a realidade é a mesma, não há registros escritos, documentados sobre a comunidade surda. A LIBRAS foi oficializada em 2001, em Santa Catarina, e em 2002, no Brasil. Ainda é recente e poucos registros temos. É necessário pesquisar mais sobre a LIBRAS, em seus aspectos histórico e linguístico, pois atualmente poucos surdos conhecem sua língua em seus aspectos linguísticos e gramaticais, apenas sinalizam e se comunicam, mas se pedirmos explicações, poucos saberão dá-las, até porque isso não é matéria escolar.

Com os dados coletados e analisados, acredito que poderei entender melhor qual foi a influência ou não do professor Francisco junto à comunidade surda de Santa Catarina. Além dos dados, pretendo fazer isso com o auxílio de reportagens, jornais e revistas catarinenses, bem como através de documentos das instituições que trabalharam, ou trabalham, com pessoas surdas. Também pretendo verificar informações no arquivo Público Catarinense. Espero que, com os depoimentos em vídeos, consiga encontrar evidências de variações e mudanças linguísticas lexicais e fonológicas em LIBRAS que ocorreram desde a década de 1940. Os surdos que deram seu depoimento fazem parte da comunidade surda que participou do movimento surdo catarinense nas últimas décadas. Para analisar as transformações ocorridas, eles foram observados por faixas etárias. Considerando o uso de narrativas sobre a

---

<sup>5</sup> SCHMITT (2008), na dissertação de mestrado apresenta: O que é História Oral – É o estudo das narrativas dos sujeitos da pesquisa, sua versão e memórias do fato pesquisado ocupa-se em registrar essas narrativas (gravações, filmagens, transcrição das entrevistas, recortes da imprensa...), como metodologia de pesquisa.

história dessas pessoas, utilizei as discussões sobre história oral para realizar as entrevistas, conforme Alberti (2005).

A história oral tem uma natureza específica que condiciona as perguntas que o pesquisador pode fazer. Em se tratando de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que viveram, é fundamental que tal abordagem seja efetivamente relevante para a investigação que se pretende realizar. (ALBERTI, 2005, p. 30).

### **1.3 – Objetivo Geral**

Verificar a influência do professor Francisco Lima Júnior sobre a língua de sinais de Santa Catarina e pesquisar variações e possíveis mudanças em tempo aparente na língua de sinais desse educador e de outros oito sujeitos surdos, reunidos por faixa etária diferente em três grupos de indivíduos: Grupo I (de 60 a 80 anos), Grupo II (de 30 a 60 anos) e Grupo III (de 15 a 30 anos). A narrativa desses nove sujeitos surdos será analisada com o propósito de verificar quais as transformações linguísticas ocorridas na comunidade surda atual e quais as diferenças lexicais e fonológicas de uso da LIBRAS nas faixas etárias desses três grupos de gerações investigados.

### **1.4 – Objetivos específicos**

- Identificar as alterações de alguns sinais quanto à variação e mudança fonológica e lexical dentro da língua de sinais e outros sinais que permanecem até a atualidade sem influências externas;
- Comparar a variação e a mudança encontradas na língua de sinais utilizada pelos indivíduos surdos pertencentes a diferentes faixas etárias, representantes de três gerações de sinalizadores;
- Identificar possíveis fatores que condicionam a variação e a mudança linguísticas observadas nos três grupos pesquisados.

Pretendemos pesquisar a língua de sinais em Santa Catarina, observando a narrativa (depoimento) do sujeito surdo, coletada na escola e na associação. Com o surgimento do primeiro espaço de identidade cultural<sup>6</sup> do surdo em contato com o professor Francisco, quando retornou do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/RJ) para Florianópolis, que contribuiu para a melhoria do ensino de língua de sinais aos surdos. Observe-se o que disse Felipe (2001) sobre isso.

Assim, o antigo Instituto continuou como um centro de integração para o fortalecimento do desenvolvimento da LIBRAS, pois segundo Relatório do Diretor Dr. Tobias Rabello Leite, de 1871, esta escola já possuía alunos vindos de várias partes do país dezoito anos retornavam às cidades de origem levando com eles a LIBRAS. (FELIPE, 2001, p. 121).

Quando o professor Francisco, retornou de seu estudo, no INES, percebe-se que influenciou o aprendizado da LIBRAS em Santa Catarina, pois a geração mais nova buscava aprender a língua com os líderes surdos da geração do professor Francisco. Esse espaço foi conquistado pela política de educação de surdos que assegurava o envolvimento com a língua de sinais que atualmente está se expandindo na comunidade surda em nosso estado catarinense.

Esse caminho foi aberto pelo professor Francisco Lima Júnior, que motivou os sujeitos surdos a aprenderem a LIBRAS num período de escolas oralistas; a valorizarem o contato com outros sujeitos surdos e as conversas nas comunidades surdas e associações, levando os surdos da atualidade a lutarem pelos seus direitos e deveres e a aprimorarem os espaços cultural e linguístico, criando assim lideranças nessas comunidades. Isto proporcionou troca de ideias e experiências, necessidade de mais estudos e melhor compreensão da política brasileira para a busca desses direitos. Os surdos da atualidade também criaram uma identidade nessa comunidade, com as trocas aprenderam mais, criaram sinais para palavras novas, melhoraram sinais antigos etc. Para a autora Tanya A. Felipe:

---

<sup>6</sup> SCHMITT (2008), relata que “A pesquisa acadêmica na universidade sobre os problemas na fase de história de ouvinte e a pesquisa na educação de surdos introduz a identidade cultural surda no espaço de conflito que é a educação de surdo. Esse momento cultural do surdo e a área de conhecimento sobre a cultura surda são importantes na realidade das pesquisas que apresentam o sujeito surdo no ensino.”.

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta as mudanças culturais e tecnológicas. Assim a cada necessidade surge um novo sinal e, desde que se torne aceito, será utilizado pela comunidade. (FELIPE, 2001, p. 19).

Percebe-se, na citação da autora, que o contato da comunidade surda<sup>7</sup> acontece através da comunicação visual-espacial. As mudanças tecnológicas, a busca de conhecimento e a cultura influenciam a LIBRAS, fazendo com que a comunidade crie novos sinais e modifique outros sinais mais antigos.

A LIBRAS é considerada uma língua assim como as outras línguas orais, e apresenta variação e mudança linguística. Um dos exemplos de mudança em LIBRAS foi uma mudança discreta<sup>8</sup> do sinal de “MÃE”. A mudança fonológica atinge um dos cinco parâmetros fonológicos da formação de sinais. O ponto de articulação é preservado na mudança do sinal MÃE, a configuração de mãos (CM) muda e é acrescentado o sinal de MULHER tornando o sinal composto.

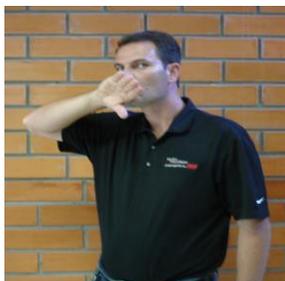


Figura 01 – Sinal de Mãe

É importante retomar aqui quais são esses cinco parâmetros. Stokoe, que por volta de 1960 e 1965, apontou três parâmetros que constituem os sinais e nomeou-os: configuração de mãos (CM); ponto de articulação (PA) ou locação (L) e movimento (M). São eles:

---

<sup>7</sup> Para Felipe (2001, p. 38), “uma comunidade é um sistema social geral, no qual pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras”. PADDEN (1989:5). Para esta pesquisadora, “uma Comunidade Surda é um grupo de pessoas que mora em uma localização particular, compartilha as metas comuns de seus membros e, de vários modos, trabalha para alcançar estas metas”. Portanto, nessa Comunidade pode ter também ouvintes e surdos que não são culturalmente Surdos.

<sup>8</sup> Ocorre quando uma forma (ou sinal) é substituída por outra, de modo não gradual.

- Configuração de mãos – são as diferentes formas que as mãos assumem na representação do sinal;
- Ponto de articulação – é a posição onde as mãos são posicionadas no momento da sinalização;
- Movimento – é o deslocamento das mãos no espaço e em diferentes partes do corpo.

Karnopp (1999) apresenta como resultado de pesquisa que a configuração de mãos se diferencia pela seleção de dedos e a configuração ou posição destes, para efetuar o sinal. Em ASL os dedos selecionados devem permanecer na mesma disposição ou, quando tem mudança de posição, os dedos selecionados devem continuar iguais até o término do sinal. As posições e configurações dos dedos diferenciam-se em: a) difusão dos dedos, adução; b) junção entre os dedos e o polegar, abertura e c) tipo e grau de flexão, apresentando a organização fonológica dos sinais, com ênfase nos articuladores, dos itens lexicais e das restrições na formação de sinais.

A partir de 1970 outros linguistas conduziram estudos mais aprofundados sobre os aspectos fonológicos. Robbin Battison (1974), Edward S. Klima e Ursulla Bellugi (1979) descreveram o quarto parâmetro:

- Orientação – que é a posição da palma da mão, se pra frente ou pra trás, para cima ou para baixo, para o lado esquerdo ou direito.

O quinto parâmetro é a expressão facial/corporal; foi adicionado por Ferreira Brito em 1995 no Brasil.

- Expressões faciais e corporais são elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua. Também chamados de marcadores não manuais. Ex.: a fisionomia para expressar uma pessoa chata e muito chata é intensificada para expressar o que é desejado. Alguns sinais podem ter uma direção e a inversão deste pode significar oposição, contrário ou concordância número-pessoal.



Figura 02 – Sinal de Mãe

Para Quadros (1997), pesquisas evidenciam a perda completa da motivação do sinal na criança surda em fase de aquisição da língua de sinais. Tais sinais como “benção” para **mãe** e **pai** para o surdo adulto até podem ser resgatados. Entretanto, a criança que está adquirindo a língua de sinais e nunca viu esta ação não repete a mesma atitude beijando a mão.

A língua de sinais é diferente em diversos países e até mesmo em diferentes regiões dentro de um mesmo país. A língua de sinais é o que permite a comunicação entre as pessoas surdas; desta forma, os surdos que conhecem a língua de sinais de outras regiões, com certeza, terão maior facilidade de comunicação e também de conhecimento.

Vale ressaltar que toda forma de língua “falada” no contexto social e tudo o que nós vivemos sofre mudanças. Todas as línguas têm influência do tempo decorrido. Na LIBRAS também existem mudanças culturais e linguísticas.

### 1.5 – Questões e Hipóteses de pesquisa na língua de sinais

Nesta pesquisa parto das seguintes questões: 1) O professor Francisco influenciou a LIBRAS em SC? 2) Que variações e mudança linguística vamos encontrar na língua dos nove sujeitos surdos? Acredito que (hipótese) o professor Francisco teve grande influência na comunidade surda de Santa Catarina com relação à Língua de Sinais. Acredito também (hipótese) que muitos dos sinais utilizados pelos Grupos I e II não são conhecidos pelo Grupo III, dos mais jovens. Penso que (hipótese) alguns sinais tiveram alterações quanto a variação e mudança fonológica como também lexical nos três grupos pesquisados. Quando comparar a língua de sinais nos Grupos I, II e III nas diferentes faixas etárias, espero (hipótese) encontrar vários sinais que comprovem variações e mudanças fonológicas e lexicais. Essas hipóteses surgiram de observações como usuário da LIBRAS.

Em relação aos fatores internos e externos que condicionam a variação e mudança linguística e lexical, acredito (hipótese) que o professor Francisco é o precursor do ensino de sinais em Santa Catarina (fator externo). No Grupo II, temos a influência do professor Francisco e de seus primeiros alunos e das associações de surdos, e no Grupo III temos um maior número de surdos nas universidades, precisando criar novos sinais para os novos conhecimentos aprendidos.

Labov, em sua pesquisa, cita “... o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo monitoradas” (LABOV, 2008 [1972], p. 244). Nesta pesquisa a observação aos indivíduos surdos dos três grupos pesquisados acontece de forma diferente, eles sabem que estão respondendo perguntas e que estão sendo filmados.

Pela análise das respostas em língua de sinais e descrição dos surdos, será possível descobrir, através das descrições, aspectos culturais<sup>9</sup> individuais e também obter dados quanto às variações e mudanças linguísticas ocorridas na língua de sinais neste período de tempo, que acontece desde 1946.

Finalmente, esta tese terá o registro dos dados colhidos nos três grupos pesquisados de diferentes gerações, mostrando variações e mudanças linguísticas ocorridas, com os contatos culturais da comunidade surda.

Os fatos sociais desta língua como de qualquer outra podem acontecer em qualquer tempo e em diferentes situações, e quando analisados, neste caso, podemos perceber a mudança dos indivíduos surdos num determinado contexto sócio-histórico e linguístico.

A amostra e/ou dados para a tese de doutorado na UFSC proporcionará análises sobre aspectos variáveis da LIBRAS (variação e mudança fonológica e lexical), com o apoio de autores como Labov, 2008 [1972], Naro, 2003, Weinreich, Labov, e Herzog, 2006 [1968], Calvet, 2002, entre outros.

O período indicado para a pesquisa, que é de 1946 a 2010, pode revelar parte da história da comunidade surda de Santa Catarina e a influência que o professor Francisco Lima Júnior trouxe de contribuição para a língua de sinais de Santa Catarina e para a comunidade surda do estado.

---

<sup>9</sup> PERLIN (2006, p. 65), *Cultura Surda – o livro a Invenção da Surdez II*, explica que a cultura surda esta aí enfatizando, oferecendo transparentemente sua possessão simbólica, sobressaindo com seus discursos narrativos, afirmando a necessidade da reinscrição da diferença cultural e consequente diferença pedagógica.

## **CAPÍTULO II – Pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística laboviana**

### **2.1 – Introdução**

A Sociolinguística se dedica ao estudo da língua falada e do contexto social de uso da língua, ou seja, estuda como os membros de uma sociedade se comunicam em diversas situações em função, por exemplo, do lugar onde cresceram ou de sua posição socioeconômica. A língua surge e também se transforma em função do contexto sócio-histórico.

Como será visto mais adiante, para essa área de conhecimento são fundamentais os conceitos de variação e mudança. O primeiro envolve a coexistência de diferentes formas linguísticas para a expressão de um significado, e o segundo diz respeito à substituição de formas com o passar do tempo. Esses estudos são fundamentados na sociolinguística variacionista, que teve início com as pesquisas de Labov.

Este capítulo traz relatos da pesquisa de Labov, que foi pioneiro na sociolinguística e realizou estudo linguístico na comunidade de fala da Ilha de Martha's Vineyard, associando a influência dos povos que imigraram e colonizaram a ilha às mudanças ocorridas na fala, bem como o turismo que é frequente no verão, com visitantes que falam variedades de uma mesma língua e outras línguas e influenciam o comércio da ilha, fazendo com que variedades e línguas diferentes se misturem quando as pessoas conversam. Num dado momento Labov investigou a centralização de (ay) e (aw), na comunidade de fala da ilha. Foram entrevistados diferentes grupos étnicos: ingleses, portugueses e índios. Isso foi importante para entender mudanças linguísticas ocorridas nessa ilha dos Estados Unidos.

Neste capítulo, serão apresentados os seguintes tópicos: a língua em seu contexto social a partir da teoria laboviana; Labov como pesquisador pioneiro em sociolinguística; o início da pesquisa de Labov na Ilha de Martha's Vineyard com ingleses, portugueses e índios; a maneira como Labov realizou a pesquisa para escolher a variável linguística a ser estudada; a explicação dos dados obtidos por grupos ocupacionais e por idade; a explicação da pesquisa realizada por Labov sobre o aumento da centralização; comentários sobre a interação de padrões linguísticos e sociais na Ilha de Martha's Vineyard; os princípios da mudança linguística; a idade e a variação estável e, por fim, algumas reflexões sobre a idade e a mudança linguística.

## 2.2 – A língua em seu contexto social

A língua é uma forma de comportamento, é usada por seres humanos num contexto social ao comunicarem uns aos outros suas ideias, suas necessidades e emoções. Sendo assim, o comportamento linguístico de um grupo pode variar de acordo com as experiências vividas numa comunidade. Para Labov (1972), o estudo da origem da evolução da linguagem, que é a ciência que estuda a parte da linguística incluída no contexto social, é buscado no comportamento linguístico de um grupo social, isto é, de uma comunidade de fala<sup>10</sup>.

Não se trata de um grupo de falantes que utilizava a mesma forma de fala, mas do grupo que segue as mesmas normas quanto ao uso da linguagem. No caso da linguagem gestual, um exemplo disso seria de um surdo com uma família de ouvintes/falantes que não fica isolado na questão da língua, pois começa a frequentar uma associação de surdos e aprende a língua de sinais. Neste espaço, ele aprende a comunicar-se na língua de sinais e não apenas numa língua gestual caseira.

Para entender o comportamento linguístico de uma comunidade de fala vão ser retomados alguns estudos pioneiros de Labov, da década de 1960. Antes, porém, é importante entender quem é esse pesquisador e alguns dos trabalhos que ele fez.

### 2.2.1 – LABOV: pesquisador pioneiro em sociolinguística

William Labov nasceu na cidade de Rutherford, em Nova Jersey, no dia 4 de dezembro em 1927. Começou sua carreira de estudo em Harvard em 1948; químico, trabalhou na área industrial de 1949 a 1961. Ele iniciou suas pesquisas como linguista nos Estados Unidos com foco de estudo direcionado ao contexto social, à comunidade de fala e às mudanças sonoras da língua.

A observação de Labov sobre os padrões sociolinguísticos na ilha de Martha's Vineyard resultou na publicação do seu trabalho apresentado no 37º Encontro Anual da Sociedade Americana de Linguística em Nova York, nos Estados Unidos, em 1963. Nesse trabalho, o pesquisador apresentou suas considerações sobre a mudança sonora dos ditongos (ay) e (aw) no contexto da comunidade de fala da

---

<sup>10</sup> Segundo COELHO et al. (2010, p. 163), Comunidade de fala – “noção que recobre tanto aspectos sociais quanto linguísticos, envolvendo atitudes/norma sociais compartilhadas pelos falantes que, por sua vez, compartilham características linguísticas que os diferem de outros grupos sociais”.

ilha.

O autor estudou, também, na Columbia University sob a orientação do Professor Uriel Weinreich - doutorado em linguística em 1964 – com quem realizou e aprofundou sua pesquisa em sociolinguística sobre a língua falada.

É um pesquisador amplamente considerado na área da pesquisa linguística por sua metodologia em sociolinguística. Em seus trabalhos, o autor mostra aspectos de variação dialetal e mudança da língua inglesa na sociedade da Ilha de Martha's Vineyard e em Nova York<sup>11</sup>, através de estudos de variação fonológica.

Em 1972, Labov publicou seu livro: *Sociolinguistic Patterns*, University of Pennsylvania Press, original em Inglês, o qual teve seu volume traduzido para o português e publicado em 2008, no Brasil.

Ele pesquisou durante meses na Ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, as variáveis fonéticas (ay) e (aw) em diferentes localidades, faixas etárias<sup>12</sup>, grupos profissionais e étnicos da ilha. Com esse estudo conseguiu reconstruir a história social da comunidade daquela ilha a partir da frequência e distribuição dessas duas variáveis, para verificar se ocorreu mudança sonora, correlacionando o complexo padrão linguístico com a estrutura social, através da investigação de fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico.

Sobre a mudança linguística podemos destacar três principais características relevantes na pesquisa que Labov (2008 [1972], p. 19) desenvolveu na Ilha:

- a origem das variações linguísticas;
- a difusão e a propagação das mudanças linguísticas e
- a regularidade da mudança linguística.

Labov investigou como aconteceu a variação do inglês americano em uma determinada comunidade a partir das influências sociais que vieram do contato entre os indivíduos das localidades pesquisadas.

---

<sup>11</sup> A pesquisa de Labov na ilha de Martha's Vineyard foi escolhida por mim, porque Francisco viveu em Florianópolis e agrupou os surdos de SC tendo como referência uma ilha, que se parece muito com Martha's: nas temporadas de verão, os turistas do país e do exterior lotam a cidade fortalecendo a economia do lugar.

<sup>12</sup> Ao analisar faixa etária podemos detectar mudança em tempo aparente, através da comparação entre grupo dos falantes mais velhos e jovens ou variação estável.

Pela indução, as variações fonológicas podem ocorrer pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou outros processos linguísticos em que haja a interação entre o sistema linguístico de características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo.

O autor realizou a pesquisa na comunidade de falantes de Martha's Vineyard nos EUA, em Massachusetts, para verificar o grau de centralização de sons, no caso, (ay) e (aw), em diferentes momentos e situações daquela comunidade, como veremos nas próximas seções.

### **2.2.2 – A Ilha de Martha's Vineyard**

Martha's Vineyard é a maior ilha ao largo da costa da Nova Inglaterra, abrange quase uma centena de quilômetros quadrados de área.

A ilha antigamente era povoada por grupos de índios que estavam relacionados com a Wampanoags no estado sudeste de Massachusetts. Num primeiro momento, os europeus ocuparam a ilha, e com o passar do tempo aprenderam com os índios de diferentes tribos de Martha's Vineyard a pescar e a utilizar a agricultura.

O primeiro assentamento europeu aconteceu em 1644 na ilha. O governador de Winthrop de Boston, norte dos Estados Unidos, nessa época, anotou em seu jornal local que algumas pessoas de Watertown eram surdas e se comunicavam através de sinais<sup>13</sup>, isso ajudou na divulgação da língua inglesa, que começou a ser usada pelos habitantes de Martha's Vineyard. Este grupo vinha de famílias do estado de Massachusetts em Bay Colony, que resolveu morar na Ilha.

A Ilha de Martha's Vineyard na década de 1960 era formada por uma pequena população de 6.000 falantes nativos, dividida em três grupos étnicos: ingleses, portugueses e índios. A pesquisa de Labov levou em consideração as três etnias. Foram entrevistados 69 indivíduos daquela sociedade. Dentre eles, os números entrevistados foram: 42

---

<sup>13</sup> Realizei a pesquisa no livro que se chama "*Everyone Here Spoke Sign Language*" da autora (Groce, 1952), achei interessante a leitura, mas fui riscando e analisando de acordo com minha compreensão do texto e comparando com o que Labov (2008), apresentou no livro: Padrões Sociolinguísticos. É importante salientar que a pesquisa apresentada no livro de Groce é interessante para realizar estudos na comunidade surda na língua de sinais.

ingleses, 16 portugueses e 9 índios, de grupos étnicos essencialmente endógamos<sup>14</sup>. Labov controlou também diferentes grupos ocupacionais: 14 na pesca, 8 na agricultura, 6 na construção, 19 no ramo de serviços, 3 profissionais liberais, 5 donas de casa e 14 estudantes. Fez entrevista formal e observações em muitas situações espontâneas: nas ruas de Vineyard Haven e Edgartown, em lanchonetes, restaurantes, bares, embarcadouros e diversos lugares onde o som geral da conversa pública podia ser anotado, quando não gravado. As anotações serviam apenas como controles suplementares sobre as entrevistas gravadas. As entrevistas aconteceram em três períodos: agosto, final de setembro/outubro de 1961 e janeiro de 1962, com pessoas de idades que variaram de 14 a 75 anos.

As duas principais variáveis estudadas na ilha foram (ay) e (aw). O significado linguístico das formas em variação era o mesmo, mas a situação de fala era diferente na comunidade. Como resultado das entrevistas, o autor obteve aproximadamente 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500 ocorrências de (aw), como base de dados para sua pesquisa.

O primeiro grupo étnico, formado por descendentes das famílias mais velhas de origem inglesa, foi para a ilha nos séculos XVII e XVIII. As famílias inglesas eram: os Mayhews, Nortons, Hancocks, Allens, Tiltons, Vincents, Wests e Pooles; que com o passar dos anos influenciaram a língua inglesa falada na ilha e a cultura da comunidade. O segundo grupo étnico era formado por famílias de imigrantes açorianos, vindos de Cabo Verde em Portugal. Esses imigrantes portugueses, ao longo de toda costa da Nova Inglaterra, representaram o percentual mais alto de centralização em Martha's Vineyard.

A ilha foi dividida em duas partes mais relevantes para a pesquisa: a ilha alta (*up-island*) e a ilha baixa (*down-island*), num total de 5.563 (cinco mil, quinhentos e sessenta e três) habitantes na década de 1960. A ilha alta era organizada por pessoas que viviam em meio rural, poucos lugares, fazendas, casas de veraneio abandonadas, lagoas de água salgada e pântanos, era uma área geográfica central desabitada e com pinheirais improdutivos. A ilha baixa era uma região formada por três pequenos centros urbanos, onde vivia cerca de três quartos da população.

A população de Martha's Vineyard na década de 1970 era de 11.725 habitantes, na parte alta da Ilha (rural) era de 3.846, Edgartown

---

<sup>14</sup> É o indivíduo que se casa com membros da mesma tribo, para conservação de sua nobreza e raça.

1.118, Oak Bluffs 1.027, Vineyard Haven 1.701 e na parte baixa da Ilha (Vilarejos) 1.717, Edgartown 256, Oak Bluffs 292, Tisbury 468, West Tisbury 360, Chilmark 238, Gay Head 103.

## Mapeamento da Ilha de Martha's Vineyard

Em 1960

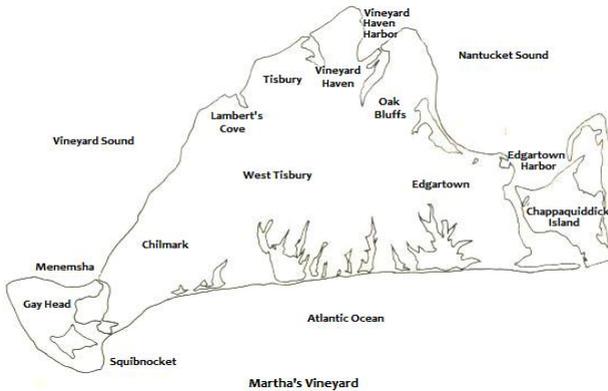


Figura 03 – Retirado do livro de GROCE, Nora Ellen. Everyone Here Spoke Sign Language. Hereditary Deafness on Martha's Vineyard. Printed in the United States of America, 1952.

**Em 1960**

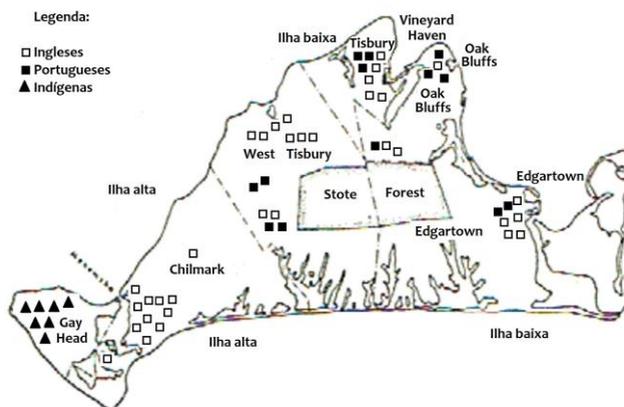


Figura 04 – Retirado do livro de LABOV, Willian. Padrões Sociolinguísticos, 2008 [1972].

**Atualmente em 2012**

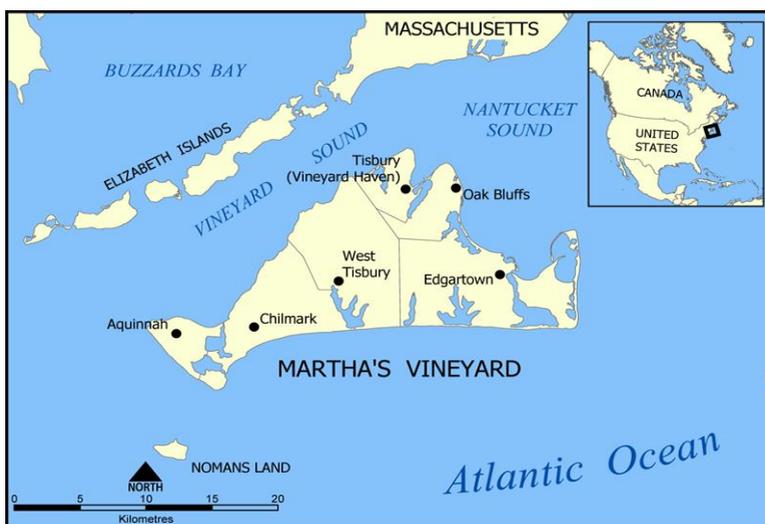


Figura 05 – 10/09/2011, retirado no site [http://ca.wikipedia.org/wiki/Martha%27s\\_Vineyard](http://ca.wikipedia.org/wiki/Martha%27s_Vineyard)

A população na Ilha, no ano de 1960, estava constituída de 11% de descendentes da primeira ou da segunda geração de imigrantes portugueses. Das terceiras e quartas gerações provavelmente chegaria próximo aos 20%.

Quanto ao terceiro grupo étnico, eram remanescentes de indígenas de GAY HEAD. O quarto grupo é uma Miscelânea de famílias de imigrantes europeus que vieram da: Inglaterra, França-Canadá, Irlanda, Alemanha e Polônia. Apesar de que a soma desses imigrantes seja de aproximadamente 15%, não foi levada em conta, por não ser uma força social coesa.

Segundo Labov, todos os anos, no verão, muitos turistas chegavam à ilha, nos meses de junho/julho, passando de 6.000 habitantes para 42.000 habitantes, representando um número expressivo, mas não foi diretamente analisado, porque a influência direta destes veranistas sobre o falar em Vineyard era relativamente pequena. A constante pressão vinda na comunicação, junto à crescente dependência econômica criada pelo turismo, gera indiretamente mudanças linguísticas.

Os veranistas estrangeiros falam uma língua própria em seu país, vão a passeio à Ilha para conhecer e explorar a cidade e também o povo daquela ilha, fazendo trocas neste convívio e, de alguma forma, promovem mudanças econômicas, políticas, culturais, sociais e linguísticas.

O autor constatou que a Ilha de Martha's Vineyard, além da variação estudada que é a centralização dos ditongos, os falantes também usam as formas variáveis do -r pós-vocálico, em palavras como car (carro), four (quatro), card (cartão), fourth (quarto) (podemos verificar ocorrência semelhante na língua falada oral com o sotaque que se modifica). Diferente do padrão comum do sudeste da Nova Inglaterra, [ai] e [au], com frequência se ouve na ilha [ɛi] e [ɛu], ou mesmo [əi] e [əu]. Labov (2008 [1972], p. 27) escreve o seguinte:

“Esse aspecto dos ditongos centralizados é saliente para o lingüista, mas não para os falantes; é claramente imune à distorção consciente, já que os vineyardenses nativos não se dão conta dele, nem conseguem controlá-lo conscientemente. No que diz respeito à estrutura, não podemos desprezar o paralelismo estrutural de /ay/ e /aw/; por outro lado, esses ditongos são marcados por grande liberdade estrutural na gama de alofones permitida pelo sistema. Essas são diferenças estritamente subfonêmicas. Uma vez que não existem outros ditongos

crescentes com primeiros elementos baixo ou central nesse sistema, não é provável que o alçamento continuando, ou ate a posteriorização ou anteriorização, resultasse em confusão com qualquer outro fonema”.

Labov em sua pesquisa mostrou a pronúncia variável dos ditongos (ay) e (aw) na comunidade de fala considerando traços sociais dos moradores da localização alta (rural) e baixa (vilarejos) da Ilha através de um mapeamento da fala. Ele investigou (ay) como o ditongo em palavras do inglês (ex: *right, white, pride, wine ou wife*) e (aw), ditongo encontrado nas palavras do inglês como *house, out e doubt*, por exemplo.

Ele realizou procedimentos de observação e identificação da comunidade de fala em duas localizações diferentes: em Martha's Vineyard e Nova York. Estudou as realizações de (ay) e (aw) em várias regiões da ilha e do estado, entre as faixas etárias dos informantes, entre grupos de profissionais e, também, entre os grupos étnicos (raça e cor). E em Nova York pesquisou em três lojas de departamento sobre a realização de [r] em posição final e pré-consonantal na fala de funcionários destas lojas. Labov (1994) analisou o uso de [r], que poderia ser pronunciado ou não, na fala de 264 pessoas, levando-os a responder de forma que aparecesse na fala a expressão *fourth floor* (quarto andar), porque essa expressão contém [r] nas duas proposições pretendidas: pré-consonantal (*fourth*) e final (*floor*). Labov com essa pesquisa nos Estados Unidos mostrou que o vernáculo de Nova York continuou sem o [r] por muito tempo, mas como a pronúncia do [r] era prestigiada passou a ser usada pelas classes mais altas e pelos jovens, sensíveis pela questão do *status* social.

Desse modo, Labov desenvolveu suas pesquisas com base em procedimentos metodológicos que pudessem reconstruir a história recente da mudança linguística da pronúncia dos ditongos e do [r] pós-vocálico. Neste trabalho vão ser detalhados os resultados da pesquisa em Martha's Vineyard.

### 2.2.3 – Seleção da variável linguística

Na seleção da variável linguística, é importante perguntar quais são as propriedades mais úteis de uma variável linguística, servindo de foco de pesquisa de uma determinada comunidade de falantes.

Labov pensou, como primeiro passo da pesquisa, em verificar um item que ocorra com frequência numa conversação espontânea e que

possa ser mapeado. Em segundo, deve ser estrutural, ou seja, quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico intrínseco ao estudo. E, finalmente, em terceiro, a distribuição do traço deve ser estratificada, observando a faixa etária, o grupo de profissionais ou outros extratos da comunidade de fala. Labov apresentou a pesquisa preliminar sobre o estudo do som na fala da comunidade em várias categorias, buscando os dados das pessoas que falavam em diferentes situações linguísticas na ilha, como mostra a citação abaixo:

Nas entrevistas preliminares conduzidas em Martha's Vineyard em 1961, foram observadas diversas mudanças estruturais que eram claramente paralelas a mudanças que ocorreriam no continente sob a influência do padrão do sudeste da Nova Inglaterra. (LABOV, 2008 [1972], p. 26).

É importante ressaltar que a Ilha de Marthas's Vineyard tem conservado traços arcaicos, provavelmente a população era do sudeste da Nova Inglaterra antes de 1800. Estudos preliminares em 1961 mostraram que a maior parte dos traços especiais do falar da ilha apresentado, nos mapas do LANE<sup>15</sup>, ainda podiam ser encontrados entre os falantes de 50 a 95 anos de idade.

Labov queria entender a estrutura interna do inglês Vineyardense, as diferenças sistemáticas que já haviam ocorrido e as mudanças que estavam ocorrendo, por isso selecionou um aspecto linguístico característico da ilha, com o maior número possível de variação e o mais complexo padrão de distribuição. Ele começava a pesquisa entrevistando indivíduos falantes na comunidade, com o objetivo de detectar variações linguísticas<sup>16</sup> geográficas, sociais e estilísticas.

---

<sup>15</sup> Linguistic Atlas of New England. Trata-se de um projeto que registrou a fala de habitantes da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, na década de 1930. Segundo O'Cain (1979, p. 243), "LANE samples the speech of the older and rural representatives of the culture, thus establishing late nineteenth-century bench marks for the study of the New England dialects, and also samples younger and urban speakers, thus indicating general and particular trends of change".

<sup>16</sup> COELHO et al. (2010, p. 166) lembram que variação é o "processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade, i.e., com o mesmo significado. Dois requisitos precisam, pois, ser cumpridos para que ocorra variação: as formas envolvidas precisam (i) ser intercambiáveis no mesmo contexto e (ii) manter o mesmo significado".

Na comunidade linguística<sup>17</sup> de falantes, através da forma de falar na conversa espontânea e no comportamento, o autor mostrou que havia diferenças linguísticas na ilha de Martha's Vineyard e no sudeste da Nova Inglaterra, de onde migraram pessoas para a colonização da ilha.

Em sua pesquisa Labov observou que: “no caso do /r/ pós-vocálico, os falantes apresentavam uma variável linguística definida pelos limites geográficos da ilha, e que segue um padrão social idiossincrático a Martha's Vineyard” (LABOV 2008 [1972], p. 27). Em algumas áreas a retroflexão estava diminuindo, e em outras aumentando. As variações do /r/ eram frequentes, salientes e envolviam consequências estruturais determinantes para o sistema vocálico inteiro.

Labov em sua pesquisa mostrou variações linguísticas que ocorreriam na Ilha, em uma mesma palavra com ditongos centralizados, como no caso do (ay) e do (aw), na fala dos grupos pesquisados. Para Labov:

A propriedade deste traço de centralização que o faz parecer excepcionalmente atraente, até mesmo à primeira vista, é a indicação de um complexo e sutil padrão de estratificação. Essa mesma complexidade dá provas de ser recompensadora, pois quando a tendência centralizante é mapeada nos hábitos de vários falantes, e a influência do ambiente fonético, prosódico e estilístico é considerada, permanece uma ampla área de variação. (LABOV, 2008 [1972], p. 27 e 28).

Na comunidade de fala, o ambiente, o espaço, os diferentes interlocutores, as diferentes situações no modo de falar interferem no sistema fonético, prosódico e estilístico da língua falada.

As mudanças sonoras são estudadas no momento presente e no passado, buscando novos conhecimentos/explicações sobre uma

---

<sup>17</sup> DUBOIS, J. et al. (2006, p. 133), entendem por “comunidade linguística um grupo de seres humanos que usam a mesma língua ou o mesmo dialeto, num dado momento, e que podem comunicar-se entre si. Quando uma nação é monolíngue, constitui uma comunidade linguística. Mas a comunidade linguística não é homogênea: compõe-se sempre de um grande número de grupos que tem comportamentos linguísticos diferentes. A forma de língua que os membros desses grupos usam tende a reproduzir, de uma maneira ou de outra, na fonética, na sintaxe ou no léxico, as diferenças de geração, de origem, de residência, de profissão ou de formação (diferenças socioculturais)”.

determinada área da comunidade falada, as influências, as mudanças fonêmicas ocorridas e suposições de como será no futuro.

Labov escreve que na Ilha de Marthas's Vineyard os veranistas têm apenas uma leve impressão da fala dos nativos, pois de cada oito pessoas na ilha, sete são visitantes. Para Labov, os veranistas não tinham muita importância naquela comunidade, pois na primeira semana de setembro, eles voltavam para seu lugar de origem. E apenas ficavam os moradores da ilha. Continuavam a utilizar um alto grau de centralização de (ay) e (aw), na ilha alta e também nas áreas do vilarejo da ilha baixa, o turismo não interferia nesse aspecto.

Labov escreve que:

A fim de estudar sistematicamente esse traço, foi necessário conceber um modelo de entrevista que fornecesse vários exemplos de (ay) e (aw) na fala espontânea, na fala emocionalmente carregada, na fala monitorada e no estilo de leitura. O primeiro desses ditongos tem mais do dobro da frequência de uso do segundo, mas, mesmo assim, diversas estratégias foram necessárias para aumentar a concentração de ocorrências de ambos. (LABOV, 2008 [1972], p. 31).

Para pesquisar a frequência dos ditongos de (ay) e (aw), Labov utilizou como estratégia um questionário lexical, concentrando-se em algumas palavras e utilizando os mapas de LANE. Além disso, formulou perguntas acerca de juízos de valores e orientação social do informante e, por fim, um texto para leitura especial, como um teste de habilidade para ler uma história.

#### **2.2.4 – Distribuição por idade e tempo**

Para cada falante, o grau geral de centralização foi expresso por valores numéricos multiplicados por 100. Veja a tabela 01: Centralização por grupos ocupacionais.

Na centralização por grupos ocupacionais, Labov chegou à conclusão de que o grupo dos pescadores, na fala, centralizava mais os ditongos (ay) e (aw) do que os fazendeiros e outros pesquisados.

<b>Ocupação</b>	<b>(ay)</b>	<b>(aw)</b>
Pescadores	100	79
Fazendeiros	32	22
Outros	41	57

Tabela 01 – Centralização de (ay) e (aw) por grupos ocupacionais (LABOV, 2008 [1972], p. 46)

A tabela 01 mostra as tendências de centralização dos ditongos em função dos grupos profissionais. Os resultados apontam que os pescadores usam mais centralização de (ay) e de (aw), num total numérico de 100 e de 79, respectivamente. Para os fazendeiros, os resultados apontam 32 para (ay) e 22 para (aw) e, para as outras ocupações, 41 para (ay) e 57 para (aw). A diferença de resultados com relação à centralização dos ditongos pelos falantes na ilha em Martha's Vineyard confirma o fato de pescadores usarem mais centralização do que os demais informantes.

Na centralização de (ay) e (aw) por faixa etária, Labov escreve:

A centralização de (ay) e (aw) parece exibir um aumento regular em faixas etárias sucessivas, alcançando um pico no grupo de 31 a 45 anos. Temos agora de examinar as razões para considerarmos esse padrão como uma evidência de mudança histórica no desenvolvimento de Martha's Vineyard. (LABOV, 2008 [1972], p. 41).

Vejamos a tabela:

<b>Idade</b>	<b>(ay)</b>	<b>(aw)</b>
75	25	22
61 – 75	35	37
46 – 60	62	44
31 – 45	81	88
14 – 30	37	46

Tabela 02 – Centralização de (ay) e (aw) por faixa etária (LABOV, 2008 [1972], p. 41)

Na tabela 02, Labov apresenta na coluna à esquerda a variável independente<sup>18</sup> “idade” (externa), distribuída em diferentes faixas etárias, tendo início a partir de 14 anos até acima de 75 anos. A coluna central e a da direita apresentam as duas variáveis dependentes<sup>19</sup> fonológicas (internas) – os ditongos (ay) e (aw). Finalmente, a tabela apresenta a centralização de cada um dos ditongos de acordo com a faixa etária do falante na Ilha de Martha’s Vineyard.

O fato de ser mínimo o percentual de centralização para os muito velhos e para os muito jovens mostra que o efeito da idade não pode ser inteiramente descartado e que, de fato, pode ser um fator secundário na distribuição pelas faixas etárias. (LABOV, 2008 [1972], p. 44).

Labov analisou em sua pesquisa índices calculados por ele a partir da centralização dos ditongos num total de 477 centralização de (ay) e (aw), sendo 240 de (ay) e 237 de (aw). Ele percebeu na distribuição entre as cinco faixas etárias um aumento percentual gradativo, com o resultado maior de centralização no grupo de 31 a 45 anos. Por fim, Labov em suas pesquisas sociolinguísticas observou uma possível mudança da língua nas diferentes faixas etárias da comunidade de fala de Martha’s Vineyard, com o controle da atuação de vários fatores internos e externos na centralização de (ay) e (aw).

### **2.2.5 – Uma explicação possível para o aumento da centralização**

O exame da centralização, segundo Labov, da variável dependente em estudo foi meramente descritivo e quando Labov tentou explicar o fenômeno deparou-se com a seguinte questão: quais variáveis independentes seria importante examinarmos? Labov supõe que a centralização desceu a um ponto baixo no final da década de 1930, e no pós-guerra iniciou a subida. Observe:

---

<sup>18</sup> COELHO et al. (2010, p. 166), “Variáveis independentes – fatores que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante, e que permitem ao linguista sugerir em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua (s) “rival (is)””.

<sup>19</sup> COELHO et al. (2010, p. 166), “Variável dependente – aspecto ou categoria da língua que se encontra em variação”.

Permanece a questão inicial: a de explicar (ou de oferecer um contexto mais amplo para) o aumento geral da centralização na ilha. Por que Martha's Vineyard deu as costas para a história da língua inglesa? Acredito que podemos encontrar uma explicação específica se estudarmos a configuração detalhada desta mudança sonora em função das forças sociais que afetam mais profundamente a vida da ilha. (LABOV, 2008 [1972], p. 45).

As primeiras análises revelaram algumas correlações sociais notáveis. A tabela 03, distribuição geográfica da centralização, mostra as tendências nas áreas da ilha alta rural a favorecer mais a centralização do que nas áreas dos vilarejos da ilha baixa. A tabela 03 mostra os resultados sobre diferenças geográficas entre os moradores da ilha com relação à centralização dos ditongos nas duas principais partes da ilha, nas áreas da ilha alta rural e vilarejos na parte da ilha baixa.

Os resultados de pesquisa sobre a centralização podem ser vistos na tabela a seguir:

	(ay)	(aw)
<b>Ilha baixa</b>	35	33
Edgartown	48	55
Oak Bluffs	33	10
Vineyard Haven	24	33
<b>Ilha alta</b>	61	66
Oak Bluffs	71	99
N. Tisbury	35	13
West Tisbury	51	51
Chilmark	100	81
Gay Head	51	81

Tabela 03 – Distribuição geográfica da centralização (LABOV, 2008 [1972], p. 45)

Estarão essas variáveis sociais vinculadas, de algum modo demonstrável, à mudança lingüística? Serão realmente independentes umas das outras, ou algumas das correlações estão equivocadas, e são dependentes de algum fator mais amplo que é logicamente prévio a elas? Se tal fator mais amplo existe, precisamos indagar como ele se originou e de que modo está vinculado aos eventos lingüísticos. Uma abordagem simplista e contabilística

não responderá a essas perguntas. Teremos de buscar respostas na estrutura social da ilha e nas pressões que motivam as mudanças sociais da Martha's Vineyard contemporânea. (LABOV, 2008 [1972], p. 46).

A mudança linguística dos grupos era identificada com os costumes da ilha de Martha's Vineyard, e Labov conduziu sua pesquisa com pessoas que habitavam este local e viviam mais de acordo com os seus costumes tradicionais. Labov acreditava que as mudanças linguísticas poderiam ser correlacionadas às relações sociais dos moradores da ilha e, por isso, realizou sua pesquisa observando os comportamentos linguísticos somente das pessoas nativas da ilha.

### **2.2.6 – A interação de padrões linguísticos e sociais**

A Ilha de Martha's Vineyard até hoje em dia é um lugar belíssimo, atrai muitos turistas, inclusive políticos americanos. As pessoas que viviam lá na década de 1960 não tinham vida fácil na sociedade americana. Era o local com renda mais baixa no município de Massachusetts. Labov traz essas informações do Censo de 1960<sup>20</sup>. Os moradores da ilha dependiam do turista, a economia melhorava muito na temporada. Na Ilha de Florianópolis acontece algo parecido. Na temporada de verão, o turista do país e do exterior lota a cidade fortalecendo a economia do lugar.

Florianópolis também é uma ilha belíssima, com temporadas de turistas que vêm conhecer e aproveitar os lugares: ir às praias, passear nos Shopping, comprar nas lojas, ir a restaurantes etc. Labov quando relata sua pesquisa, na Ilha de Martha's Vineyard, parece estar comentando de Florianópolis. Os moradores da ilha aproveitam para alugar suas casas, vender seus produtos, principalmente para os turistas mais ricos. Então, há uma movimentação econômica muito grande, assim como uma troca com relação à língua falada.

Como diz Labov (2008 [1972], p. 49) “Os chilmarkenses se orgulham muito de suas diferenças em relação aos moradores do continente”:

---

<sup>20</sup> O Censo de 1960 mostra que a ilha de Martha's Vineyard se trata do município mais pobre de Massachusetts: tem a média de renda mais baixa, o mais alto número de pessoas pobres e o menor número de pessoas ricas. (LABOV, 2008 [1972], p. 47).

Vocês que vêm para cá, para Martha's Vineyard, não entendem os costumes das velhas famílias da ilha... costumes e tradições estritamente marítimos... e aquilo que nos interessa, o resto da América, essa parte do outro lado aqui da água que pertence a vocês e com que nós não temos nada a ver, se esqueceu completamente... Acho até que nós usamos um tipo de língua inglesa totalmente diferente... pensamos diferente aqui na ilha... é quase uma língua separada dentro da língua inglesa.

Interessante se faz notar que, no lugar de Chilmark, a comunidade na ilha vive a tradição da família, os costumes vêm de geração em geração. O estrangeiro de língua inglesa quando conhece o lugar, pode influenciar a língua falada na ilha, pois seu inglês é diferente.

Os resultados reunidos com o maior grau de centralização de (ay) e de (aw) são mostrados na tabela 04, organizados por ocupação, região ou localidade em que moram e faixa etária.

<b>Ocupação, Região, Idade</b>	<b>(ay)</b>	<b>(aw)</b>
Pescador de Chilmark, 60 anos	170	111
Pescador de Chilmark, 31 anos	165	211
Pescador de Chilmark, 55 anos	150	124
Pescador de Edgartown, 61 anos	143	107
Pescador de Chilmark, 33 anos	133	79
Pescador de Edgartown, 52 anos	131	131

Tabela 04 – Cruzamento de fatores: 6 falantes com o maior grau de centralização (LABOV, 2008 [1972], p. 50)

Na região Edgartown, dois pescadores que são irmãos, descendentes de famílias antigas, mantêm sua posição à beira mar de Edgartown, trabalhando, mesmo frente à invasão dos veranistas.

Nas tabelas 01 e 04, verifica-se que, de todos os grupos ocupacionais, o de pescadores é o que utiliza um maior índice de centralização. Labov tentou fazer tabulações cruzadas extensas entre as tabelas 04 e 05, mas chegou à conclusão que o número era pequeno

demais. Exemplificou com o grupo de pescadores de Chilmark, na faixa etária de 30 a 60 anos. Percebeu que cinco informantes têm índices médios de 148 para (ay) e 118 para (aw), o mais elevado do que qualquer outro grupo social da ilha. Labov concluiu, então, que a grande escalada da centralização começou na ilha alta entre os pescadores de Chilmark.

Veja agora os resultados da faixa etária por grupo étnico.

Faixa etária	Ingleses		Portugueses		Indígenas	
	(ay)	(aw)	(ay)	(aw)	(ay)	(aw)
Mais de 60	36	34	26	26	32	40
46 a 60	85	63	37	59	71	100
<b>31 a 45</b>	<b>108</b>	<b>109</b>	<b>73</b>	<b>83</b>	<b>80</b>	<b>133</b>
Menos de 30	35	31	34	52	47	88
Todas as idades	67	60	42	54	56	90

Tabela 05 – Centralização por grupos étnicos (LABOV, 2008 [1972], p. 46)

A tabela 5 apresenta a centralização por faixa etária em cada um dos grupos étnicos principais (ingleses, portugueses e indígenas). Labov concluiu que:

Vemos que a centralização atinge o ápice na faixa etária de 30 a 45 anos, e que a centralização de (aw) alcançou ou ultrapassou (ay) neste ponto. Essa faixa etária tem estado sob uma pressão muito mais forte do que qualquer outra; os homens cresceram numa economia declinante, depois de fazerem uma escolha mais ou menos deliberada de permanecer na ilha em vez de abandoná-la. A maioria deles esteve nas forças armadas durante a Segunda Guerra Mundial ou no conflito da Coreia. Muitos freqüentaram uma faculdade, pois o grupo de ascendência inglesa tem um grande apreço pela educação superior. Em algum momento, cada um desses homens escolheu levar uma vida apertada em Martha's Vineyard, enquanto muitos de seus contemporâneos partiram para ganhar mais dinheiro ou mais reconhecimento em outro lugar. (LABOV, 2008 [1972], p. 50 e 51).

Exemplificou com relatos as interferências que ocorreram no modo de falar na ilha. Uma delas: “Sabe, o E. nem sempre falou desse jeito... foi só depois que ele voltou da faculdade. Acho que ele queria

ficar mais parecido com os homens das docas...”

Labov concluiu:

Aqui vemos um caso nítido de hipercorreção atuando e, com base em outros indícios também, é razoável supor que essa é uma força muito regular de implementação da tendência fonética que estamos estudando. (LABOV, 2008 [1972], p. 52).

Muitos dos jovens de antigas famílias não permanecerão na ilha, e isto reflete nos índices da tabela. Através de uma leitura padronizada de um texto com os jovens, Labov observou que existia diferença na fala dos que permaneciam na ilha, exibiam forte centralização, enquanto os que queriam sair mostravam pouca ou nenhuma centralização.

Das informações obtidas surgiu um padrão unificado que exprimia o significado social dos ditongos centralizados, evidenciando “que o significado imediato desse traço era o Vineyardense”. Labov esclarece que, pelo fato de os grupos terem que responder a desafios diferentes a seu *status* nativo, desenvolvia-se um modo complexo no traço fonêmico.

Labov exemplifica isso abaixo:

O grupo das antigas famílias de origem inglesa tem sido submetido a pressões vindas de fora: seus membros estão lutando para manter sua posição independente diante de um persistente declínio da economia e diante do assédio ininterrupto dos veranistas. O membro da comunidade de orientação tradicional naturalmente busca seus valores nas gerações passadas: essas gerações passadas formam um grupo de referência para ele. (LABOV, 2008 [1972], p. 57).

Na geração mais jovem dos ingleses, o efeito diferencial no grau de centralização manteve-se na tradição, eles tinham os ancestrais como referência, se consideravam independentes enquanto pescadores, acreditavam que a ilha lhes pertencia. Mantinham sua posição econômica. Se pretendiam sair da ilha, a influência dos antepassados diminuía consideravelmente.

No grupo de portugueses, eles não enfrentavam o dilema de partir ou ficar na ilha; o principal desafio a que esse grupo tinha reagido provinha do grupo inglês, que tinha servido de referência até pouco tempo. Para os portugueses, o mais urgente era afirmar-se em sua identidade como ilhéu. Os indígenas se ressentiam dos obstáculos que

enfrentavam na ilha, mas tinham adotado muito dos valores dos Chilmarkenses. Com poucos recursos linguísticos, ficava difícil insistir em sua identidade indígena.

Labov (2008 [1972], p. 59), examinando as entrevistas de cada informante, situou-as em três categorias:

Positivo – exprime sentimentos definitivamente positivos acerca de Martha’s Vineyard; neutra – expressa sentimentos nem positivos nem negativos acerca de Martha’s Vineyard; negativa – indicada o desejo de ir viver em outro lugar.

Agora observe na tabela 06 o resultado da centralização segundo a atitude dos três grupos de falantes quanto à ilha.

<b>Pessoas</b>		<b>(ay)</b>	<b>(aw)</b>
40	Positiva	63	62
19	Neutra	32	42
6	Negativa	09	08

Tabela 06 – Centralização e atitude com relação a Martha’s Vineyard (LABOV, 2008 [1972], p. 59)

Labov agrupou os vários informantes em uma escala social quanto ao uso dos ditongos centralizados. Primeiro, mostravam-se com atitudes positivas 40 pessoas entrevistadas, o índice de centralização era de 63 para (ay) e 62 para (aw), as duas comparações de centralizações mais altas. Segundo, o ponto neutro realizado por 19 pessoas entrevistadas, o índice de centralização ficava na faixa de 30: 32 para (ay) e 42 para (aw), nem positivo nem negativo. Terceiro, o ponto negativo. O autor encontrou 6 pessoas entrevistadas que tinham atitudes negativas com relação à ilha. O índice de centralização, nesse caso, era apenas de 09 para (ay) e de 08 para (aw). Essas pessoas diziam que queriam viver em outros lugares e não na ilha de Martha’s Vineyard. O autor mostrou a estratificação de todos, e como ele conseguiu explicar a distribuição dos ditongos centralizados, de forma válida, fazendo as relações necessárias para as explicações.

### 2.3 – Os princípios da mudança linguística

Num primeiro estudo relacionado à mudança linguística em progresso (em curso) é necessário entender como as variações linguísticas estão distribuídas por faixa etária. Então, percebemos a mudança linguística relacionando a variável linguística com a idade, pesquisando indivíduos de diferentes gerações. Segue abaixo a citação de Labov sobre mudança linguística observada entre as faixas etárias, conhecida como mudança em tempo aparente<sup>21</sup>:

A primeira abordagem e mais simples para estudar a mudança linguística em andamento é traçar mudança no tempo aparente, isto é, a distribuição das variáveis linguísticas entre os diferentes níveis etários. Se descobirmos uma relação monotônica entre a idade e a variável linguística, ou uma correlação significativa entre as duas, então trata-se de decidir se estamos lidando com uma verdadeira mudança em progresso ou de gradação etária (Hockett, 1950), uma mudança regular de comportamento linguístico com a idade que se repete em cada geração. (LABOV, 1994, p. 47)<sup>22</sup>.

A primeira e mais simples aproximação entre as variações encontradas na sincronia ao estudo da mudança linguística em curso é seguir a pista da mudança em tempo aparente: isto é, a distribuição das variáveis linguísticas por faixa etária. Na variação encontrada entre o grupo dos indivíduos mais velhos de uma geração e outro grupo de

---

<sup>21</sup> SILVA (2004) faz um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes. Por exemplo, utilizamos no nosso estudo três grupos etários: jovens, meia idade e idosos.

COELHO et al. (2010, p. 164) apontam que mudança em tempo aparente é uma “mudança linguística captada em estudo do comportamento linguístico de indivíduos de diferentes gerações numa comunidade, num dado período de tempo. Tal estudo possibilita identificar correlações entre a variável social idade e a variável linguística em estudo, revelando indícios de (i) uma mudança concernente à idade que ocorre regularmente em cada geração (gradação etária); ou de (ii) uma mudança efetiva em progresso”.

<sup>22</sup> Tradução minha do texto original em Inglês de Labov. “The first and most straightforward approach to studying linguistic change in progress is to trace change in apparent time: that is, the distribution of linguistic variables across age levels. If we discover a monotonic relationship between age and the linguistic variable, or a significant correlation between the two, then issue is to decide whether we are dealing with a true change in progress or with age-grading (Hockett 1950), a regular change of linguistic behavior with age that repeats in each generation”.

indivíduos mais jovens em relação à faixa etária percebe-se muitas vezes mudança linguística em progresso nas línguas.

Na estratificação por idade muitas vezes se percebe que os indivíduos mudam seu comportamento linguístico durante toda a sua vida, mas a comunidade nem sempre muda.

### **2.3.1 – A idade e a variação estável**

Mas nem sempre o estudo da faixa etária vai indicar mudança em progresso. A média do grau de realização de uma variação estável<sup>23</sup> pode ser também observada entre as faixas etárias dos falantes, em que os grupos extremos (jovens e velhos) apresentam o mesmo comportamento; ao contrário do grupo de meia idade, cujo comportamento se diferencia devido às pressões sociais. É considerando a variável idade que vai ser observado no conjunto de dados investigados se temos mudança em tempo aparente ou variação estável.

A variação estável pode ser observada considerando a combinação dos resultados das variáveis ‘idade’, ‘sexo’, ‘classe social’ e ‘nível de escolaridade’. Com relação à ‘faixa etária’, a variação estável diz respeito a variantes que coexistem por um longo período, mas sem ter necessariamente predominância de uma sobre a outra.

Uma outra possibilidade é a visão clássica que prevê estabilidade do falante, mas instabilidade da comunidade. Ex: daqui a 20 anos, os falantes de 70 anos estarão falando como os de 50 anos de hoje. Outra possibilidade admite que o sistema linguístico do indivíduo modifica, mas o da comunidade permanece o mesmo. Ex: daqui a 20 anos, os falantes de 70 anos terão o mesmo sistema que os de 70 anos hoje. Resultados recentes apontam para uma terceira possibilidade: o indivíduo muda com o passar do tempo, mas não atinge precisamente a mesma posição em que estão os falantes mais velhos atualmente.

---

<sup>23</sup> COELHO et al. (2010, p. 166) apontam que variação estável é conhecida como a “situação de variação entre duas ou mais formas linguísticas que se estende numa comunidade ao longo do tempo, sem que uma variante ceda seu espaço à outra”.

### 2.3.2 – A idade e a mudança linguística

Segundo Naro (2003, p. 44), no português atual do RJ, há fenômenos em que a idade atua fortemente:

- *Seu/dele*: a forma *seu* para a 3ª. pessoa é pouquíssimo recorrente na fala dos mais jovens.
- *Nós/a gente*: os jovens estão evitando a forma nós.
- *Ir*: os jovens estão evitando as regências *ir a* e *ir para*, preferindo *ir em*.

Sob a hipótese clássica: o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida mais ou menos até os 15 anos de idade. Logo, um indivíduo falante com 60 anos representa a língua de 45 anos atrás. Falantes adultos tendem a usar as formas antigas. Os pais e filhos, apesar de estarem em interação constante, usam formas distintas na comunicação. Pais e filhos têm um vocabulário e uma fala próprios de sua época. Com o passar do tempo, é provável que a forma nova seja adotada por pais e filhos.

Naro (2003) apresenta a escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes com idades diferentes – chamada de “gradação etária” – que corresponde, sempre sob a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real. Observamos a tabela apresentada a seguir:

Idade atual (em anos)	Estado da língua (anos atrás)
70	55
60	45
50	35
40	25
30	15
20	5

Tabela 07 – A escala em tempo aparente é chamada de “gradação etária” (NARO, 2003, p. 45)

A tabela ajuda a explicar os dados da pesquisa realizada por Labov (através de gravação no ano de 1990), mostrando que a fala de

um indivíduo de 70 anos de idade representaria o estado da língua adquirida em 1935.

Segundo Naro (2003), Labov conseguiu distinguir quatro graus de ditongos centralizados: denotados (aw) – 0 (a posição mais baixa, correspondendo a “shwa”). As três posições centrais clássicas do alfabeto fonético estão representadas por ele no seguinte gráfico:

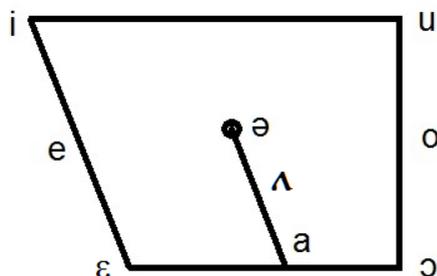


Figura 06 – O trapezóide das vogais: a flecha indica a direção de movimento do primeiro elemento de (aw). (NARO, 2003, p. 49)

A pesquisa em Martha’s Vineyard revelou que os velhos preservavam mais a forma original não-centralizada; os jovens, por outro lado, centralizavam mais. Segue a tabela:

Geração	Idade	Índice de (aw)	Índice de (ay)
I (pais)	75+	22	<b>25</b>
	61 - 75	37	<b>35</b>
II (filhos)	46 – 60	44	<b>62</b>
	31 – 45	88	<b>88</b>

Tabela 08 – Mudança de (aw) e (ay) em tempo aparente através de duas gerações em Martha’s Vineyard (Labov, 1972, apud Naro, 2003, p. 22)

Algumas observações de Naro sobre a pesquisa de Labov são: (i) a centralização está se espalhando com força e rapidez; (ii) os indivíduos mais velhos (80 anos) praticamente apenas usavam o grau zero, o mais aberto da escala, com ocorrências esporádicas do grau um; a faixa de 60 anos estava concentrada no grau dois antes de consoante surda (*out*,

“fora”) e no grau zero ou um em outros contextos (*round*, “redondo”; *now*, “agora”); na faixa de 30 anos, o condicionamento se tornava quase categórico: grau dois ou três antes de consoante surda; grau zero ou um nos demais contextos – resultados obtidos através do estudo da variação no indivíduo. Observa-se, assim, detalhadamente a mudança em progresso: desde o começo (ocorrência esporádica de variantes mais altas) até a instauração do condicionamento categórico (variantes mais altas antes de consoante surda, variantes mais baixas nos outros contextos).

De acordo com Naro:

O que permite esta visão simultânea das diversas etapas do processo dinâmico de mudança é o congelamento do sistema linguístico do falante na época da puberdade, e é justamente este o postulado fundamental que subjaz à hipótese clássica do relacionamento entre mudança linguística e idade: o processo da mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias. (NARO, 2003, p. 46).

Sabemos que nem toda variação na fala representa mudança em progresso. Um exemplo: pronúncia do morfema *ing* em inglês (*walking*, “andando”), que pode ser realizado como velar ou dental – é uma variação atestada há séculos, porém ainda existente em praticamente todos os dialetos e nas diferentes faixas etárias.

Labov realizava pesquisas sobre o desenvolvimento diacrônico<sup>24</sup> da língua a partir de análises sincrônicas<sup>25</sup>; primeiro foi na ilha de Martha's Vineyard (1963) e depois foi na cidade de Nova York (1966).

Quando a mudança está envolvida, certa variante ocorrerá na fala da criança embora esteja ausente na fala de seus pais, ou mais tipicamente, uma variante na fala

---

<sup>24</sup> JOTA (1981, p. 103), “Estudo da língua através dos tempos e, conseqüentemente, estudo das transformações que sofre a língua em sua evolução. Opõe-se à sincronia. A linguística, portanto, já que pode estudar a língua diacronicamente, ou se limitar ao seu estudo em determinado tempo de sua evolução (sincronia), se divide em diacrônica e sincrônica”.

<sup>25</sup> JOTA (1981, p. 307), “Conjunto dos fatos linguísticos num dado estágio de sua evolução. A sincronia é objeto de estudo da linguística sincrônica ou estática. Como um estado de língua abrange determinado espaço de tempo, tempo suficiente para que haja alguma variação sincrônica, é claro que esta, sob certo ponto-de-vista, não se distingue da evolução diacrônica”.

dos pais ocorrerá na fala de seus filhos com frequência maior, e na fala de seus netos com frequência ainda maior. (CHAMBERS, 1995, p.185)<sup>26</sup>.

Numa comunidade, em geral, as gerações sucessivas apresentarão uma frequência de uso maior da variante inovadora. A conclusão lógica é que, com o passar do tempo, haverá um uso categorial da forma inovadora e a eliminação da variante antiga.

### 2.3.3 – Aplicando os conhecimentos da sociolinguística

É importante ressaltar que todas as línguas mudam com o tempo. Como exemplo: o português é originário do latim, considerado língua mãe. Entretanto, atualmente não há semelhança entre as duas línguas. As diferenças são profundas e afetam toda a gramática da língua, essas diferenças apareceram e cresceram ao longo de mais de mil anos. Tanto na língua falada quanto na língua escrita ocorrem mudanças, que são observadas quando são feitas pesquisas que nos mostram em que alguns fenômenos mudaram. Este assunto é explicado por Naro (2003).

A mudança linguística não é abrupta, normalmente se processa de maneira gradual em várias dimensões. Sob o eixo social, é observável que falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas; o mesmo ocorre com pessoas mais escolarizadas, com camadas da população que gozam de maior prestígio social, com o grupo feminino e com as pessoas que exercem atividades que exigem boa apresentação para o público. Uma mesma pessoa pode escolher diferentes formas em diferentes situações.

Com base nisso, pretendo fazer uma comparação das mudanças ocorridas num curto espaço de tempo, tendo como referência um professor surdo para investigar as possíveis mudanças da língua de sinais depois de seu estudo no INES até o momento atual, envolvendo um grupo de surdos mais velhos e outros dois grupos mais jovens. Os dados obtidos na pesquisa podem mostrar como ocorreram algumas mudanças na língua de sinais e se realmente ocorreram; além disso, podem criar um registro deste período para futuras pesquisas. Para Labov (2008 [1972], p. 21), “seria de esperar que a aplicação da

---

<sup>26</sup> Tradução minha do texto original em Inglês. “Where change is involved, a certain variant will occur in the speech of children though it is absent in the speech of their parents, or, more typically, a variant in the parents’ speech will occur in the speech of their children with greater frequency, and in the speech of their grandchildren with even greater frequency”.

linguística estrutural a problemas diacrônicos levasse ao enriquecimento dos dados, mais do que ao seu empobrecimento”.

Vale lembrar que em 1970, a educação dos surdos em Santa Catarina era baseada em metodologia oralista. Poucos sinalizavam, porque não podiam, tinham que falar. Os sinais eram usados na comunicação entre surdos, mas esporadicamente, pois nesta época, além de serem proibidos de utilizarem sinais para a comunicação, também não podiam fazer reuniões só de indivíduos surdos, como acontece atualmente. Segue a citação de Labov 2008 [1972] que considero pressuposto para o desenvolvimento da presente pesquisa.

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

O maior problema, a meu ver, é que o grupo dos mais velhos, que usava a língua falada, não entendia a importância da língua de sinais para o indivíduo surdo, restringindo muito a sinalização e os sinais no ano de 1950. Sabemos que pessoas de diferentes lugares que vêm para uma determinada comunidade acabam trocando experiências e palavras, influenciando essa comunidade. Isto pouco acontecia com o grupo dos surdos mais velhos. Diferentemente do que se observava com os antigos, os surdos mais novos tinham um maior contato social com a língua de sinais brasileira, permitindo mais trocas de conhecimentos, criando novos sinais, tornando a língua de sinais mais “viva” e “dinâmica”.

Por exemplo, em comparação com falantes da ilha em Florianópolis, quanto à situação estilística<sup>27</sup>, o grupo mais velho de surdos usava mais a língua falada do que a sinalizada, pouco contato eles tinham entre si, pois era proibida<sup>28</sup> a sinalização pelas instituições

---

<sup>27</sup> É o jeito de falar nas diferentes situações, com os diferentes interlocutores e nos variados contextos.

<sup>28</sup> SCHMITT (2008), A representação de surdo na história antiga registra a passagem que os surdos realizaram na sociedade onde predominavam os ouvintes. Então a hegemonia dos ouvintes manteve sempre o surdo como excluído através de estereótipos e depreciações. A sociedade antiga não permitia a capacitação dos surdos como sujeitos normais, o uso da língua

que trabalhavam com os surdos e também pelas famílias. Conta-se que em algumas escolas amarravam as mãos dos indivíduos surdos para que não sinalizassem. Com o grupo mais jovem é diferente, o contato deles com outros surdos é maior, trocam mais experiências e sinais, propiciando assim mais mudanças na língua de sinais, tornando-se hoje mais usada e mais dinâmica na comunidade surda. Isso acontece aqui em Florianópolis também. A influência açoriana trazida pelos imigrantes portugueses, atualmente com a visita de turistas brasileiros (ex: vindos dos estados de RS, SP, PR e MG), e estrangeiros (ex: Argentinos, Paraguaiois, Uruguaios, Chilenos, dentre outros) a Florianópolis, acaba interferindo e modificando a língua falada na ilha.

Acredita-se que existe variação linguística na língua de sinais em Santa Catarina, por influência da comunidade de falantes nas diferentes regiões do estado. A língua de sinais acaba incorporando parte da cultura dessas comunidades a sua língua.

Existem pesquisas na língua de sinais mostrando diferenças nas línguas visual-espacial de acordo com o país de origem, com diferenças culturais, diferentes configurações de mãos etc. Estas pesquisas ajudam a compreender melhor a estrutura das línguas de sinais, seu aspecto linguístico e gramatical.

Em Santa Catarina, na comunidade de falantes no município de Itá, na região oeste do estado, muitos descendentes de europeus (Italianos, alemães, poloneses, etc) falam usando um /r/ brando, por exemplo: *barragem*, mas na fala fica *baragem*.

Na língua portuguesa existem diferentes sons e diferentes formas de falar esses sons. No caso do exemplo citado anteriormente, do município de Itá, o som do /r/ falado é diferente, mas o significado da palavra é o mesmo. Na LIBRAS, acontece isto, um determinado sinal pode ser pronunciado de diferentes maneiras, com relação à configuração de mãos (CM)<sup>29</sup>, ao ponto de articulação (PA) e ao movimento (M). Segue abaixo a foto de três principais parâmetros fonológicos:

---

de sinais e nem aceitava a cultura do surdo. Como? A língua de sinais foi banida das escolas pelas decisões do Congresso de Milão em 1880.



<sup>29</sup> Configuração de mão e segue a foto:

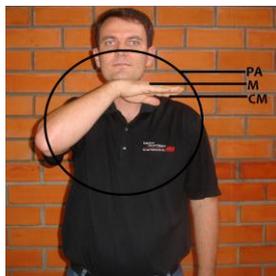


Figura 07 – Sinal de Porco

Por exemplo: os sinais para as palavras **amanhã**<sup>30</sup> e **fácil**<sup>31</sup> são diferentes quanto ao ponto de articulação e ao movimento, mas a configuração de mãos é a mesma para as duas palavras. É importante ressaltar que Labov em sua pesquisa mostrou variáveis linguísticas com relação à comunidade de fala, e o exemplo na língua de sinais é visual e não sonoro. Então, a fonologia das línguas de sinais é um ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo descrições e explicações.

Labov (1982), no entanto, acreditava que é possível que uma mudança linguística possa ser o resultado de uma causa particular isolada do sistema linguístico ou social. Por exemplo, em Martha's Vineyard, um alto número de casamento entre surdos e ouvintes e entre surdos foi responsável pelo nascimento de centenas de surdos no século XIX. Como resultado, quase todos os membros ouvintes da comunidade aprenderam a língua de sinais e a utilizaram com muitos outros propósitos além da comunicação com surdos (GROCE, 1952).

Concluo este capítulo que apresenta a pesquisa de Labov na ilha



<sup>30</sup> Sinal de **amanhã** e segue a foto:



<sup>31</sup> Sinal de **fácil** e segue a foto:

de Martha's Vineyard, verificando a ocorrência de centralização de ditongos, com algumas considerações. A metodologia de pesquisa que Labov abriu um campo de estudos que relaciona variação e a mudança linguística ao contexto social, utilizando-se de fatores como gênero, escolaridade, classe social, faixa etária, local de residência, apoiando-se em conhecimento de antropologia e língua e de técnicas computacionais e matemáticas. Essa forma de pesquisa deu início ao ramo da linguística que conhecemos como sociolinguística variacionista ou quantitativa, em que a língua não é vista como uma estrutura estática, e sim como um sistema em variação e mudança linguística constante, ligado à estrutura social.

## **CAPÍTULO III – A história social da língua**

### **3.1 – Introdução**

Inicialmente, este capítulo apresenta a história contextualizada da língua de sinais da França, depois no Brasil e, finalmente, em Santa Catarina. No primeiro momento, apresenta-se o perfil do fundador da primeira escola de surdos no mundo, localizada na França, o Abade de L'Épée. Em seguida, aponta-se qual foi o fundador da primeira instituição de surdos na cidade do Rio de Janeiro, o Édouard Huet<sup>32</sup>; e traz considerações sobre o primeiro professor surdo a trabalhar em sala de aula com alunos surdos em Santa Catarina, Francisco Lima Júnior. Este último estudou a língua de sinais na cidade do Rio de Janeiro e proporcionou aos surdos de Santa Catarina uma comunicação em língua de sinais mais aprofundada e abrangente. Ele também divulgou a língua de sinais na comunidade surda, criando espaços culturais e uma identidade para a comunidade surda catarinense.

Este capítulo apresentada a seguinte estrutura: comenta sobre o primeiro fundador do Instituto Nacional de Surdos de Paris, Abade L'Épée; apresenta Édouard Huet e sua vinda para o INES/RJ e, por fim, relata a história do primeiro professor surdo (Francisco Lima Júnior) em Santa Catarina na língua de sinais.

### **3.2 – Charles Michel de L'Épée - Instituto Nacional de Surdos-Mudos<sup>33</sup> em Paris**

Na França, Abade de L'Épée<sup>34</sup> foi o primeiro fundador de uma escola com classes para a educação de surdos e também criou a

---

<sup>32</sup> No Brasil escreve-se Eduard, mas na França seu nome e escrito Édouard Huet.

<sup>33</sup> Surdos-Mudos – terminologia utilizada nessa época, atualmente utilizamos ser surdo.

<sup>34</sup> Abade de L'Épée foi o criador de um método empregado na educação de surdos, denominado de “sinais metódicos”. A justificativa para a criação desse método se deu pelo fato de que L'Épée acreditava que a Língua de Sinais utilizada pelos surdos era incompleta, devendo ser melhorada e universalizada. Seu método consistia em conservar o “núcleo central dos gestos”, utilizados por seus alunos, adicionando porém a estes gestos outros sinais para designar objetos, qualidades, fatos ou situações. No entanto, como seu principal objetivo era o ensino da língua francesa, não se deu por satisfeito, criou uma série de sinais que não existiam na codificação gestual, referente a preposições, artigos, tempo e pessoa verbal, entre outros.

linguagem de gestos que se chamava “LINGUAGEM DE SINAIS METÓDICOS”, e o alfabeto manual que é bem diferente dos códigos de significados na estrutura frasal e no gesto que representava a palavra para o surdo.

Moura (2000, p. 22) relatou que o Abade Charles-Michel de L’Épée nasceu em 1712 na cidade de Versalhes na França. O Abade começou a ensinar os surdos em 1760 por razões religiosas, iniciando seu trabalho com duas freiras surdas. Com grande desafio, transformou sua casa na primeira escola pública para surdos (Instituto de Surdos e Mudos de Paris), utilizando a comunicação gestual. A autora Perlin (2002) lembra que:

As escolas fundadas em outros países, nos moldes da França, passaram a usar as línguas de sinais nacionais e a explorar novos recursos na educação de surdos. O currículo da escola para surdos, em Paris, passou a conter língua de sinais, religião, língua nacional e formação profissional.

O Abade de L’Épée começou a sua pesquisa observando um grupo de surdos de lá, que se comunicava nas ruas da cidade (cuidando para que as pessoas não os vissem fazendo gestos), na língua de sinais francesa. O Abade L’Épée teve a ideia de conhecer mais sobre a língua gestual daqueles surdos, e mais tarde pensou em como poderia ajudá-los nessa comunicação. Ele ensinava religião na igreja para os surdos. Então L’Épée começou a investir em seu projeto de melhorias para esta forma de comunicação. Chamou o grupo de surdos e mostrou a língua gestual com gramática própria e o alfabeto manual, para o auxílio na comunicação.

A oportunidade de melhorar a linguagem dos surdos na época foi essencial para que fosse desenvolvida a base da língua de sinais dos surdos de Paris, fortalecendo a cultura e a comunidade surda. Isso permitia também que os surdos tivessem acesso a uma filosofia religiosa, aprendendo com isso novos vocabulários, além da crença e de um modelo educacional diferente. Segue o autor:

Todo surdo-mudo enviando até nós já tem uma linguagem (...) Tem o hábito de usá-la e compreende os outros que a fazem. Com essa linguagem, expressa as suas necessidades, desejos, dúvidas, dores, etc... e não erra quando os outros se expressam da mesma forma. Nós desejamos instruí-los e assim ensinar-lhes o francês.

Qual é o método mais simples e mais curto? Não seria expressando-nos na sua língua? Adaptando a sua língua e fazendo com que ela se adapte a regras claras, não seríamos capazes de conduzir a sua instrução como desejamos? (citado por Harlan Lane, *Institution des Sourds-Muets par la Voie des Signes Méthodiques*, part. 1, cap. IV, p. 36) *apud* (CARVALHO, 2007, p. 24).

Para o surdo, começou a existir uma linguagem através da comunicação gestual. Assim, os surdos trocavam informações entre eles na língua de sinais, essencial para o acesso do surdo a sua identidade. Essa convenção social da língua de sinais, nesse primeiro grupo de surdos, foi a base da língua. Então, o surdo podia aprender a língua francesa escrita e ter contato com a gramática dessa língua, que foi essencial para a comunicação dos surdos, transformando a representação do gestual. O surdo podia alfabetizar-se em francês e entender melhor a sociedade em que vivia e, assim, adaptar-se às mudanças ocorridas em sua língua gestual. Segue a discussão do autor:

O Abade L'Epée iniciou do ano em 1760 conheceu o grupo de surdo na língua de sinais francesa e estudou junto com os surdos. Mas, ele teve a idéia de ajudar o surdo valorizar a língua de sinais francesa. Quem fundou o Instituto no Paris? Foi Abade L'Epée. Lá foi ensinada a língua de sinais francesa para os alunos surdos mais pobres. Berthier escreveu a biografia do Abade L'Epée (1712 – 1789). (SCHMITT, 2008, p. 50).

O Abade L'Epée com sua experiência e pesquisa ajudava os surdos franceses na língua francesa escrita e na língua de sinais, em Paris. Com sua pesquisa ele mostrou para a comunidade da época uma nova forma de ensinar os surdos, desenvolvendo estratégias de ensino nas duas línguas. Acreditava-se que um dos motivos que levou o Abade a demonstrar interesse pela educação de surdos foi o fato de ele ter duas freiras surdas. Seguem imagens mostrando o Abade L'Epée ensinando o primeiro grupo de surdos franceses (SCHMITT, 2008, p. 51):

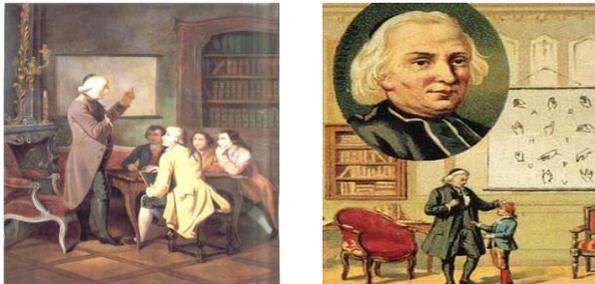


Figura 08 – Abade L’Epée ensinando os surdos na língua de sinais francesa

Schmitt (2008) realizou pesquisa na língua de sinais, na identificação do surdo, e na adaptação do conhecimento pelo surdo. Sobre L’Epée ensinando o grupo de surdos na imagem anterior Schmitt comenta:

O Abade L’ Epée ajudou ensinando os surdos na língua de sinais, valorizando o aspecto viso-espacial na relação das mãos, compartilhando e mostrando a lógica de sinais do surdo compreende-se envolve a capacidade no uso o alfabeto na cultura do surdo. Então, na realidade, possibilitou a língua do surdo na comunicação com outro surdo e na relação com professor francês. (SCHMITT, 2008, p. 51).

Segundo Frishberg (1975), na França escreveu que Abbe Charles-Michel L’Epée descreveu o uso da língua de sinais que havia aprendido com seus alunos ou em contato com as pessoas. Era uma forma natural de comunicação que veio dar origem à gramática francesa de sinais. Essa gramática francesa se espalhou e foi disseminada por toda a Europa, cada país com suas especificidades, como ocorre na língua falada.

Percebemos que o Abade L’Epée ensinava a gramática do francês no Instituto para Surdos de Paris para que os alunos surdos aprendessem a história e a língua de sinais. O L’Epee foi o antecessor, em Paris, do Abade Sicard, que escreveu o primeiro dicionário na língua de sinais no século XVIII.

Quando o Abade apresentou a comunicação em língua de sinais ao grupo para que aprendessem vocabulário na língua de sinais, mostrou os sinais de **COMER**, **ÁGUA** e também o sinal de **BEBER**, apontando para vários objetos para que o grupo memorizasse e aprendesse o nome

de cada um deles. Isso com o grupo de alunos e também com as duas irmãs. Foi crescendo o número de sinais usados na linguagem gestual francesa daquela época pelos alunos surdos da instituição onde ensinava L'Epée.

Então, percebi através de leituras que o Abade L'Epée ensinava a gramática do francês no Instituto para Surdos de Paris para que os alunos surdos aprendessem, dentre outras coisas, a história e a língua de sinais. Isso foi interessante para o grupo, pois desenvolveram um padrão para a linguagem gestual.

Em 1755, Abade L'Epée iniciou com o primeiro grupo de surdos no Instituto em Paris, onde ensinava a vários alunos de classes diferentes: ricos e pobres. Ele apresentou para os alunos a importância dos sinais padronizados, que ajudavam na comunicação. Em contato com a língua de sinais convencionada, o grupo de surdos na França, cada vez mais, dominava os sinais e aperfeiçoava o seu método de sinais metódicos.

Em “A Máscara da Benevolência”, Lane (1992) apresenta relatos interessantes de pesquisa com entrevistas de alunos surdos. Sua descrição sobre os sinais indicando os tempos segue na citação:

“O aluno, apesar de surdo e mudo, tinha, tal como nós, uma idéia de passado, presente e futuro antes de ser colocado sob a nossa tutela, mas eram incapazes de fazer os sinais para exprimir as diferenças. Se quisesse exprimir uma acção presente? Fazia um sinal impellido pela natureza... que consiste em atrair o olhar do interlocutor para testemunhar a nossa actividade actual; mas se a acção não tivesse lugar na sua vista, estendia as mãos sobre a mesa, tal como estamos todos aptos a fazer em situações semelhantes: e estes são os sinais que voltou a aprender na aula para indicar o presente de um verbo. Se quisesse indicar que uma acção pertence ao passado? Atirava despreocupadamente o braço sobre o ombro duas ou três vezes: adoptamos estes sinais para indicar o passado dos verbos. E finalmente, quando tivesse a intenção de anunciar o futuro, projectava a Mão direita: uma vez mais, neste caso, seleccionámos este sinal para representar o tempo futuro de um verbo”. (LANE, 1992, p. 107 e 108).

Observa-se que havia diferenças na gramática dos sinais que os surdos utilizavam no passado. A linguagem gestual francesa mudava com o tempo na realidade da comunidade surda de Paris. O contato com

sinais na escola eram muito diferentes daqueles que usavam nas conversas de ruas. Os alunos aprenderam formas verbais (passado, presente e futuro), que interferiram na língua. Quando a comunidade surda que utiliza um espaço cultural aprende, o contexto cultural se modifica e a língua de sinais que também é social se modifica.

A língua de sinais francesa serve de origem para muitos dos sinais usados na ASL. No começo do século XIX, um professor de surdo chamado Thomas Hopkins Gallaudet foi da América para a Europa a fim de aprender técnicas de ensino. Na Inglaterra, ele conheceu Roch-Ambroise Cucurron e Abbe Sicard, o diretor de uma escola para surdos em Paris. Gallaudet aprendeu métodos de ensino e muitos sinais para usar na comunicação com os surdos, com Abbe Sicard. Também Gallaudet convenceu Laurent Clerc, um dos alunos de Sicard, a ajudá-lo a fundar uma escola para surdos na América.

Gallaudet e Clerc fundaram a Escola Americana para Surdos (ASD), em 1816, em Hartford, Connecticut. A escola combinava sinais da LSF com os que já eram usados pela comunidade de surdos da América, para criar uma linguagem padronizada. Nesta época, esta linguagem evoluiu para a ASL, considerada atualmente a língua de sinais mais genérica do mundo. O filho de Thomas Gallaudet, Edward, fundou a Universidade de Gallaudet em Washington, D.C. A Gallaudet foi a primeira faculdade para surdos.

### **3.3 – Édouard Huet - Instituto Nacional Educação de Surdos (INES/RJ)**

Segundo César Delgado (Revista da FENEIS, 2002), Huet nasceu em 1822 em Paris, na França. Começou seus estudos desde a infância; ouvia normalmente, já se comunicava na fala nos idiomas: francês (sua língua natural), alemão e português, mais tarde estudava outra língua, que era o espanhol. Ficou surdo aos doze anos de idade, por consequência de um sarampo. Como ele pertencia à nobreza, estudou no Instituto em Bourges e seu aprendizado na língua de sinais francesa proporcionou muitas oportunidades, tornou-se professor de francês para um grupo de surdos na Europa.

Ele foi convidado pelo imperador Dom Pedro II<sup>35</sup> para que

---

<sup>35</sup> Deste que Eduard Huet fundou o imperial Instituto de Surdos-Mudos com autorização do Imperador Dom Pedro II, a Língua de Sinais passou a fazer parte da educação dos indivíduos surdos, como forma de comunicação e expressão. No início, a Língua de Sinais teve sua origem na França, mas aos poucos ela foi se desenvolvendo e se adaptando à realidade do Brasil. Isso comprova então que a Língua de Sinais não é universal, mas ela possui pequenas

ajudasse a trabalhar na criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos, com sede no Rio de Janeiro. Iniciou ensinando na sua língua francesa, depois aprendeu os sinais usados no Brasil e acabou misturando as duas línguas. Trouxe um método de ensino para a Educação de Surdos, influenciando a Língua de Sinais Brasileira com sua língua de sinais (francesa).

Édouard Huet foi o primeiro professor surdo do Brasil. Apresentou em 1855 um projeto ao Imperador D. Pedro II para uma escola de surdos e assim foi fundado o Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro. Ele foi o responsável por trazer a língua de sinais francesa para o Instituto, fundado em 1857, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Com isso, temos a origem da influência da língua de sinais francesa (LSF), trazida por ele da Europa, sobre a língua de sinais brasileira (LSB)<sup>36</sup>. Segue citação de Campello que fala sobre a constituição da LSB no Brasil:

...a Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira, registro aqui “a viagem” da LSF até o Brasil. Essa viagem tem a sua cronologia histórica, quando, em 1855, o Ministro de Instrução Pública, Drouyn de Louys e o embaixador da França, Monsieur Saint George, junto com a corte do Rio de Janeiro apresentou o Conde e Professor surdo, D. E. Huet<sup>37</sup>, ex-diretor do Instituto de Bourges, ao ex-Imperador Dom Pedro II, e o mesmo, concedeu todas as honrarias, inclusive com o salário e hospedagem, e incentivou a criação de um educandário<sup>38</sup>

---

semelhanças, variando tanto de estado para estado, dentro de um mesmo país, quanto de um país para o outro, com algumas semelhanças.

<sup>36</sup> Campello usa a sigla LSB. Nesta tese a sigla usada é LIBRAS.

<sup>37</sup> Há muita controvérsia em torno do seu nome. Inicialmente, foi registrado, na “Revista Espaço” do INES como E. Huet. Mas nos outros documentos pesquisados por mim assinava como D. E. Huet sem complementar ou acrescentar o nome próprio completo. Recentemente, através da pesquisa pelo dirigente da FENEIS e da publicação da Revista FENEIS, confirmou o nome completo de E.Huet como Edward Huet. Há pouco tempo, o Grupo de Sinais Mexicano anexou a cópia do email da bisneta que confirmou o nome dele como D. Edward Huet M.....

<sup>38</sup> Esse processo já havia acontecido de forma similar com a educação dos cegos. O cego Patrício Álvares de Azevedo, brasileiro, educado em Paris e que, ao regressar ao Rio de Janeiro em 1851, pensou em fundar um instituto de ensino para cegos. A realidade se concretizou em 1854 na fundação de Instituto Benjamin Constant para cegos.

destinado ao ensino de surdos mudos<sup>39</sup> seria mais uma política pública com uma tendência mundial a criação de escolas de ensino e também de residenciais para abrigar “deficientes”<sup>40</sup>. Há a hipótese de que a princesa Isabel, filha do D. Pedro II, teria um filho surdo<sup>41</sup> e também que o marido dela, o Conde d’Eu era “portador de deficiência auditiva”<sup>42</sup>. Mesmo com ou sem comprovação histórica, é difícil transpor a história da criação e do interesse de Dom Pedro II em abrir a escola de surdos. (CAMPELLO, 2011).

O professor surdo Huet lutou pelo direito à língua de sinais na Instituição com o imperador Dom Pedro II, a fim de abrir espaço na escola de surdo em 1857. O INES era a única instituição pública federal do Brasil, localizada no Rio de Janeiro. Vieram alunos de outros estados brasileiros para estudar com o professor Huet, e ficavam hospedados no Instituto. Depois aprendiam a Língua de Sinais Francesa da mesma maneira que o professor aprendeu na escola francesa.

A língua de sinais foi transformada com o tempo, tendo influência do professor surdo Huet. Moura, (2000, p. 81 e 82), comenta o seguinte:

Se deu através de Língua de Sinais, pode-se deduzir que ele utilizava os Sinais e a escrita, sendo considerado inclusive o introdutor de Língua de Sinais Francesa no Brasil, onde ela acabou por mesclar-se com a Língua de Sinais utilizada pelos Surdos em nosso país. O

---

<sup>39</sup> Relatório do E. d. Huet aos membros da Comissão Diretora, em abril de 1856, no Instituto de Surdos Mudos.

<sup>40</sup> Deficientes são as denominações daqueles que mentalmente e fisicamente são incapazes para fazer qualquer atividade.

<sup>41</sup> Reis (1992) relata que o professor Geraldo Cavalcanti de Albuquerque, discípulo do professor João Brasil Silvado (diretor do INSM – Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos em 1907), informou-lhe em entrevista que o interesse do imperador D. Pedro II em educação de surdos viria do fato de ser a princesa Isabel mãe de um filho surdo e casada com o Conde D’Eu, parcialmente surdo.

<sup>42</sup> Nos documentos escritos pelo Francisco de Souza Brasil e Medeiros e Albuquerque (1932), atestava a surdez do Conde D’Eu: “O Conde D’Eu tinha ainda o inconveniente de ser surdo. A surdez, alheando os indivíduos do meio em que estão, lhes dá, às vezes, a imputação de orgulhosos, porque não lhes permite tomar parte na conversa com a cordialidade, que todos desejariam.” (grifo meu)

Curriculum por ele apresentado, em 1856, colocava disciplinas, como português, aritmética, história, geografia e incluía “linguagem articulada” e “leitura sobre os lábios” para os que tivessem aptidão para tanto.

O professor Huet planejava as várias disciplinas que ensinava para os alunos surdos desta Instituição, obedecendo ao currículo escolar da época oferecido nas escolas de ouvintes. Infelizmente, não foram registrados os vocabulários da língua de sinais brasileira desta época. No Brasil, foi lançada a primeira publicação sobre língua de sinais em 1873, pelo aluno surdo Flausino José da Gama do Instituto de Surdos-Mudos<sup>43</sup> do Rio de Janeiro. O estudo resultou na obra “Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos” foi publicado o dicionário em 1875. Porém, em 1880, no Congresso Internacional de Educação de Surdo (Milão)<sup>44</sup>, a língua de sinais foi rejeitada nas escolas, focando apenas a língua oral. Contudo, os alunos do INES continuaram a estudar, desenvolver e disseminar a LIBRAS que, por volta de 1980, voltou a ter sua importância intensificada.

Como é explicado no prefácio, a inspiração para o trabalho foi dita pelo estudante ao ver na biblioteca da instituição um livro francês do Instituto Nacional de Paris, produzindo pelo surdo Francês Pellisier. Não havia oficina litografia (o desenho é feito em uma pedra ou placa de metal) no INES, e na época essa era a única maneira de se reproduzir um desenho. A ajuda veio do Sr. Eduard Rensburg, que se dispõe a ensinar a Flausino trabalhar com essa difícil técnica. Bastaram poucos dias de aula e o Surdo tornou-se um exímio litógrafo. (REVISTA DA FENEIS nº 10, 2001).

Segundo Campello (2011), Flausino José da Gama criou com seu trabalho o dicionário “Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos”; com o prefácio do Dr. Tobias Leite ex-diretor no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos, que no passado registrou sobre a pesquisa de Flausino e, a seguir, o que escreveu Tobias no dicionário do INES em 1875:

---

<sup>43</sup> Atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES/RJ.

<sup>44</sup> RÉE (2005), “(...) essa data ainda é lembrada como a mais sinistra de sua história: como se fosse mesmo o “11 de setembro” deles quando desabaram as torres gêmeas da cultura e da língua de sinais, a do método misto e a do método manualista para educação dos surdos. Ali começou uma longa e amarga batalha para defender o direito de vida de língua de sinais”.

Este livro tem dous fins:

Vulgarisar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos mudos para a manifestação dos seus pensamentos. Os pais, os professores primários, e todos os eu se interessarem por esses infelizes, ficarão habilitados para os entender e se fazerem entender.

Mostrar o quanto deve ser apreciado um surdo mudo educado.

O alumno deste Instituto, Flausino José da Gama, vendo entre os livros da biblioteca a obra do illustre surdo-mudo Pellisier, professor do Instituto de Pariz, manifestou desejo de reproduzir as estampas para os fallantes conversarem com os surdos-mudos, dizia-me elle repetidas vezes.

Não obstante ser elle hábil desenhista, a realização do seu desejo era difficil, porque não há no Instituto officina de lihtographia, e a despeza nas officinas do commercio seria grande.

Referindo o factio ao Sr. Eduard Rensburg, este senhor generosamente offereceu-se para ensinar a Flausino o desenho lithographico, e as suas officinas para a execução da obra. Aceitei immediatamente o offerecimento, e em poucos dias sahio o livro que tenho a satisfação de apresentar a todos os que se interessarem por essa numerosa classe de nossos compatriotas.

A Flausino os louvores, e ao Sr. Rensburg os agradecimentos de todos os que se interessão pela instrucção popular.

Tobias Leite”.

Campello (2011) pesquisou sobre o dicionário da língua de sinais registrado e documentado por Flausino, que foi apresentado na escrita pelo ex-diretor do INES, que escrevia a palavra “Vulgarisar”<sup>45</sup> (p. 79). Segundo Delaporte (2005) a Escola Parisiense “Saint-Jacques” era um lugar de prestígio onde todas as pessoas que desejavam ensinar os surdos precisavam, obrigatoriamente passar. Édouard Huet realizou seus estudos lá. Flausino inspirou-se no dicionário de Pierre Pélissier, que foi trazido para o Brasil por Édouard Huet. Os alunos do INES tinham muita dificuldade, pois os sinais eram muito antigos e eles precisavam

---

<sup>45</sup> CAMPELLO mostrou a pesquisa “... que naquela época significava colocar a disposição do povo e por isso o dicionário se apresentava como instrução popular”.

se comunicar com surdos do Instituto de Paris. Campello diz que foi copiado o dicionário no Instituto Imperial de Paris:

Comparado com o original “Iconographie des signes” de P. Pelissier, membro ativo de “la Société Centrale d’Education et d’Assistance des Sourds-Muets” e professor de surdos mudos do Instituto Imperial de Paris, em 1856, obra “Iconographia dos signaes dos surdos mudos”, pelo surdo Flausino José da Gama, em 1875, é uma cópia na íntegra do material com a tradução do francês para o português, ou seja, os sinais foram copiados um a um traduzindo-se apenas as palavras do francês que identificavam os sinais. (CAMPELLO, 2011).

Verificando a explicação anterior da citação, a autora mostrou uma comparação do dicionário em Paris e no Brasil, foi copiado o material para ser utilizado aqui no INES e só foi mudado o vocabulário e/ou palavra na tradução do francês para o português. Atualmente, a LIBRAS está bem diferente da época de Flausino, mas a influência da Língua de Sinais Francesa é inegável na comunicação dos surdos brasileiros, pois foi a primeira língua de sinais traduzida e ensinada no INES.

Com o uso e a difusão da língua de sinais, surgiu o primeiro dicionário do Brasil e as seguintes obras dos autores: i) Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos de Flausino José da Gama em 1875; ii) Linguagem das Mãos de Eugênio Oates em 1969 e; iii) O Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira de Fernando C. Capovilla e Walkiria D. Raphael em 2001.

Felipe (2000) fala sobre o surgimento da LIBRAS sobre Flausino José da Gama e outros dicionários da LIBRAS:

Aqui no Brasil, a primeira publicação sobre a língua de sinais brasileira data de 1875, trata-se de um livro: Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos, de Flausino da Gama, um ex-aluno do Instituto de Surdos, que se tornou repetidor dessa escola, quando terminou seu período de estudo. Quase um século depois, em 1969, com a publicação do artigo de KAKUMUSU, J. Urubu Sign Language, foi constatado que haveria pelo menos outra língua de sinais no Brasil, utilizada pelos índios Urubus-Kaapor.

Somente em 1969, por iniciativa estrangeira, foi publicado outro livro sobre a língua de sinais brasileira: *Linguagem das Mãos*, de DATES, E. mas, devido à influência da ASL, muitos sinais nessa obra, como também na de HOEMAN, H. et al., *Linguagem de Sinais do Brasil*, são sinais dessa língua. Esses dois livros foram, durante décadas, o material didático utilizado pelos instrutores surdos para ensinarem sua língua e, talvez por essas obras trazerem uma seleção de fotografias ou desenhos de sinais da LIBRAS com explicações, a metodologia que vem sendo utilizada para ensinar esta língua tem sido somente a apresentação de sinais e tradução dos mesmos.

Em 1960, Willian Stokoe<sup>46</sup> iniciou a pesquisa na língua de sinais americana, com publicação de estudo linguístico, mostrando que esta língua de sinais tinha uma gramática própria e também apresentava todos os aspectos linguísticos das línguas orais. A partir desta divulgação do Stokoe o mundo começou a pesquisar mais sobre as línguas de sinais. Estudou cientificamente a Língua de Sinais Americana comparando com a Língua Inglesa, observou que ambas tinham características equivalentes, auxiliando na concepção sobre a educação de surdos na língua de sinais.

Felipe (2000), apresentou na pesquisa o surgimento da LIBRAS. Seguem agora ilustrações sobre os dicionários antigos: “Iconographia dos Signaes dos Surdos Mudos de Flausino José da Gama”, “Linguagem das Mãos de Eugênio Oates”, “Enciclopédico Ilustrado Trilingue: Língua de Sinais Brasileira Vol. I e II de Fernando C. Capovilla e Walkiria D. Raphael:

---

<sup>46</sup> STOKOE (1920-2000) foi um dos primeiros linguistas a estudar uma língua de sinais com tratamento linguístico. Considerado o pai da linguística da língua de sinais americana – ASL. Ele, ensinando e pesquisando, revolucionou a Língua de Sinais e mostrou que ela possuía regras gramaticais próprias. A partir daí, o mundo inteiro passou a aceitar a Língua de Sinais como uma Língua.



Figura 09 – Acervo na Revista da FENEIS

Interessante a pesquisa das primeiras publicações dos autores sobre a língua de sinais. Trouxe para nós, surdos brasileiros, documentos para outras pesquisas, valorizando o contexto social e a língua de sinais.

Campello (2007)<sup>47</sup> apresentou a pesquisa “Mudanças fonológicas

<sup>47</sup> Retirado a fonte com autora CAMPELLO, 2007, SINPEL – 1º Seminário Integrado de Pesquisas em Linguística na UFSC, “Mudanças fonológicas dos registros do século XVIII ao século XXI na língua de sinais brasileira”.

dos registros do século XVIII ao século XXI na Língua de Sinais Brasileira, elementos novos sobre a língua de sinais brasileira?”. Foi o primeiro trabalho desse tipo com a LIBRAS desenvolvido no Brasil. A autora destacou inicialmente as justificativas para sua pesquisa:

a) Não há registro a respeito do desenvolvimento histórico da língua de sinais brasileira nos livros brasileiros; b) Os surdos brasileiros têm muito interesse em saber mais sobre a origem desta língua; c) A língua de sinais passou a ser reconhecida como língua de instrução dos surdos brasileiros por meio da Lei 10.436 de 2002 regulamentada pelo decreto 5626 de 2005; d) A língua de sinais passa a ser objeto de ensino. Antes de iniciar a pesquisa em si, considero importante situar as influências da língua de sinais dos Surdos que moldaram o primeiro dicionário de língua de sinais brasileira, o movimento político, social, cultural e educacional. Com o “objeto de pesquisa” apresento a justificativa, visto que até o presente momento não se sabe se esta língua já existia antes da fundação do INES, e/ou não foi reconhecida por causa da homogeneidade da língua nacional, que é a língua portuguesa. Também visa a coleta dos sinais e suas mudanças em nível fonético-fonológico da Língua de Sinais Francesa para a Língua de Sinais Brasileira e apresenta a metodologia de investigação, problematizando a origem da língua de sinais brasileira, já que foi mesclada com a língua de sinais francesa. Muita pesquisa foi deixada de lado pelo estigma e desconhecimento da língua em estudo nesse projeto. (CAMPELLO, 2007).

Observe a figura do painel que Campello apresentou no Seminário e eu fotografei:

---



Figura 10 – Acervo de Ana Regina e Souza Campello – UFSC

Diniz (2010) realizou a pesquisa sobre o estudo descritivo das mudanças fonológicas e lexicais da Língua de Sinais Brasileira, identificando e analisando os tipos de sinais que mais levam à variação e à mudança e os possíveis motivos que, ao longo do tempo, culminam em tais variações. Observou-se que, o estudo elaborado na história da língua de sinais teve como objetivo principal identificar as mudanças ocorridas na forma de comunicação das comunidades surdas, bem como a influência da língua escrita, no caso o português, neste processo.

A autora apresenta sua pesquisa de modo a contribuir com os registros históricos da comunidade surda geral e da língua de sinais. As suas análises ampliam os conhecimentos sobre a estrutura linguística da LIBRAS e seu processo de mudança, assim como permitem contrastar as variações que ocorrem com as línguas orais e as línguas de sinais. Mais amplamente, o estudo objetiva valorizar socialmente a Língua Brasileira de Sinais, difundir suas vertentes, propiciando à população surda o resgate de suas origens, tradições e identidade própria.

Ela analisou três documentos históricos, mais especificamente, três dicionários de sinais foram os instrumentos de base na pesquisa da autora acerca do processo de variação na LIBRAS, são eles: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875 (primeiro documento a fazer referência à LIBRAS, trata-se de uma reprodução fiel do dicionário de sinais Francês que envolve representação de sinais por meio de desenhos (ilustrações)); *Linguagem das Mãos*, de 1969 (produzido pelo padre Eugênio Oates, missionário americano que trabalhou com surdos em várias regiões brasileiras) e, o terceiro, *Dicionário Digital da LIBRAS do Instituto Nacional de Educação de*

*Surdos (INES)*, de 2006 (em CD-ROM, produzido no Rio de Janeiro por profissionais surdos e ouvintes).

Os resultados da pesquisa de Diniz apresentam na análise dos dados indícios de mudança fonológica e lexical.

A figura 11, a seguir, mostra a forma como o sinal de FACA é produzido, utilizando a configuração de mãos que se altera nas três imagens apresentadas:

<b>GLOSA</b>	<b>ICON.</b>	<b>OATES</b>	<b>INES</b>
Est. 2			
FACA			
	FACA	FACA	FACA

Figura 11 – Acervo da Heloise Gripp Diniz – UFSC 01

A figura 12 apresenta um exemplo de mudança lexical, com configurações de mãos mostrando o sinal de PUNIR, apresentado no dicionário em três momentos (Icon., Oates e INES). Segue a figura:

<b>GLOSA</b>	<b>ICON.</b>	<b>OATES</b>	<b>INES</b>
Est. 16			
PUNIR			
	PUNIR	CASTIGAR	CASTIGAR

Figura 12 – Acervo da Heloise Gripp Diniz – UFSC 02

Diante da análise comparativa dos referidos dicionários, a autora classificou os sinais em três categorias: os que permanecem idênticos (sem alterações), os que sofreram mudanças fonológicas em alguns de seus parâmetros (que se mostrou a maior das três categorias) e os que sofreram mudanças lexicais alterando por completo as formas dos sinais originais. Dentre os fatores internos que contribuíram para tais variações, destacam-se: conforto linguístico na articulação das mãos e do corpo e a acuidade visual no espaço da sinalização. Há também a contribuição dos fatores socioculturais, como influência das línguas em contato, empréstimo linguístico, bilinguismo, preconceito linguístico e

influência da língua portuguesa e dos falantes ouvintes.

Em outras palavras, nota-se que o estudo procura resgatar a história das mudanças dos sinais da LIBRAS e de como surgiram as mudanças influenciadas pelo advento da Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), bem como o vínculo existente entre o instituto e os diferentes dicionários de línguas de sinais da época, que mostram a existência de fortes mudanças linguísticas ao longo do tempo entre as pessoas de mais idade, com as famílias e as novas gerações que surgem dispostas a encontrar sinais de configurações de mãos que possibilitem facilitar cada vez mais a interação das comunidades surdas com a sociedade em geral.

Percebe-se, então, vários dialetos utilizados entre grupos de amigos e familiares na busca de uma melhor compreensão da comunicação através da língua de sinais. Nota-se que, apesar da evolução da língua de sinais, há existência de vários sinais desconhecidos entre as associações de surdos. Existe uma série de variáveis diferentes que funcionam como pré-requisito, influenciando diretamente os processos de variação e mudança linguística.

Segundo Diniz (2010), não é aconselhável fazer tradução do português para LIBRAS, pois tal conversão acaba dificultando ainda mais a compreensão e a comunicação com a comunidade dos surdos. Assim pode-se notar que não é apropriado misturar duas línguas (uma oral outra visual) ao mesmo tempo, pois há uma diferença muito grande entre elas. Dessa forma torna-se mais fácil a compreensão para o surdo quando é explicado diretamente na língua de sinais.

Sempre é conveniente ressaltar que a LIBRAS é uma língua humana, da mesma forma que as línguas faladas, nesse sentido a língua de sinais possui sua própria estrutura linguística, embora com modalidades diferentes, e passa por processos de mudanças contínuas, e deve ser considerada pela comunidade científica como sendo de grande importância para a sociedade em geral. As línguas de sinais são humanas, naturais e com estruturas linguísticas próprias, fazendo uso do canal de comunicação visual-espacial. Portanto, são mitos<sup>48</sup> as

---

<sup>48</sup> FRISHBERG (1975, p. 696 - 697), Alguns mitos são derrubados por no que se refere à ASL. O primeiro deles diz respeito à falsa crença de que a linguagem gestual é universal. Pelo contrário, as pessoas surdas da China não conseguem entender a ASL, tampouco os surdos americanos conseguem entender a CSL, a Língua de Sinais Chinesa. Os surdos ingleses também não conseguem entender a Língua de Sinais Francesa (LSF) e vice-versa. O segundo mito esclarecido é de que a língua de sinais tem muito pouco ou nada a ver com a língua falada da comunidade em sua volta. Neste sentido, a autora esclarece que a língua de sinais não significa uma representação manual traduzida diretamente do inglês. O terceiro mito elucidado

afirmações de que a língua de sinais é universal, mímica, códigos, gestos ou apenas uma representação manual das línguas orais.

Cabe ressaltar que a representação através de imagens, figuras, gestos, configuração de mãos e expressões faciais são fundamentais para a fluência da comunicação entre os membros da comunidade surda, e também com a sociedade, tornando a compreensão mais acessível a todas as pessoas. Por meio de estudos nos dicionários de LIBRAS, percebe-se a existência de algumas categorias distintas, de algumas que permanecem idênticas até os dias de hoje e de outras que vêm sofrendo mudanças fonológicas gradativamente com ideias inovadoras, influenciadas pelos estudos efetuados a partir da história da língua de sinais e sua evolução no processo de mudança até os dias atuais. Tais descobertas são importantíssimas para a academia e para os aspectos socioculturais, como forma de resgatar a história, bem como os valores das comunidades surdas esquecidas no passado, recuperando sua própria identidade, frente àqueles que utilizam a língua oral.

Em geral, é muito difícil de recuperar nos registros dos dicionários os detalhes das articulações, movimentos, entre outros. Isso ocorre porque na maioria das vezes eles apresentam uma única palavra em português associada a cada sinal de forma intuitiva, quase sempre indicando um sinal preciso e não uma possível tradução. De qualquer maneira, a partir das evidências que estão nos dicionários, pode-se analisar como era a língua de sinais antigamente e como ela se modificou até os dias de hoje, bem como qual a sua importância para a valorização social da comunidade surda.

Diniz (2010) percebeu que, ao passar dos anos, existe uma evolução no desenvolvimento dos dicionários, trazendo uma forma mais fácil e ágil de comunicação entre os escritores e leitores. Hoje a preocupação não é apenas em fazer dicionários, mas também, em analisar as metodologias de produção lexicográfica, isto é, como e para que os dicionários têm sido feitos.

Diniz (2010) também observou uma pequena mudança no alfabeto manual que aparece nos três dicionários. Houve uma mudança fonológica na estampa “I” referente ao alfabeto de 26 letras, no dicionário *Iconographia*. Em *Oates* o alfabeto permanece semelhante até os dias de hoje, mudando apenas a configuração de mãos da letra H. No dicionário *INES*, o alfabeto é idêntico aos dias de hoje.

---

pela pesquisadora refuta a ideia de que as línguas de sinais são apenas gestos teatrais ou mímicos.

Segundo Diniz (2010), identificam-se tendências de mudanças na LIBRAS nos três dicionários, a saber: simetria de duas mãos, deslocamento locativo, conteúdo lexical para as mãos, assimilação, deleção de uma mão de sinais de duas mãos e deleção de uma parte do sinal composto. Dos resultados das análises, pode-se verificar que alguns sinais da LIBRAS permaneceram idênticos até os dias de hoje, enquanto outros sofreram mudanças nas partes fonológicas e lexicais. A autora concluiu que diversos fatores influenciaram tais mudanças, como por exemplo: a influência dos falantes ouvintes sobre a LIBRAS; a influência da Língua portuguesa na estrutura da LIBRAS; o desconhecimento sobre as línguas de sinais; a organização lexicográfica nos dicionários de sinais; a discriminação ouvinte sobre a LIBRAS; o contato contínuo dos surdos com ouvinte; e a insegurança na consciência linguística dos surdos em relação à LIBRAS. Outra conclusão foi a descoberta de sinais da *Iconographia* idênticos na ASL e na LSF hoje em dia, mais do que nos dicionários *Oates* e dos *INES*.

### **3.4 – Francisco Lima Júnior – O Primeiro Professor Surdo em Santa Catarina na língua de sinais**

Segundo Schmitt (2008), Francisco Lima Júnior tem lembranças do avô Germano, tias Erna, Irude e Isabel, o pai Francisco, mãe Augusta e o irmão Reinoldo. Francisco Lima Júnior chamado pelo apelido (chiquito) é o único surdo desta família. Ele nasceu no dia 01 de junho de 1928 em casa, na Rua Duarte Schutel nº 16, em Florianópolis. A tia Erna disse que o Francisco foi até os 36 meses de idade uma criança normal e perfeita; mas nesta idade, foi um susto para os familiares do Francisco, ele ter ficado surdo.

Através de contatos com o senhor Francisco Lima Júnior estive presente na casa dele investigando sobre a primeira turma de surdo Catarinense. No dia 04/08/2006 foi entrevistado o senhor Francisco Lima Júnior. Ele nasceu no dia 01/06/1928, em Florianópolis no Estado de Santa Catarina, e até a idade de 03 anos ouvia normalmente. A família do Francisco sempre conversava com ele sobre cinema ou notícias que ouviam o rádio. O Francisco estava sentado no chão brincando com o carrinho na sala de estar assistindo o cinema com a família dele. A família chamou atenção do seu filho Francisco, mas ele não ouvia a voz dos seus pais falando Franciscooooo e também batendo palmas. O Francisco não ouvia nada e quando o pai tocou no ombro do

Francisco, ele entendeu. O que pai? (SCHMITT, 2008, p. 86).

Seus pais não se aperceberam ao longo deste tempo que Francisco estava ficando surdo, porque ele ainda não havia aprendido a falar, compreender palavras e a se comunicar por gestos. O pai de Francisco levou-o para o médico, que falou que o menino teve um problema no nervo auditivo e ficou surdo. (Consultas ao médico com frequência, dificuldade de se comunicar com a família, sentia-se muito pressionado, foram tempos difíceis, ele conta). O pai queria ensinar a lição para Francisco, que aprendia vocabulário e a gramática, juntamente com os números cardinais, desenho e a palavra correspondente, e também a linguagem gestual da comunicação dele. O pai levou-o para o tratamento médico com o Dr. Djalma Moellmann, que informou aos pais que, pela idade do Francisco, ele poderia estudar no Instituto Nacional de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro. Segue o depoimento:

Os pais resolveram levar seu filho para tratamento médico e fonoaudiológico no centro de Florianópolis para saber o que aconteceu com a audição do Francisco, que não ouvia nada. O médico fonoaudiológico dizia que ele era deficiente auditivo e também chamou-o de Surdo-Mudo naquela época. "Ai! Como fazer agora? Os pais perguntaram? O que? O meu filho não podia estudar na escola dos ouvintes e na época aqui não existia escola para surdos". O médico fonoaudiológico informou sobre a escola no INSM - Instituto Nacional de Surdos-Mudos no Rio de Janeiro/RJ. Eles verificaram que lá existia escola para surdos-mudos, mas resolveram permanecer morando naquela cidade. Então, o pai resolveu levar o seu filho Francisco para o Rio de Janeiro/RJ. Quando o Francisco era criança tinha ônibus, carro, caminhão, bicicleta e avião. Foi viagem de navio. O tio do Francisco trabalhava como marinheiro e levou o Francisco para o Rio, acompanhando do pai e do tio dele. (SCHMITT, 2008, p. 86).

Francisco realizou exames médicos, onde foi avaliada sua saúde, se podia estudar no Instituto Nacional de Surdos-Mudos, que era um grande desafio. Nesse lugar havia modernas oficinas e ginásio; tinha 109 surdos internos. Era comum observar um grupo de surdos que se comunicava na língua de sinais no corredor do Instituto. Lá também os alunos surdos podiam entrar em contato com os primeiros surdos que

vieram de diferentes estados e regiões do Brasil. Em 1937, o pai acompanhou Francisco em uma viagem de navio para o Rio de Janeiro e matriculou-o no Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Lá conheceu o Dr. Armando, ex-diretor de INSM, na década de 1940.

Em 1937, Francisco foi levado pelos primos Paulo e Hugo e pelo seu tio, para conhecer o INSM. Eles levavam Francisco ao Instituto nos sábados e voltavam nas segundas-feiras de 1937 a 1939. Hugo trabalhava no navio “Duque de Caxias”, que saía do Rio de Janeiro. O outro navio onde estava o tio voltava da Bahia, quando avistou um submarino de guerra (alemão) que era dotado de canhões. Os dois navios chocaram-se à noite; neles tinha bombas nucleares. Hugo, o tio, passageiros e marinheiros morreram no mar e um outro navio, onde seu tio Paulo trabalhava, desapareceu na Europa em 1945.

Na segunda guerra, Hitler se armou poderosamente, para dominar a Europa, mas, com sua derrota em 1939 a 1945, a Alemanha perdeu cerca de um quarto do seu território, que por alguns anos foi ocupado pelas forças aliadas russas, americanas, inglesas e francesas. Das cinzas, surgem os novos navios. Um navio a vapor com o nome de Carlos Hoepcke e Anna, navio este de carga e passageiros, que transportou Francisco até o Rio de Janeiro. O capitão deste navio era seu tio, Célio Viana. Os passageiros eram atenciosos para com Francisco e o ajudavam quando ele precisava.

Era oferecido abrigo aos navios aportados no porto de Santos/SP, Rio de Janeiro, São Francisco do Sul e Itajaí. Iam de navio e, na volta, vinham de avião, com destino a Florianópolis e Rio de Janeiro. O pai, Francisco Candido de Souza Lima, era gerente contador, homem de bom coração que fazia a contabilidade de Carlos Hoepcke, era uma amizade de marinha mercante.

Em suas viagens, o professor Francisco Lima Júnior viu o Sr. Ademar Barros, que era intendente de comércio do vapor Carlos Hoepcke. Viajaram num submarino guiados por bússola, para ajudar os navegantes, em 1937 a 1946. Ao fim do ano letivo no Instituto, o pai e Francisco voltavam para Florianópolis em 1947. O Professor Francisco trabalhou auxiliando a contabilidade e os lançamentos na filial de Carlos Hoepcke S/A. Ele aproveitou o aprendizado nas oficinas do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, onde aprendeu uma série de profissões: como a de marcenaria, encadernação e sapataria, além de participar de um curso de Desenho. Segue a explicação do autor:

Os alunos de vários estados no Brasil também estudavam no INSM junto com o Francisco e fizeram amizade

jogando o futebol na quadra. Depois o Francisco foi para os alojamentos no Instituto e dormiu cada um num beliche, todos os alunos surdos eram brasileiros. Os alunos surdos acordavam às 05h:30min nas madrugadas para arrumar e ficavam esperando na fila de outros alunos, faziam relaxamento e educação física para depois tomar o banho. Depois estudavam de manhã e à tarde, às vezes à noite e voltavam para o alojamento no Instituto. O professor no Instituto dava aula de oralização para os alunos surdos na sala de aula, explicando o conteúdo de matéria no quadro negro e também com vareta. Depois o professor anotava no quadro a escrita de português, avisava para o aluno surdo que não podia copiar no quadro e prestar atenção à escrita no quadro. O professor apagava no quadro para o aluno surdo memorizar a escrita da fala. O que aconteceu? Os alunos ficaram com dificuldade de entender a escrita no quadro. (SCHMITT, 2008, p. 92 e 93).

Os professores mostravam várias figuras de objetos com os respectivos nomes e, individualmente, faziam o trabalho de repetição com o aluno Francisco, que escrevia e falava. Mas existia a língua de sinais no lado de fora. No pátio, a comunicação dele e o grupo de surdo no Instituto apresentava a língua de sinais. Dr. Armando Lacerda diretor do Instituto Nacional de Surdos-Mudos – INSM acampanhou a comemoração de sua fundação e seguiram-se demonstrações de ginástica, representação de uma peça teatral, números de bailado pelo corpo etc.

Os surdos da marcenaria, da encadernação e da sapataria eram jogadores e participaram da competição de futebol de campo no instituto. Venceram os surdos da encadernação, que receberam medalhas e troféu. O grupo de alunos que ganhou a competição foi viajar e passear na praia da Ilha de Paquetá/RJ. Dois alunos deste grupo, mais tarde, tornaram-se professores do Instituto. Um deles era o professor Hélio, ensinava ginástica, futebol e voleibol na quadra de esportivo; e o outro era professor Francisco.

Na época, foi feita uma reportagem com depoimentos do Dr. Armando Lacerda, dos professores João Brasil Silvado Júnior, Saul Borges Carneiro e Geraldo Cavalcantil, todos eles ouvintes. Essa reportagem foi riquíssima, detalhada, cheia de fotografias, é uma importante fonte de pesquisa. Francisco desenvolveu sua aprendizagem na língua de sinais, aproveitando essas atividades comemorativas que aconteciam no instituto, além do currículo da escola.

Os professores acima citados, todos oralistas, impressionam pela cultura e a quantidade de informações com que discorrem sobre a educação do surdo e a história na língua de sinais. Sendo recebido pelo ministro da educação e saúde, naquela época, foi oferecido um mérito ao ex-aluno Francisco Lima Júnior, conforme mostra a citação:

O Francisco Lima Júnior recebeu o mérito do segundo melhor no Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM) no Rio de Janeiro/RJ por a maior nota de avaliação na prova e também em todas as disciplinas. Vejam os nomes – primeiro lugar (Odil Soares em São Paulo), segundo lugar (Francisco Lima Júnior em Santa Catarina) e terceiro lugar (Miriam S. Rio de Janeiro). Parabenizamos o senhor Francisco Lima Júnior do nosso Estado de Santa Catarina é vitorioso e orgulhoso!!! (SCHMITT, 2008, p. 96).

Ele foi aluno interno do Instituto Nacional de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro e do Instituto Paulista de Surdos em São Paulo em 1940 e não gostava de São Paulo. A professora Helena (INES) era de origem Italiana, ensinava a fazer ditado em português (oralismo), mas a língua de sinais não existia na comunicação e o grupo surdo teve pouco contato com a língua materna (língua de sinais).

Para a inauguração do Instituto Nacional de Surdos-Mudos foram convidadas várias autoridades, entre elas o ministro da educação, diretores de escolas, e outros. Esta aconteceu no teatro do Instituto, e ofereceram três certificados para o curso de desenho, para a oficina de encadernação e linguagem, que foram ganhos pelo Francisco Lima Júnior em 1946. No ano seguinte, ele voltou para Florianópolis:

Em 1946, com 18 anos de idade, voltou para Florianópolis/SC, quando passou a procurar por pessoas surdas nas várias cidades do estado de Santa Catarina e demorou um tempo para ter contato com os surdos catarinenses. Ele começou a dar aulas numa garagem situada à Rua Francisco Tolentino, passando ser ali a primeira escola para surdos de Florianópolis. O Francisco ensinava desenho, linguagem escrita, vocabulário básico, gramática, geografia, história do Brasil e conhecimentos gerais. Ele trouxe para o nosso estado o modelo de associação e fez um projeto de escola para surdos com a esposa de ouvinte que ajudou o Francisco. Após a conclusão dos cursos, em 1947, retorna definitivamente para casa dos pais, em

Florianópolis, à Rua Duarte Schutel, nº 16. (SCHMITT, 2008, p. 104).

Em 1947, morava com o pai em sua casa em Florianópolis. Ele foi habilitado em contabilidade pelo Instituto, e fez o curso de Contabilidade do Instituto Radio Técnico R.T. Monitor S/A – núcleo de ensino profissional livre por correspondência (1 lição até 28 lição) São Paulo – SP. Após Francisco conhecer os surdos em várias cidades de Santa Catarina, ele ficou com vontade de auxiliar o surdo que ficava isolado em casa e na família, sem o uso da comunicação gestual. Veja a seguir a imagem apresentada do Francisco Lima Júnior em 1947:



Figura 13 – Acervo do Francisco: é o primeiro dicionário na língua de sinais em Santa Catarina em 1947

O primeiro dicionário em Santa Catarina tinha imagens do próprio Francisco, que demonstrava a preocupação cultural/linguística para com os surdos e a difusão da língua de sinais, procurava uma forma de o grupo de surdo ter contato com a língua de sinais e ensinava em sua casa (na garagem), onde também ficava a associação.

As aulas continuavam com o professor Francisco, que ia ensinando cada vez mais sinais e com qualidade, pois dali faziam as provas finais. O professor ensinava conteúdos de matemática, geografia,

conhecimento geral, ciências e português. No último mês de aula, após o encerramento das aulas, o professor entregava os boletins com as médias de todos os surdos que ficaram alegres, pois nenhum deles tinha sido reprovado.

Francisco viajou para São Paulo em 1954, iniciou sua amizade com o primeiro presidente da Associação dos Surdos-Mudos de São Paulo, senhor Mário Devisate, que não tinha o conhecimento da existência de uma associação de surdos em Florianópolis. O senhor Mário Devisate deu um documento de uma Associação de Surdos-Mudos com âmbito nacional e Francisco veio como delegado para a região do sul, passando a residir nessa capital.

Foi o primeiro encontro com o presidente da Sociedade dos Surdos-Mudos do Distrito Federal<sup>49</sup> que mudou a Associação de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, o senhor Miguel da Fonseca Seabra de Melo, grande colega, já falecido. Francisco em meio à conversa na língua de sinais conheceu o presidente da ASURJ, que comentou “aquele também é surdo”. O colega dele sorriu, ao sair, cumprimentou o senhor Miguel da Fonseca Seabra de Melo que, agradecendo, estendeu-lhe a mão. Isso aconteceu no Instituto Nacional de Surdos-Mudos.

Francisco nunca mais se esqueceu dessa cena: bem da verdade, ele conversava com o senhor Salomão Watnick (já falecido em Porto Alegre), que foi o primeiro presidente da Associação dos Surdos-Mudos do Rio Grande do Sul, e foi uma grande amizade. Como pode estudar desde cedo em escola especial para Surdos Mudos em São Paulo e Rio de Janeiro, conhecia muitos surdos, tinha amizade e intimidade, oportunizando contato com surdos que tinham liderança e outros grupos de surdos, tendo como consequência aprendido expressões, palavras novas da língua de sinais, inclusive as variações linguísticas de outras regiões.

Francisco foi tratado como amigo pelos senhores Vivaldo Leal de Merelles e Ciro Garcia de Souza, já falecidos, que escreveram o primeiro estatuto da Associação dos Surdos-Mudos do Paraná. Eles perguntaram como ganhavam a vida os surdos-mudos que não tiveram a felicidade de cursar escolas especiais. Então, nesta pergunta encontraram o motivo da existência da associação e da escola.

Francisco fundou o Círculo dos Surdos-Mudos de Santa Catarina – CSMSC no ano de 1955. Naquele aniversário de sua entidade, os surdos-mudos de Florianópolis receberam a visita de delegações de

---

<sup>49</sup> O Distrito Federal nessa época era o Rio de Janeiro.

outros Estados. No primeiro jogo, o CSMSC já ganhou um troféu, no futebol de campo. Outro ganho foi com a Associação dos Surdos-Mudos do Paraná onde havia muitas variações na língua de sinais e o contato proporcionou o aprendizado de novos sinais para todos.

Em 1961, o Governador Celso Ramos atendia o presidente O Círculo dos Surdos-Mudos de Santa Catarina, o professor Francisco Lima Júnior, acompanhado de outros membros daquela associação, pleiteava a construção de uma escola para surdos-mudos em nosso Estado, porque ainda não existia nenhuma. O ensino de Francisco desenvolvia o domínio da língua de sinais dos surdos em Santa Catarina:

Em Santa Catarina, o processo de educação de surdos se deu na década de 50 com serviços implementados na rede regular de ensino. Aconteceu que os surdos estudaram na escola regular juntamente com alunos ouvintes e eles não se compreenderam na sala de aula porque o professor falava a língua portuguesa e oralismo. A língua de sinais era proibida, por influência do congresso de Milão, na Itália, em 1880. Os alunos surdos ficaram isolados dos alunos ouvintes por causa das barreiras de comunicação. Os ouvintes não conheciam a cultura e a identidade surda. Por exemplo, na sala de aula muitos alunos ouvintes se comunicam em português e os surdos ficam isolados e excluídos na escola dos ouvintes. Porque o surdo procura a intervenção da cultura que se vive na língua de sinais, encontra outros surdos na comunicação, nos contatos entre outros surdos e consegue juntamente na força política dos movimentos surdos. Na verdade, o Francisco teve força de vontade para estudar no INES. Ele é uma pessoa boa, com a responsabilidade de fundar associação de surdo. A trajetória de vida desde a infância marca e registra que Francisco tem procuração com o povo surdo do interior, com os contatos na língua de sinais e mais valorização da cultura surda. (SCHMITT, 2008, p. 105).

Foi apresentado para Francisco Lima Júnior, pelo Governador Celso Ramos, o termo aprovado para contratação de profissionais para funcionamento da sala para surdos-mudos em Florianópolis, que funcionou na Escola Celso Ramos, localizada na Rua Francisco Tolentino nº 12, Centro de Florianópolis. Esse empreendimento veio dotar a capital de mais uma escola, desta vez destinada aos surdos-mudos, que também necessitavam ser atendidos quando se promovia o crescimento no número de escola em nossa terra.

Em Florianópolis, existiam duas escolas para crianças surdas, uma funcionando no grupo Escolar Celso Ramos e outra no grupo Escolar Barreiros Filho, todos a cargos de professores especializados. Nessa época, os surdos de Florianópolis receberam a visita de um sacerdote surdo, o Padre Vicente de Paulo Penido Burnier, natural de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais e também do Padre Eugênio Oates nascido em Missouir, Estados Unidos. Atraído pela personalidade e pelo trabalho do padre Vicente, o padre Eugênio Oates veio para o Brasil em 1946, como missionário, dirigindo-se à igreja dos padres redentoristas, sediada em Manaus.

Integrou-se na vida brasileira o padre Eugênio Oates, realizando campanhas em todo o país em favor da difusão da linguagem das mãos, no Rio de Janeiro, onde lançou o primeiro livro em 1969.



Figura 14 – Acervo do Francisco: fotografia de Jornal que traz reportagem sobre o livro *Linguagem das Mãos*

Em Florianópolis, encaminhavam os surdos-mudos para a instituição especializada, podia-se procurar o Círculo dos Surdos-Mudos de Santa Catarina, no grupo escolar Barreiros Filho e no Instituto de Audição e Terapia de Linguagem – IATEL. Fundado no dia 05 de julho de 1969, o IATEL já funcionava no hospital infantil, em instalações precárias. Para que crianças surdas pudessem ter uma vida normal, o professor Francisco Lima Júnior trabalhava há muitos anos.

O Círculo dos Surdos-Mudos de Santa Catarina começou a se movimentar, pois na reunião teve contato com a língua de sinais, que começou com o discurso, depois um jogo divertido que o CSMSC

promovia no encontro desta reunião. Também ofereceu a renovação de matrículas para menores e adultos surdos. Reabriu a escola para surdos menores no período da manhã e à noite para adultos analfabetos. Teve também outra reunião que iniciou com um discurso e, após isso aconteceu o jogo com os associados.

As aulas continuavam normalmente e as reuniões também. Francisco Lima Júnior, que era o presidente da Associação dos Surdos do Estado de Santa Catarina, era quem organizava o encontro com as associações de surdos de várias cidades do estado. Havia, além dos discursos, escolha da rainha dos surdos e competições de jogos (futebol, vôlei), além de viagens. Numa dessas viagens, os surdos de Santa Catarina foram para São Paulo no festival esportivo, numa viagem de dois dias, onde ocorria a silenciosa festividade.

O presidente do CSMSC nesta festa fez um discurso para os amigos surdos de São Paulo, e o vice-presidente do CSMSC deixou seu cargo porque não quis mais participar destas associações. Então, as aulas continuaram. Foi um mês em que muitos sócios ou alguns estavam com muito trabalho, vinham alguns sócios da associação dos surdos-mudos, para saber das informações da semana no CSMSC. Por isso, continuaram alguns surdos realizando o encontro para bate-papo na língua de sinais, todas as quartas-feiras. Realizou-se a primeira comunhão pascoal na capela do Colégio Catarinense rezada pelo padre Vicente, que era surdo, no mesmo dia após a missa de aniversário do presidente Francisco.

Os alunos surdos entraram em férias, mas continuaram os encontros e reuniões onde discursavam e planejavam as atividades esportivas para o CSMSC, após os jogos que eles faziam todos os meses. Havia reuniões com bate-papos na língua de sinais no CSMSC. Numa destas reuniões, aconteceu um evento importante para os surdos-mudos que eram associados do CSMSC, pois comemoraram a data de sua inauguração.

Francisco continuava a dar aulas e palestras, principalmente sobre a Independência do Brasil, sobre D. Pedro I e outros assuntos. Na comemoração da Independência do Brasil, os associados da CSMSC viajaram para Curitiba e encontraram os amigos surdos de lá. E todos fizeram um discurso que iniciou com o presidente da CSMSC após os representantes de cada sociedade e depois do discurso foi eleita a rainha da Associação dos Surdos de Curitiba, senhorita Anair Budel. Em seguida, o presidente da Associação dos Surdos de Curitiba convidou o professor Francisco Lima Júnior presidente do CSMSC para dançar a valsa com a rainha das prendas, Anair Budel.

Francisco contou que o baile foi muito divertido e durou até a madrugada, com o grupo de surdos que conversava muito no encontro de associações regionais. Após o encerramento do evento, visitaram uma escola de crianças surdas em Curitiba. Em 1972, o professor deu para cada aluno uma cartolina e, assim, cada um ia imaginar e pintar seu conhecimento do trabalho para a difusão da língua de sinais. Depois, na comemoração do dia do professor, os alunos fizeram uma pequena homenagem ao professor Francisco.

O professor falou sobre o dia do Índio, descobrimento do Brasil, a morte de Tiradentes entre outros. Na páscoa, os alunos receberam presentes de chocolate; na semana da paixão foi apresentado o teatro “a morte de Jesus Cristo”, na língua de sinais por um grupo de surdos, para difundir sua língua.

O ensino da língua de sinais em Santa Catarina com os ensinamentos do professor Francisco proporcionou uma nova fase da língua de sinais, trazendo influências de outras comunidades surdas do Brasil. A partir desse contato, o modelo linguístico trazido do Rio de Janeiro é aperfeiçoado a cada geração.

O Imperial Instituto dos Surdos-Mudos foi de extrema importância na propagação da língua de sinais em grande parte das regiões brasileiras. O Sr. Francisco, cidadão Catarinense, foi um aluno desta instituição, após retornar ao seu estado de origem, ele foi educador de surdos e responsáveis pela difusão da língua sinalizada usada nesse instituto. (CORREA e SEGALA, 2009, p. 32).

Durante todo esse tempo, o professor Francisco Lima Júnior orienta, auxilia e direciona todas as atividades escolares das crianças, jovens e adultos surdos, tornando-se assim o primeiro professor dessa metodologia de ensino: - A Linguagem das Mãos, com o objetivo de criar um alfabeto único, para todos os Surdos do Estado de Santa Catarina. Suas aulas e palestras em LIBRAS tornaram-se muito populares entre os surdos catarinenses.

É importante registrar na história da língua de sinais em Santa Catarina um estudo linguístico e possibilitar a pesquisa sobre o primeiro professor surdo Francisco, que criou o primeiro dicionário aqui em Santa Catarina. Ele trouxe o modelo do INES/RJ (uma experiência na língua de sinais) para nosso estado de Santa Catarina e influenciou a comunidade surda catarinense.

Uma das pessoas surdas da nova geração é a Sandra Lúcia Amorim, que escreveu um pequeno dicionário chamado: “Comunicando

a Liberdade - A Língua das Mãos” em 2000.

Concluimos que a Língua Brasileira de Sinais teve forte influência da língua de sinais francesa (LSF), que também influenciou a língua de sinais em Santa Catarina, através do professor Francisco que estudou no INES. A LSF é uma língua mais antiga do que a LIBRAS, com um acervo bibliográfico maior. A LIBRAS tem características próprias, e está em expansão a partir de sua oficialização em 2002, pela necessidade de incluir novos sinais ao aprendizado da comunidade surda que passou a ter uma maior abertura nas universidades.



## CAPÍTULO IV – Variação e mudança na língua de sinais

### 4.1 – Introdução

Nesta pesquisa, tomamos como base teórica os estudos sociolinguísticos de Labov (2008 [1972]) na concepção de que seu texto pode nos ajudar a embasar o trabalho de pesquisa. Assim, tomamos como base os estudos das línguas orais do autor, adaptando-os às variações e mudanças linguísticas das línguas de sinais.

O estudo desenvolvido aqui mostra os sujeitos surdos, a língua de sinais, algumas possíveis variações e mudanças linguísticas. Traz explicações da língua de sinais pelo surdo: indícios de variação e mudança linguística; apresenta variações linguísticas na língua de sinais utilizadas pelos surdos e, por fim, como o surdo se comunica: a língua de sinais em seu contexto social.

### 4.2 – A língua de sinais pelo surdo: indícios de variação e mudança linguística?

A LIBRAS<sup>50</sup> é uma língua usada entre os surdos, assim como entre os ouvintes, desde que queiram interagir com esta forma de comunicação. Ao verificar o acesso dos surdos à comunicação e à expressão de forma criativa, pode-se encontrar respostas sobre mudanças na gramática, em palavras, em frases e em seu contexto social.

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas *variáveis* podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciado diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. (CALVET, 2002, p. 89).

Queremos apresentar algumas variações e mudanças linguísticas a que os surdos estiveram expostos no primeiro espaço de ensino promovido pelo professor Francisco Lima Júnior (Chiquito). Ele influenciou para a expansão da língua de sinais da comunidade surda na

---

<sup>50</sup> “É uma língua natural é através dela que os surdos têm acesso ao mundo em que vivem. No entanto, ela não é uma língua que o surdo aprende sozinho. Ele pode desenvolver uma língua.

história de Santa Catarina. Então, queremos perceber se há diferenças durante sua trajetória, entre a variação linguística daquela época (1950) até a atualidade, se aconteceram mudanças por influência da transformação tecnológica da sociedade. Acreditamos que, com o passar do tempo, ocorrem mudanças na língua de sinais histórica e culturalmente na comunidade surda.

As línguas de sinais, como todas as línguas, são dinâmicas. Em contato com grupos surdos na comunidade, modificam-se, ao longo do tempo, como qualquer outra língua. A mudança pode ser percebida em diferentes regiões onde o surdo busca a informação, utilizando a língua de sinais que vem de outro lugar com algumas diferenças entre palavras e seu significado, entre sinais.

Quando as pessoas surdas evoluem culturalmente, a língua de sinais se transforma. Com o passar do tempo a “LIBRAS” também se modifica. Na interação do indivíduo surdo na comunidade surda e na sociedade, essas relações de contato fazem com que se criem novos sinais, pois aparecem palavras novas e outros sinais sofrem adaptações: ocorrem mudanças na configuração de mãos, no ponto de articulação, no movimento, na orientação/direcional, na expressão facial e corporal. Essas adaptações são criadas pela necessidade no contato e na situação de uso. A comunidade surda como qualquer outra, vem evoluindo e se transformando, firmando uma identidade surda.

Como já ressaltamos, a origem da língua de sinais no Brasil é européia. Sua maior influência foi no Rio de Janeiro, no Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES/RJ, onde se expandiu para os demais estados brasileiros. Recebeu influência também do Francês, do Português (Portugal) e dos Estados Unidos. O Instituto pesquisou a influência cultural dos surdos e as influências sofridas quanto a LIBRAS. Assim como na Língua Portuguesa acontecem modificações na escrita e na fala com o tempo, na língua de sinais também ocorrem transformações quanto à configuração de mãos. A língua de sinais evolui com mudança constante em cada região e a comunicação do surdo acompanha e qualifica mais a língua de sinais. A LIBRAS sofre modificações com o tempo e também, como na língua falada, apresenta palavras ou expressões próprias do lugar onde acontece a comunicação. Sendo assim, o surdo não tem o contato com a LIBRAS longe da sociedade, ou na zona rural, nesse caso, pode se apropriar de sinais próprios para a comunicação ex.: Francisco buscava os surdos nas regiões de Santa Catarina, pois o contato com a LIBRAS é importante para a sua identidade cultural.

Realmente pode-se considerar que essas diferentes palavras se dividem em seu uso em uma escala de faixas etárias: os jovens diriam **banheiro**, seus pais **wc** e seus avós, **reservados**, por exemplo. Pode-se então imaginar que eles se dividam segundo o sexo dos falantes, os homens dizendo mais **banheiro** e **wc** e as mulheres, **toalete** e **reservado**. (CALVET, 2002, p. 103).

A LIBRAS é uma língua, porque possui estrutura gramatical própria, é essencial para o surdo o contato em relação ao outro, como em qualquer outra língua que tem diferenças gramaticais. Utilizando o movimento de sinal e a expressão facial, como meio de comunicação, o surdo se comunica tanto com a comunidade surda quanto com a ouvinte.

O contato dos jovens com os ensinamentos do professor Francisco proporcionou uma nova fase da língua de sinais. A partir desse contato, o modelo linguístico trazido do Rio de Janeiro é aperfeiçoado pela geração mais nova, do mesmo modo que descreve Calvet (2002) nos estudos de língua oral:

- a idéia de pesquisa uma (s) variável (eis) frequente (s) que geralmente aparecem na estrutura lingüística, variáveis cuja distribuição deve ser fortemente estratificada: "Isso equivale a dizer que as pesquisas preliminares deveriam indicar a seu respeito uma distribuição assimétrica entre as mais diversas faixas etárias, ou entre outras categorias mais hierarquizadas da sociedade"; - o estabelecimento de uma metodologia que extrai essas variáveis dos textos produzidos pelos falantes; - a pesquisa da correlação entre essa distribuição de traços linguísticos e uma distribuição de traços sociológicos. (CALVET, 2002, p. 93).

Na citação acima, o autor relata que é preciso pensar a construção de identidade levando em conta diferentes faixas etárias e a variação linguística. Entendemos, assim, a necessidade de pesquisarmos as variações ocorridas em Santa Catarina.

A LIBRAS possui uma forma de comunicação própria. É independente, como qualquer outra língua escrita ou falada. Tem o formato próprio na sua comunicação, que é o visual, pois se utiliza de sinais/gestos e expressões. Todos os seres humanos usam um determinado tipo de língua e linguagem para se comunicar e tanto a língua falada quanto a sinalizada apresentam sentidos de expressões

diferentes na comunicação. A língua de sinais muda histórica e linguisticamente conforme as variações de cada lugar ou região. Então, é importante a relação estabelecida com outras pessoas na sociedade na troca de informação, ideias, experiências, ensinamentos e aprendizagem quando se fala uma língua. Quando pensamos as línguas, percebemos que existem diferenças na LIBRAS e no Português.

Frishberg (1975)<sup>51</sup>, no seu estudo pesquisado no Instituto Técnico Nacional para Surdos, de Nova Iorque, aborda como a Língua de Sinais Americana (ASL), tem mudado gradativamente, ao longo do tempo, de uma linguagem mais icônica para uma linguagem mais arbitrária. É a língua natural da comunidade surda nos Estados Unidos e em partes do Canadá onde o inglês é falado. Difere das duas línguas que a maioria das pessoas conhece no sentido de que é produzida com as mãos e percebida pelos olhos, em vez de pronunciado e percebido pelos ouvidos. Então, ela realizou a sua pesquisa sobre alguns processos históricos em Língua de Sinais, onde havia uma forte tendência para certas mudanças. Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seu inventário lexical com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em respostas às mudanças culturais e tecnológicas.

A língua de sinais possui estrutura gramatical como qualquer língua, utiliza parâmetros e, como todas as línguas, tem variações no nível: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Por isso, pode-se perceber a mudança cotidiana na língua de sinais. A pessoa surda traz do seu contato cultural, dos grupos nos quais está inserida, novos olhares desta língua muitas vezes transformando sinais já existentes em novos sinais.

Quadros e Karnopp (2004) dizem que as línguas de sinais recebem informações linguísticas pelos olhos e são produzidas pelas mãos. O termo fonologia tem sido muito usado para estudar os elementos das línguas de sinais. Apesar da diferença com as línguas orais, as duas línguas têm os mesmos princípios subjacentes de construção. Porém existe um esquema linguístico estrutural nas línguas de sinais que não tem significado se feito isoladamente, que é

---

<sup>51</sup> Nancy Frishberg é consultora em Língua de Sinais e Interpretação. Ela tem Ph.D. em linguística pela Universidade da Califórnia, San Diego, onde sua pesquisa de doutorado focada em mudança histórica em Língua de Sinais Americana – ASL. Seu trabalho de dissertação demonstrou que os sinais seguem princípios linguísticos como elas mudam ao longo do tempo com o uso. Seu livro de 1986, “Interpretação: Um Introdução”, que ainda está em versão impressa, é o texto principal em muitos programas de treinamento intérprete, e serve como base para o exame escrito (primeira etapa) para certificação pelo Registro de Intérpretes para Surdos.

Configuração de Mãos (CM), Locação (L) e Movimento (M). A LIBRAS é basicamente feita com as mãos (direita ou esquerda), tendo também movimento do corpo e da face. A CM, L e M se contrastam minimamente alterando o significado dos sinais.

A ASL tem a sua própria gramática e fonologia. Na língua de sinais, é o estudo dos movimentos manuais básicos, que fornece a base para todos os sinais, sintaxe e morfologia na língua falada. A morfologia estuda como as palavras são formadas a partir de sons e palavras básicas. Na língua de sinais, é o estudo de como os sinais manuais básicos representam conceitos. A língua americana de sinais é uma língua visual que incorpora gestos, expressões faciais, movimentos da cabeça, linguagem corporal e até o espaço ao redor do falante. Os sinais manuais são a base desta língua. Muitos deles são icônicos, o que significa dizer que o sinal usa uma imagem visual que se parece com o conceito que representa.

Wescott (1971, Frishberg) sugere que todas as formas de língua (oral, escrita e gestual) usam iconicidade. Ele diz que a iconicidade é um sinal familiar (caseiro), em vez de uma característica absoluta de qualquer sistema de comunicação, incluindo a língua.

Segundo Frishberg, um sinal pode ser especificado através de quatro parâmetros simultaneamente: configuração de mão, movimento, ponto de articulação (ou localização) e orientação. Essas descrições de parâmetro servem para poder distinguir alguns sinais de outros similares e dar sentido à frase num todo, como por exemplo, os sinais HOJE e AGORA, diferem no parâmetro movimento, mas são iguais na configuração de mãos e na localização. A alteração entre esses parâmetros pode significar uma completa alteração no sentido de algumas palavras. Por exemplo, o sinal correspondente à “MAÇÃ” pode significar “QUEIJO” se houver apenas uma mudança na configuração de mãos; novamente “MAÇÃ” pode significar “CURSO” se houver diferença no local e; por fim, “MAÇÃ” pode significar “CUBA” se houver variação no movimento. Esses são pares-mínimos encontrados na LIBRAS. A orientação, conforme aplicada, também pode alterar o significado de uma palavra. Seguem os exemplos na língua de sinais:



Figura 15 – Mostrar os Sinais

As autoras Quadros e Karnopp (2004, p. 78), dizem que as restrições fonológicas requeridas para a boa formação de sinais podem ser produzidas pelas mãos como: a) sinais produzidos com uma das mãos; b) sinais produzidos com as duas mãos ambas ativas; e c) sinais produzidos com as duas mãos em que a mão dominante é ativa e a mão não-dominante serve como locação.

Para Battison (1978, Quadros e Karnopp (2004)), há duas restrições fonológicas na produção dos tipos de sinais: a) a condição de

simetria e b) a condição de dominância. Quando as duas mãos se movem na produção de um único sinal: CM deve ser a mesma para as duas mãos, a locação deve ser a mesma ou simétrica, o movimento deve ser simultâneo ou alternado. Já na condição de dominância, as mãos apresentam diferentes configurações, e então a mão ativa produz o movimento e a mão passiva serve de apoio.

A importância dessa transferência de movimento do rosto ou corpo para as mãos deve ser ressaltada, bem como a concentração para uma sinalização de fácil entendimento. Alguns sinais continuam sendo motivados para uma mudança, dentre eles: **WILL** (indica o futuro), **CARE** (cuidado), **TEDIOUS** (tedioso), **FINDFULT** (criticar) e **MEET** (encontrar). Nessas mudanças são observadas algumas características corporais tais como: movimentos ordenados dos dedos e mãos, deslocamento lateral da cabeça e movimentos do tórax.

Pesquisei outro exemplo, no curso de Letras/LIBRAS, sobre a variação fonológica “Os sinais **FUNNY** (engraçado), **BLACK** (preto) e **BORING** (chato): são exemplos de variação fonológica, pois esses sinais podem ser realizados de duas formas: só com o indicador



distendido e os outros dedos fechados , ou com o indicador e o polegar distendidos e os demais dedos fechados”



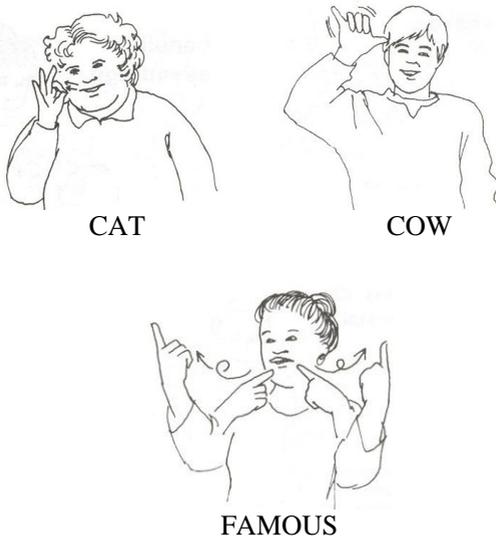


(TENNANT &amp; BROWN, 2004)

Todos estes sinais podem ser produzidos tanto com o indicador fechado quanto com ele estendido para o lado.

Figura 16 – Variação fonológica

Outro exemplo interessante dos autores Woodward e Desantis (1976) são sinais que podem ser realizados tanto com uma mão quanto com duas mãos, como os sinais **CAT** (gato), **COW** (vaca) e **FAMOUS** (famoso), que são produzidos no rosto.



(TENNANT &amp; BROWN, 2004)

Figura 17 – Mostrar os sinais com uma mão e com duas mãos

Vamos conhecer e refletir sobre as variações dos surdos essencialmente com relação à língua de sinais.

Klima e Bellugi (1979) representam uma pesquisa fonológica na língua de sinais do ASL. A ASL – American Sign Language é a língua natural da comunidade surda nos Estados Unidos. Os autores identificam na língua de sinais apenas três parâmetros: configuração de mão (CM), ponto de articulação (ou localização) (L), movimento (M), que, ao serem analisados individualmente, não são possuidores de significado, e a outra autora Brito (1995) no Brasil pesquisou partes dos parâmetros primários, a configuração das mãos, o ponto de articulação e o movimento e, também os parâmetros secundários<sup>52</sup>, a região de contato, a orientação das mãos e a disposição das mãos.

Segundo Frishberg, em se tratando de tendência para a simetria, a língua toma várias formas. Examinando o seu desenvolvimento em dois parâmetros, mão-forma e movimento, nota-se que ambas as mãos agem em uníssono e uma mão age sobre a outra. As mãos assumiram a mesma configuração. Pode-se ver que alguns sinais mudam sua forma de expressão, antes era com apenas uma das mãos e agora se tornam as duas.

É claro que os sinais tendem a seguir mudanças ao longo da história. Por exemplo, para sinais no rosto tendem a utilizar apenas uma mão, deixando a face mais visível e permitindo que os olhos expressem uma variedade de fins gramaticais. Já para os sinais na área do tronco, geralmente usam as duas mãos – o que, muitas vezes, é sinal de redundância e simetria.

Segue o exemplo da língua de sinais do ASL:

---

<sup>52</sup> BRITO (1995), Região de Contato: “Refere-se à parte da mão que entra em contato com o corpo. Esse contato pode-ser dar maneiras diferentes: através de um toque, de um risco, de um deslizamento, etc”.

Orientação das Mãos: “É a direção da palma da mão durante o sinal: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para esquerda ou para a direita. Pode haver mudança na orientação durante a execução do Movimento”.

Disposição das Mãos: “A articulação dos sinais pode ser feita apenas pela mão dominante ou pelas duas mãos. Neste último caso, as duas mãos podem se movimentar para formar o sinal, ou então, apenas a mão dominante se movimenta e a outra funciona como Ponto de Articulação”.

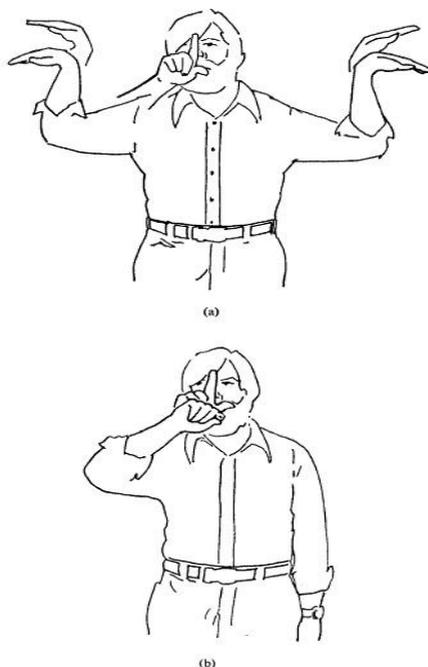


Figura 18 – Sinal de Pássaro

Para o sinal de PÁSSARO, em um primeiro momento, utiliza-se uma das mãos na área da face para o sinal “bico” e, em seguida, as duas mãos (uma para cada lado) em forma de asas. Por fim, o sinal PÁSSARO, hoje, é apenas representado pela primeira parte (bico em mão única).

A história documentada da língua americana de sinais não é longa, existe uma série de gestos registrados ao longo da história, mas foi somente no final do século XVIII que os surdos foram considerados educáveis.

Segundo Frishberg, “Homesign” (sinais caseiros) é um termo geral utilizado pela comunidade surda para se comunicar, porém, é uma forma bastante utilizada principalmente pelas mães em áreas rurais que têm filhos surdos. Dados estatísticos mostram que 80 a 90% dos surdos nascem de pais ouvintes, por essa razão há uma necessidade inevitável de comunicação. A partir dessa necessidade, as mães, principalmente, precisam encontrar maneiras de se comunicar com os filhos e passam a criar sinais de forma empírica sem qualquer regra, ou seja, sinais não padronizados. Tais sinais inventados passam a criar certas dificuldades

de comunicação entre as diferentes comunidades de surdos. Existe a ASL (Língua de Sinais Americana) com uma linguagem já padronizada, que começa a ser difundida e ensinada através das escolas americanas com sinais padronizados.

A língua de sinais padronizada enfrenta ainda dificuldade, pois algumas escolas eram proibidas politicamente de ensinar através da metodologia da ASL. O fato é que outras escolas, mesmo sem a devida autorização, começam a ensinar a língua padronizada. Os surdos começam a aprender a língua padrão, mas continuam a se comunicar em casa com os familiares usando o “homesign” (sinais caseiros). A comunicação ensinada em casa requeria a utilização de vários recursos ambientais para a comunicação, entretanto, havia a dificuldade de encontrar referência para as cores nos recursos ambientais, pois para se referir a uma cor eles deveriam encontrá-lo na natureza, aproximar-se o suficiente para apontar e fazer a associação com a cor.

Historicamente pode-se afirmar que, ao longo do tempo, a forma de comunicação entre a comunidade surda vem mudando constantemente, técnicas e sinais vêm sendo aperfeiçoados. Ao invés de gestos não-estruturados, o que encontramos é uma gama de sinais e movimentos de mãos regularizados, ou seja, inter-relacionados, conjunto sistematizado de sinais que está passando por mudanças, de forma regular e formal.

Quadros e Karnopp (2004, p. 51) observam que os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, estas se movimentam em um espaço determinado em frente ao corpo. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos, ou seja, um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a esquerda. Mas precisa-se levar em conta que sinais efetuados com as duas mãos apresentam restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos. De acordo com Brito (1995), a LIBRAS apresenta 46 Configurações de Mãos (CMs), mas nem todas as línguas de sinais partilham do mesmo número de configurações de mãos. Seguem quatro imagens de configurações de mãos difundidas no Brasil:



Um aspecto recorrentemente discutido é a iconicidade dos sinais – em oposição à arbitrariedade da relação entre significado e significante observada na constituição do signo linguístico em línguas orais. Reconhecendo, nas línguas de sinais, a iconicidade a par da arbitrariedade (e remetendo a estudos que demonstram, por exemplo, a dificuldade por parte de informantes de deduzirem significados em relação a muitas formas aparentemente icônicas), as autoras (Ferreira-Brito e Langevin, Pimenta e Quadros) destacam o fato de que signos icônicos sofrem mudanças, as quais frequentemente “tendem a inibir a natureza icônica dos sinais, tornando-os mais arbitrários através dos tempos”.

Embora os demais sinais não-manuais sejam realizados de forma, muitas vezes, equivocada, quando estes são de forma simples, como afirmativa, negativa e, exclamativa, não há um comprometimento do significado na sentença. Mas, quando associados a outras formas, o equívoco na execução da expressão facial provoca uma mudança no significado da sentença, passando esta a pertencer a outra classe.

As línguas orais modificam-se, como no caso das palavras que caem em desuso, outras que são adquiridas, aumentando o vocabulário e, ainda, mudando de significado das palavras. O mesmo acontece nas línguas de sinais, a fim de responder às necessidades que a evolução sócio-cultural impõe.

A ASL, por sua vez, está seguindo a teoria citada acima, substituindo seus ícones por símbolos que, de maneira geral, tendem a ser menos transparentes e icônicos, pois se tornam mais arbitrários, símbolos convencionais.

Com o passar do tempo ocorrem muitas mudanças nas línguas, para suprir as necessidades de comunicação, e as modificações de costumes de cada geração. Assim, novos sinais são criados de acordo com a necessidade de cada grupo.

Na verdade, temos que pesquisar a língua de sinais em Santa Catarina, observar o sujeito surdo em diferentes faixas etárias, investigando o surgimento do primeiro espaço de identidade cultural do surdo em contexto social e acessando gramaticalmente a língua de sinais. Esse espaço foi conquistado pela política linguística que assegura o envolvimento com a língua de sinais que está se expandindo na sociedade em nosso estado catarinense.

Como toda língua, a LIBRAS sofre influência das mudanças históricas e culturais, as línguas são dinâmicas e não estáticas; por isso, elas vivem sofrendo alterações e com as línguas de sinais ocorre o mesmo. Essas mudanças podem ser percebidas nas diferentes regiões

onde são utilizadas as mesmas línguas, em que há algumas diferenças em algumas palavras ou expressões. Mas como tem sido a participação do registro na comunicação do surdo neste espaço linguístico e histórico cultural na língua de sinais?

Calvet (2002) mostra relações entre a língua e a sociedade, fornecendo embasamento às explicações sobre as variações sociolinguísticas, o que nos permite fazer uma comparação das descrições às influências externas e internas que a língua de sinais de Santa Catarina sofreu até chegar ao estágio em que se encontra atualmente expandido em LIBRAS.

É importante registrar a nova história da língua de sinais, suas variações e o seu potencial transformador na realidade da comunidade surda.

O sistema linguístico é heterogêneo e as variações podem ser observadas sob vários aspectos. Sob o ponto de vista diacrônico, podemos observar o processo de sistematização linguístico de alguns gestos extralinguísticos, usados por usuários de língua oral, auditiva, que foram lexicalizados na LIBRAS, tais como os gestuais que correspondem ao significado de **LOUCO**, **ADEUS**, **POSITIVO** etc.

Por outro lado, sob uma perspectiva sincrônica, várias formas podem ser alternadas e podem representar, além disso, uma variação diatópica<sup>53</sup> e a variação diafásica<sup>54</sup>. Essas variações referem-se a variáveis geográficas, podem coexistir duas ou mais formas com um mesmo significado. É o caso do sinal **CULTURA** (mão em “**S**” na testa ou mão em “**C**” ao longo do braço de apoio). Essas variantes podem identificar usuários provindos do Sul e Centro-Oeste, respectivamente, e em outras regiões, por apresentarem sinais diferentes.

Em geral, um dialeto abrange uma zona ou região territorial, que pode ou não coincidir com as fronteiras ou barreiras geográficas. No

---

<sup>53</sup> Variação diatópica é a regional, quando há elementos diferentes dentro de um mesmo território linguístico, mas não necessariamente dentro de um mesmo dialeto. Nem sempre os elementos detentos de variações diatópicas concorrem, a menos quando há fortes migrações dentro de um mesmo território. Podem ocorrer interferências mais incisivas, quando determinadas regiões possuem destaque econômico, político, social e cultural.

<sup>54</sup> Variação diafásica é a situacional relativa às diferentes monitorações do falante nas diferentes situações de interação. Exemplo: uma pessoa estará mais monitorada em seu ambiente de trabalho do que nas interações realizadas em ambiente doméstico. A variação diafásica vem da afirmação LABOVIANA de que não há falante de estilo único. A produção linguística é dependente do contexto social.

Brasil, existem vários dialetos<sup>55</sup> (ou variedades) em comunidades de ouvintes, onde se fala a Língua Portuguesa, com diferentes usos. Ex.: **bergamota**, **vergamota** e **tangerina**. Palavras variáveis acontecem em várias regiões e podem ser usadas por motivação social e ou regional. A seguir, algumas variações linguísticas que ocorrem na LIBRAS. Ex.: o sinal de Cultura: SC, SP e RJ. Seguem os sinais:



Figura 23 – Sinal: “Cultura em SC”



Figura 24 – Sinal: “Cultura em SP”



Figura 25 – Sinal: “Cultura em RJ”

---

<sup>55</sup> Variedade – “a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades, tanto categóricas quanto variáveis; o mesmo que dialeto ou falar”. COELHO et al. (2010, p. 166).

Um outro exemplo de variação diatópica no léxico do português pode ser observado na diferença entre: **MACAXEIRA** (Norte e Nordeste); **MANDIOCA** (Sudeste e Centro-Oeste) e **AIPIM** (Sul).

A língua de sinais tem uma importância muito significativa para a comunicação entre surdos e também entre surdos e ouvinte, pois sem a língua de sinais dificultaria a comunicação e os surdos não conseguiriam viver na comunidade.

A LIBRAS possui forma clara e definida em sua estrutura gramatical que se estabelece no dia a dia dos que a utilizam. Suas várias formas, sua estrutura, o grupo que a utiliza, a influência social e geográfica torna a LIBRAS uma língua como qualquer outra, pois realiza a verdadeira função de comunicar. Como Calvet (2002, p. 89) explica, variáveis linguísticas são muito usadas em todas as línguas. “Deste modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de “**osga**” na região Norte, “**briba**” ou “**víbora**” no Nordeste, e “**lagartixa**” no Centro-Sul<sup>56</sup>”.

### 4.3 – As variações linguísticas na língua de sinais

Uma definição geral sobre a variação linguística na língua de sinais torna-se necessária para melhor aproveitamento desta pesquisa. É importante considerar os dialetos regionais, não só usados em regiões diferentes no contato social, mas no espaço de uso cultural da língua, influenciando o surdo.

A Língua de Sinais Americana (ASL) é diferente da Língua de Sinais Britânica (BSL), que, por sua vez, é diferente da Língua de Sinais Argentina e também da Língua de Sinais Francesa (LSF). Verificamos que nos demais países também são diferentes as línguas de sinais e as variações linguísticas no contexto social dos surdos no mundo (STROBEL e FERNANDES, 1998). Observe:

Ex.:

---

<sup>56</sup> O exemplo do autor, é o seguinte: “Desse modo, um objeto simples como a *serpillière*, peça de pano usada para limpar o chão, pode também ser chamada de *panosse* (na Sabóia e na Suíça), *wassingue* (no Norte), *torchon* (no leste), *since* (no sudeste)”.

## NOME

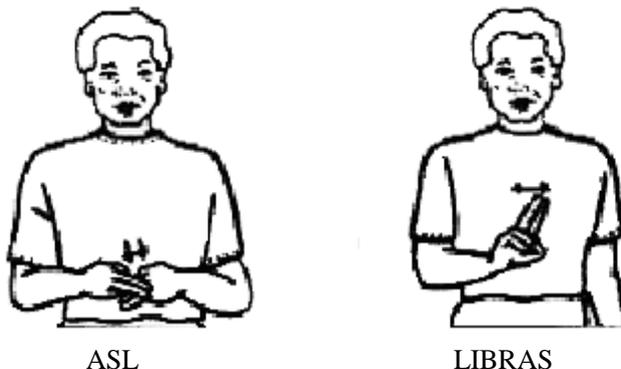


Figura 26 – Secretaria de Estado da Educação – Depto. Educação Especial – Curitiba/PR SEED/SUED/DEE

Além disso, dentro de um mesmo país, há as variações regionais. Na LIBRAS também existem dialetos regionais, salientando assim, uma vez mais, o seu caráter de língua natural.

Os povos<sup>57</sup> surdos são influenciados pelos contatos nas línguas de sinais. Em cada região, o surdo se comunica. A língua difere quanto ao dialeto social e cultural. Há variação linguística em LIBRAS.

As variações linguísticas relacionadas ao contexto são chamadas de variações estilísticas ou registro. Os parâmetros de variação linguística são diversos: no ato de interagir verbalmente um falante utilizará a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo, ou ainda, acrescenta-se sua condição adaptativa de origem, como no caso da pessoa surda.

O professor Francisco participou do grupo surdo de outras regiões dos estados de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, em contato com a língua de sinais e suas variações linguísticas. No dialeto regional, há variação linguística, diferenças percebidas no espaço cultural do surdo, nas situações de conversa na associação, escola e comunidade. Os sujeitos surdos, que relataram o depoimento para a pesquisa sobre a língua de sinais, falavam da importância do Francisco para a comunidade surda de SC.

<sup>57</sup> O povo surdo, segundo STROBEL (2006), refere-se ao conjunto de sujeitos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço.

No mundo, há, pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isto se dá porque essas línguas de sinais são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas (STROBEL e FERNANDES, 1998).

Pode ser considerado como sotaque na língua de sinais as variações linguísticas e costume cultural diferentes de cada região. Então, Francisco trouxe a experiência do contato com outras regiões, para o grupo de surdos de SC na comunicação em língua de sinais.

#### 4.4 – O surdo se comunica: a língua de sinais no contexto social

O dialeto social refere-se a variações de configuração das mãos e/ou de movimento, não modificando o sentido do sinal (STROBEL e FERNANDES, 1998). Dependendo da situação de uso da comunicação do surdo na língua de sinais, a variação pode ser observada através da configuração das mãos, como em:

Ex.:

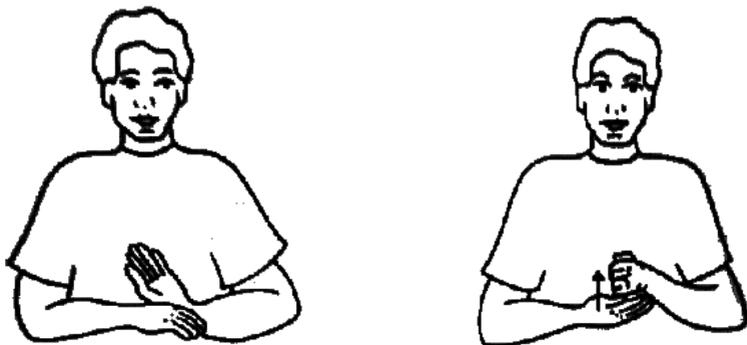


Figura 27 – Sinal de Ajudar

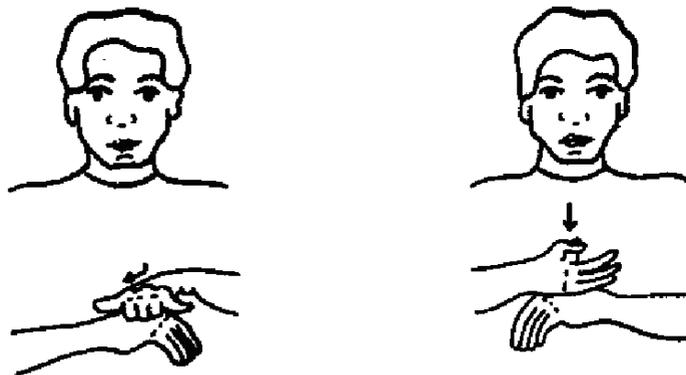


Figura 28 – Sinal de Faltar



Figura 29 – Sinal de Ônibus



Figura 30 – Sinal de Sonhar

Nem todos os usuários de uma língua falam do mesmo jeito, por isto, todas as línguas naturais possuem variações linguísticas. A LIBRAS também apresenta dialetos regionais, reforçando seu caráter de língua natural. As variações na LIBRAS ocorrem de várias formas, como alterações na configuração de mãos (forma que a mão assume na realização do sinal) ou na localização espacial do sinal (local onde o sinal é realizado), sem que seu sentido e significado sejam perdido ou modificados. Também há sinais diferentes para representar um mesmo referente, usando em diferentes regiões do país, às vezes do mesmo estado. (BASSO e SCHMITT, 2007, p. 50 e 51).

O valor social<sup>58</sup> das formas em variação se estabelece nas relações sociais e na avaliação do que pode ser considerada uma variedade de prestígio ou uma variedade estigmatizada. Estilos formais ou distensos podem ser identificados a partir de um estudo, da variação das formas no contexto social. Estudos sobre o português falado mostram, por exemplo, que jovens mais favorecidos tendem a fazer mais concordância verbal em oposição aos menos favorecidos que tendem a usar menos concordância. Isso mostra o fator externo (mercado de trabalho ou situação) e a necessidade de o falante se adequar ao valor linguístico de concordância considerado como de prestígio nesse espaço. Podemos concluir que a LIBRAS, como qualquer outra língua, apresenta variação e mudança, mas ainda precisamos aprofundar os estudos linguísticos dessa língua para melhor conhecê-la em seus diferentes aspectos (lexicais, fonológicos, morfológicos e sintáticos). O capítulo 6 trará uma descrição sobre alguns desses aspectos em variação e mudança. Acreditamos que com a proposta bilíngue para a educação de surdos, a língua portuguesa e a LIBRAS terão uma relação cada vez mais intensa, e o contato dessas duas línguas pelos surdos vai acarretar, com toda a certeza, trocas linguísticas entre elas, o que pode provocar novas transformações.

---

<sup>58</sup> Valor social é relativo aos problemas de avaliação, e é atribuído pelos próprios falantes e usuários de língua de sinais, ou seja, é sempre de ordem social (nunca linguística). Valor atribuído desenha o futuro das formas concorrentes, já que a forma eleita é sempre a que recebe maior valor e que muitas vezes corresponde às formas adotadas pela elite econômica, política, social ou cultural de uma dada comunidade (surda).

## CAPÍTULO V – Metodologia

### 5.1 – Introdução

Investigarei a história da língua de sinais em Santa Catarina e as variações e mudanças fonológicas e lexicais ocorridas no período que compreende 1946 aos dias atuais, fazendo comparações entre sinais que aparecem nos relatos de experiências, em três gerações de surdos pesquisadas.

A metodologia utilizada para esta pesquisa foi a de coleta de dados, através de perguntas e depoimentos dos surdos envolvidos nas três gerações das últimas décadas. A coleta de dados de informantes<sup>59</sup> foi realizada com o objetivo de solicitar depoimentos sobre fatos históricos e sobre o contato que os surdos tiveram com a língua de sinais.

Os depoimentos dos ex-alunos surdos bem como dos surdos envolvidos na comunidade surda catarinense nas últimas décadas foram realizados por meio de entrevistas filmadas. Eu mesmo fiz os vídeos. Mas antes conversei com cada um dos surdos, explicando porque precisava de seu depoimento. Após a aceitação de cada um, formei os três grupos por idade. Cada um assinou uma ficha do informante para realizar a pesquisa (em anexo), com dados pessoais e autorização. Foram utilizadas três câmeras para a filmagem, colocadas de forma a gravar o depoimento dos três surdos simultaneamente. Primeiro filmei o Grupo I. Os informantes ficaram sentados na frente de cada câmera um ao lado do outro. Depois fiz a pergunta e eles teriam trinta minutos para dar a resposta e mais vinte minutos para conversarem entre eles. Liguei as três câmeras e saí da sala. Voltei aproximadamente após uma hora e desliguei as câmeras. Fiz o mesmo com o Grupo II e com o Grupo III. O Grupo III foi filmado na UFSC, os outros dois numa sala da Associação de Surdos. A resposta sobre a história da educação de surdos em SC, mais a conversa espontânea em LIBRAS, trouxe material de qualidade para a pesquisa. A escolha dos surdos levou em conta o fato de os escolhidos terem frequentado a escola na década de 1950, quando surgiu também uma associação de surdos catarinenses.

Neste capítulo serão apresentados os seguintes tópicos: a coleta

---

<sup>59</sup> COELHO et al. (2010, p. 164), “sujeito da pesquisa sociolinguística; aquele que fornece seus dados linguísticos para que o pesquisador analise”.

de dados das três gerações com as diferentes faixas etárias; o método de entrevista sociolinguística: a coleta de narrativa de experiência pessoal; a transcrição de dados dos três grupos compostos de informantes surdos na língua de sinais; os informantes do grupo surdo na língua de sinais e, por fim, a descrição dos informantes quanto aos dados.

Como procedimento metodológico, no primeiro momento realizamos uma coleta inicial de dados na língua de sinais, observando uma diferença de 30 anos entre um grupo e outro. Cada grupo é composto de três indivíduos:

- O Grupo I é formado por pessoas mais velhas, na faixa etária entre 60 a 80 anos.
- O Grupo II é formado por pessoas entre 30 a 60 anos e;
- O Grupo III é formado por indivíduos na faixa etária de 15 a 30 anos;

Com a análise da LIBRAS usada pelos indivíduos dessas três faixas etárias esperamos poder detectar se, nas três gerações de sinalizadores da língua de sinais em Santa Catarina, vamos encontrar mudança em tempo aparente.

Então, foram entrevistados os três informantes do Grupo III, na situação de mais jovem em idade, na faixa etária de 15 a 30 anos: 1) Informante A, 2) Informante B e 3) Informante C.

No segundo momento, foi feita a coleta dos dados do Grupo I. Para saber o que existe no primeiro grupo de diferente precisamos identificar os sinais antigos para depois fazermos uma comparação com as línguas de sinais da atualidade. Assim, foram entrevistados **três** sujeitos surdos mais velhos, na faixa etária de 60 a 80 anos: 1) Informante G, 2) Informante H e 3) Informante I.

No terceiro momento, foram entrevistados os informantes do Grupo II, outros três alunos de Francisco, na faixa etária de 30 a 60 anos: 1) Informante D, 2) Informante E e 3) Informante F. Acreditamos que as formas usadas pelo professor Francisco serviram e servem de modelo, influenciando os alunos. E que às vezes os alunos do professor Francisco podem usar alguns sinais próprios do professor surdo, em conversas na escola, na associação e na comunidade surda das regiões de Santa Catarina. É possível também que o ex-professor Francisco usasse outros sinais quando conversava com os amigos, os ex-alunos surdos, na escola e associação em Santa Catarina.

Foi levado em consideração na coleta o que sugere Tarallo (2000):

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho a comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. (TARALLO, 2000, p. 21).

É importante selecionar os informantes dos grupos que têm contato entre si e utilizam a língua de sinais; de classes sociais diferentes dentro da comunidade surda; faixa etária diferente etc. A geração do grupo dos mais velhos tem influência sobre o grupo dos mais novos que tem menos contato experiência com a língua. Isso pode ser observado na língua usada pelos informantes, pois seus objetivos são diferentes na fase de aprendizagem, em situação de comunidade surda. O pesquisador aproveita para pensar e planejar como será realizada a coleta de dados. Por se tratar de uma língua visual/espacial, tentei diversificar os lugares para a conversa espontânea dos informantes.

## 5.2 – A coleta de dados

Na coleta dos dados desta pesquisa, espera-se que as três gerações com faixas etárias distintas de informantes relatem sua experiência de vida na língua de sinais, possibilitando uma análise dos sinais gravados para que possamos identificar possíveis variações e mudanças linguísticas.

Na primeira parte, assisti aos vídeos no programa Transcrição de Língua de Sinais – ELAN<sup>60</sup>. No segundo momento, verifiquei e analisei

---

<sup>60</sup> McCLEARY e VIOTTI, 2007 - É a caráter eminentemente descritivo, buscando a captação do maior número de detalhes de sinalização. As narrativas que estão sendo transcritas foram baseadas no filme “História da pêra”, criado pelo de pesquisa de Wallace Chafe na década de 1970, com o objetivo de eliciar narrativas para análise e comparação translíngua. Visando a produção de narrativas em língua de sinais brasileira, o grupo ECS fez a gravação de narrativas produzidas por surdos que assistiram ao filme e relataram a história para outra pessoa fluente na língua.

a coleta de dados dos grupos de informantes das três gerações, com relação às mudanças históricas e linguísticas. Depois, realizei a descrição dos grupos nas diferentes faixas etárias, que mostram se os sinais se modificam nas possíveis narrativas. Espero, com esses sinais observados, alcançar o objetivo principal da pesquisa: o de comparar os sinais encontrados nos três grupos e verificar se ocorreram variações e mudanças linguísticas em tempo aparente.

Realizei a coleta de dados da seguinte forma: coloquei todos os depoimentos filmados dos surdos, no programa ELAN. Escolhi os sinais que apareciam nos três grupos e fiz uma tabela com esses sinais, depois fiz análise e descrição dos resultados finais.

### **5.3 – O método de entrevista sociolinguística: a coleta de narrativas de experiência pessoal**

A coleta de dados realizada numa entrevista deve ocorrer de forma espontânea. Antes de realizar a pesquisa para recolher os dados, é importante conhecer as diferentes abordagens que identificam os grupos e sua relação com a língua. Segundo Tarallo (2000):

De gravador em punho, o pesquisador-sociolinguista, como afirmamos, deve coletar: 1. situação natural de comunicação linguística e 2. grande quantidade de material, de boa qualidade sonora. (TARALLO, 2000, p. 21).

Para realizar a pesquisa empírica foi necessário um planejamento anterior, utilizando vídeo de filmagem com boa qualidade visual, pois observamos indivíduos que utilizam a comunicação visual espacial, com o objetivo de melhor descrevermos os grupos e verificar questões linguísticas desses indivíduos.

Para a coleta, seguimos os procedimentos metodológicos indicados por Tarallo:

---

Este software foi desenvolvido no Instituto Max Planck de Psycholinguistics, na Holanda e mostra no site: [www.mpi.nl](http://www.mpi.nl) na transcrição o ELAN (Eudico Language Annotator) é um programa que permite adicionar anotações para um arquivo de vídeo, o que pode torná-lo muito mais fácil de estudar assistir o vídeo na língua de sinais. Ele também pode ser utilizado com as línguas faladas (com ou áudio ou vídeo), mas este foi apresentado na minha pesquisa e utilizado na línguas de sinais das três gerações.

Para atingir tais propósitos metodológicos podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos têm por objetivo homogeneizar os dados de vários informantes para posterior comparação, controlar os tópicos de conversação, e, em especial, provocar narrativas de experiência pessoal. (TARALLO, 2000, p. 22).

É permitido ressaltar na pesquisa sociolinguística que, para realizá-la, será feita uma seleção de um grupo ou indivíduo, dependendo da situação, como por exemplo, quanto à classe social, pode ser verificado: o gênero, a etnia, faixa etária, e costumes. A situação de pesquisa pode acontecer em qualquer lugar/ambiente. O pesquisador observa de forma neutra o grupo de falantes que está pesquisando; em um determinado local e faz análises com base nos fatos linguísticos, observando-os em conversas espontâneas, procurando especificá-las.

A metodologia de coleta laboviana mostra que encontramos a variedade mais espontânea em narrativa de experiência pessoal, pois o indivíduo, quando está envolvido emocionalmente, faz relatos sem se preocupar com o modo como está contando. De acordo com Tarallo,

Os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como. E é precisamente esta a situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador-sociolinguista.

Os módulos cobrem uma série de tópicos para fins de conversação: dados pessoais do informante (sua história), jogo e brincadeira de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, perigo de morte, medo, família, religião, amigos, turmas, serviços públicos, o crime nas ruas, escola e trabalho, interação com outros membros da comunidade, esportes etc. (TARALLO, 2000, p. 22).

As pessoas ouvintes falam sobre fatos ocorridos de sua experiência pessoal com família, amigos etc, de forma natural. Isto também acontece na comunidade surda e, ao coletar narrativas em língua de sinais, acredita-se que vamos encontrar diferentes situações do cotidiano e parte da história da comunidade, que mostrarão variações e também mudanças linguísticas.

Podem ser escolhidas diferentes maneiras de realizar uma pesquisa de campo, mas a experiência pessoal deve ser levada em consideração. A pesquisa pode ser realizada com diferentes informantes ou grupos de informantes de qualquer categoria, para verificar as possíveis variações da língua falada, sem qualquer preocupação com a forma, como indica Tarallo:

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguística procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. A desatenção à forma, no entanto, vem sempre embutida numa linha de relato, a que chamaremos “estrutura narrativa”. (TARALLO, 2000, p. 23).

Nesta citação, o autor explica a importância da coleta de narrativa pessoal de cada um dos informantes porque apenas fazem a narração, sem preocupação com a forma como estão contando.

#### **5.4 – A transcrição de dados dos três grupos compostos de informantes surdos na língua de sinais**

Estes dados foram organizados no sistema de transcrição na língua de sinais – ELAN. As identificações dos sujeitos surdos que apresentavam cada um o seu relato em vídeo mostram a sua forma de se comunicar na língua de sinais. Verificar se a variação fonológica e mudança lexical pode acontecer nesta língua de sinais em três gerações é um dos propósitos deste trabalho.

#### **5.5 – Informantes do grupo surdo na língua de sinais**

Os informantes do grupo que participaram da minha pesquisa foram escolhidos de forma aleatória, pela facilidade de contato e separados em três gerações que usavam a língua de sinais.

Labov, em suas pesquisas, elaborava entrevistas de modo a eliciar, nos entrevistados, uma fala menos monitorada – o vernáculo<sup>61</sup>. Ele afirma que:

---

<sup>61</sup> “Estilo em que pouco monitoramento é dispensado à fala; fala “natural””. COELHO et al. (2010, p. 166).

As narrativas produzidas em resposta a essa pergunta [“Você já viveu uma situação em que correu sério risco de morrer?”] quase sempre exibem uma mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo<sup>62</sup>. (LABOV, 2008 [1972], p. 245).

Da mesma forma, na pesquisa sobre o grupo de surdo que o senhor Francisco ensinou, utilizei um questionário com uma pergunta, que era: explique "**a história da educação de surdo em Santa Catarina**", para que pessoas surdas respondessem. As perguntas foram feitas em LIBRAS e as respostas foram filmadas, num total de nove pessoas.

O foco do agrupamento dos sujeitos foi a idade, portanto, houve variabilidade quanto ao gênero e às atividades exercidas pelos participantes.

Na primeira etapa, o objetivo foi a escolha dos três indivíduos dos grupos informantes surdos mais jovens **A**, **B** e **C**. Neste grupo, o fator escolhido quanto ao sexo foi três masculinos, pois não encontrei jovem do sexo feminino.

Na segunda etapa os três indivíduos do grupo de informantes surdos intermediário **D**, **E** e **F** foram, quanto ao sexo, dois masculinos e um feminino.

Na última etapa, os três indivíduos do grupo de informantes surdos mais velhos **G**, **H** e **I**, foram escolhidos quanto ao sexo: um masculino e dois femininos. Então, escolhi a faixa etária deste grupo que apresentava o documentário em vídeo que, a partir do qual foi extraída amostra de uma experiência de cada uma das narrativas de sujeitos surdos que usavam a língua de sinais espontânea. Seguem os quadros de amostras dos grupos, em três gerações, contemplados nesta pesquisa:

---

<sup>62</sup> Um dos aspectos mais interessantes dessa pergunta é que ela implica uma resposta sim-ou-não, do tipo que em geral evitamos. O mecanismo parece ser o seguinte: o informante está disposto a reconhecer o fato de ter estado numa situação assim, embora possa não estar disposto a fazer um relato. Mas, uma vez que reconheceu o fato, acha muito difícil deixar de fazer um relato completo quando o entrevistador pergunta, depois de alguns instantes: “O que aconteceu?” Do contrário, ficaria parecendo que ele fez uma afirmação falsa.

## Quadros de amostras dos Grupos I, II e III

### Grupo I

<b>Identificação de Classe</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Profissões</b>
Informante G	Masculino	82 anos	60 a 80 anos	Professor/Aposentado
Informante H	Feminino	64 anos	60 a 80 anos	Costureira/Aposentado
Informante I	Feminino	62 anos	60 a 80 anos	Bancário/Aposentado

### Grupo II

<b>Identificação de Classe</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Profissões</b>
Informante D	Feminino	56 anos	30 a 60 anos	Bancário/Aposentado
Informante E	Masculino	53 anos	30 a 60 anos	Autônomo
Informante F	Masculino	52 anos	30 a 60 anos	Motorista/Aposentado

### Grupo III

<b>Identificação de Classe</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Profissões</b>
Informante A	Masculino	29 anos	15 a 30 anos	Professor
Informante B	Masculino	25 anos	15 a 30 anos	Professor
Informante C	Masculino	24 anos	15 a 30 anos	Estudante

Os Grupos I e II foram alunos de prof<sup>o</sup>. Francisco, já os informantes do Grupo III foram escolhidos na universidade, porque é difícil de se ter contato com surdo na faixa etária de 15 anos.

Cada um dos 9 (nove) informantes da amostra, nos três (3) grupos com relação à faixa etária, poderá trazer indicativos sobre a trajetória da língua de sinais e a influência da geração dos surdos mais velhos (Grupo I), com relação à sinalização utilizada na atualidade pelos surdos mais jovens (Grupo III). Segundo a citação de Tarallo:

... a primeira tentativa de definição: a língua falada a que nos temos referido é o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados. (TARALLO, 2000, p. 19).

Na interação social desta língua que o surdo utiliza para se comunicar em diversos lugares: com os amigos, na associação, na escola etc. há uma valorização cultural, além da troca de conhecimentos, necessidades de criação de novos sinais, modificação e/ou aperfeiçoamento de outros, trazendo modificações linguísticas.

Concluimos a explicação do procedimento da metodologia desta pesquisa trazendo considerações sobre os registros dos dados dos informantes, para posterior verificação da variação e mudança linguística, observada nos três grupos de surdos, nas diferentes gerações, referentes à língua de sinais. Através das informações encontradas nas narrativas será feita uma trajetória histórica da língua de sinais, e serão observadas as mudanças ocorridas com relação à língua na comunidade surda de Santa Catarina.

## **5.6 – Descrição dos informantes quanto aos dados**

Nesta seção, apresentamos descrições dos dados coletados na língua de sinais espontânea de informantes conforme amostras dos Grupos I, II e III. Os dados foram observados pelo programa de transcrição de ELAN. Realizei os trabalhos comparando a língua usada pelas gerações e as informações dadas pelos informantes.

Os fatos sociolinguísticos apresentados pelos informantes através

de seus depoimentos, mostrando suas trajetórias e vivências na comunidade surda nas diferentes regiões do estado de SC, serão analisados para saber se o professor surdo influenciou a comunidade surda do estado no ensino da LIBRAS.

A questão que tentarei responder com os dados é a seguinte: Os informantes de cada grupo de comunidades surdas de diferentes regiões do estado de Santa Catarina, relatando sua trajetória, com experiências relacionadas à língua de sinais, ora sofreram ora não a influência do professor surdo com relação ao aprendizado desta língua?

Pretendo verificar se há algum sinal de que a língua sofreu variação e mudança linguística, em cada uma das três gerações dos informantes. Essas três gerações vão ser acompanhadas pelas glosas de sinais. A descrição de experiências dos informantes surdos, nos três grupos observados, é a estratégia para se pesquisar o processo de mudança.

A pesquisa vai analisar os três comparativos dos informantes surdos com a descrição de dados de cada geração, após verificar os resultados de cada uma das três gerações de informantes: Grupo III **A**, **B**, **C**, Grupo II **D**, **E**, **F**, Grupo I **G**, **H** e **I**. As narrativas na língua de sinais que os informantes apresentaram foram coletadas e vão ser descritas nas próximas seções.

### **5.6.1 – Grupo I – Informantes**

Nas narrativas dos sujeitos<sup>63</sup> do grupo de informantes na faixa etária dos surdos de 60 a 80 anos, os mais velhos, mesmo grupo do professor surdo, foram expressas algumas opiniões dos surdos nomeados de informantes **G**, **H** e **I**. Seguem as informações:

#### **5.6.1.1 – Informante G**

Francisco é o informante **G** e sua identidade está explícita porque ele autorizou. O informante **G** mostra sua experiência na língua de

---

<sup>63</sup> Os sujeitos surdos, SCHMITT (2008), mostram a participação no amplo espaço da sociedade em que vivem. No momento eles se identificam como um “outro”, como surdo. Esta mudança é mostrada pelas lutas seja na sociedade, em encontros, eventos, seminários, congressos e outros. Isso é o povo surdo participando no movimento, na luta pela educação, pelos direitos culturais.

sinais e sua opinião sobre como aconteceu essa experiência. Segue um comentário: “Sabemos que as línguas mudam com o tempo e se transformam conforme as culturas dos países, regiões ou mesmo em situações de comunicação em que está participando (numa conversa informal, na sala de aula, na família, etc.), estas mudanças ocorrem com as configurações de mãos, articulações, movimentos expressões faciais e ou corporais, essas mudanças são recicladas para se adaptar a realidade e conceitos na sociedade, tendo os traços de identificação própria”.

O informante **G** nasceu no dia 01/06/1928 em Florianópolis, SC, foi aluno interino do Instituto Nacional de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro e do Instituto Paulista de Surdos em São Paulo, de 1937 a 1946. Ele realizou o curso fundamental e médio, tinha habilitação em ensino especial, desenho, encadernação, ginástica, datilografia, frequentou da 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental no Instituto Nacional de Surdos-Mudos e sua habilitação é em Contabilidade, pelo Instituto Monitor e Núcleo de ensino profissional.

Em 1952 ele conheceu quinze surdos-mudos em Florianópolis que não sabiam ler e escrever. Ele ensinava algumas palavras e sinais para esses surdos-mudos. De outra feita, entre 1953 a 1954 iniciava a amizade com o primeiro presidente da Associação dos Surdos-Mudos de São Paulo, senhor Mário Devisate. Ele não tinha o conhecimento da existência de uma Associação de Surdos em Florianópolis, o senhor Devisate entregava um documento para Associação de Surdos-Mudos de âmbito nacional e, o professor Francisco Lima Júnior veio como delegado e responsável pela região do Sul, passando a residir nesta capital (Florianópolis).

O primeiro presidente da Sociedade dos Surdos-Mudos do Distrito Federal que, na época, era Rio de Janeiro, foi o senhor Miguel da Fonseca Seabra de Melo, era grande colega do Francisco. Mais tarde, com a construção de Brasília, a associação continuou no RJ, só que naquele momento não mais como capital, com o nome Sociedade dos Surdos-Mudos do Brasil, para finalmente Associação dos Surdos do Rio de Janeiro (ASURJ).

O grupo conversava na língua de sinais numa reunião, quando chegou o presidente da ASURJ que também era surdo. O professor Francisco foi apresentado e cumprimentou o senhor Miguel da Fonseca Seabra de Melo que estava acompanhado de uma colega que, ao ver o professor Francisco, sorriu. O professor Francisco agradeceu pela ajuda que o senhor Miguel deu ao Instituto Nacional de Surdos-Mudos e as informações referentes à associação.

Na verdade, o professor Francisco tinha contato e conversava

sempre com o amigo que estudou com ele no INES, o senhor Salomão Watnick, que foi primeiro presidente da Associação dos Surdos-Mudos do Rio Grande do Sul, seu grande amigo, que morava em Porto Alegre.

Como o INES estava passando por reforma, o professor Francisco, como tinha muitos amigos dos diferentes cursos e viagens que fez, conseguiu estudar na Escola Especial para Surdos-Mudos em São Paulo, que para ele era uma escola maravilhosa e excepcional, onde aprendeu muito.

O grupo dos surdos de SC se perguntava como ganharia a vida, pois não estavam felizes nas escolas especiais que, na época, utilizavam os métodos oralistas, onde os surdos não podiam utilizar sinais. Mas encontraram o motivo da existência na associação do estado, podendo assim discutir e abrir caminhos para os surdos.

### 5.6.1.2 – Informante H

A informante **H** mostra sua experiência na língua de sinais e sua opinião sobre como aconteceu essa experiência: “Mudam porque as pessoas mudam, os tempos mudam, assim como mudam as culturas e diversas outras formas de língua existentes entre elas. Sendo a LIBRAS também uma forma de língua ela acompanha estas mudanças para que os indivíduos que dela fazem uso possam acompanhar a sociedade e mundo do qual fazem parte”.

A informante **H** nasceu em 26/05/1946, em São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina. Durante sua infância e adolescência, morou com seus pais que eram agricultores.

Ela teve que trabalhar na lavoura dos 6 até os 18 anos de idade, cortava o capim, que alimentava o gado, roçava para limpar um pátio do terreno e uma plantação cercada, onde se criavam várias galinhas, patos etc. Plantavam vários tipos de flores e tinham uma horta. Ela penteava os cabelos dos cavalos para depois montá-lo, corria e caía no chão, num desses passeios quebrou o braço e diz que doeu muito. Quando o cunhado viu o braço dela quebrado, levou-a de carroça para o hospital na cidade de Vidal Ramos, em Santa Catarina. Depois, ela tinha que ficar um mês com o gesso no braço, mas 15 dias depois, na casa da irmã, olhava o rio e pulava no rio que brilhava, acabou ficando coberta de água e quase se afogou. Para não se afogar colocou as mãos em cima de uma pedra do rio, ficou muito assustada e chorou muito, o tio dela foi quem a ajudou.

O pai de **H** é brasileiro e lavrador. Dedicava-se à criação de gado, aves e na fabricação de cachaças, que preparava das plantas que

produziam: cana-de-açúcar, café e frutas. Na casa não tinha luz e era utilizada a vela, a fogueira e a lâmpada de querosene.

A mãe de **H** também era brasileira, costureira e lavradora. Trabalhava na propriedade na plantação de milho, feijão, arroz, aipim e verduras. Os Pais de **H** tiveram 13 filhos, 1 filha já falecida com 1 ano e um mês de gravidez gemular, 3 filhas eram ouvintes, 3 filhas eram surdas, 6 filhos eram ouvintes, 1 filho era surdo. A terra lavrada e cultivada está localizada em São Pedro de Alcântara. Depois que o pai morreu, o terreno foi loteado e a informante **H** ficou com um dos lotes e os irmãos deram a casa.

O irmão da informante **H**, que era surdo, já falecido em 1976, foi mordido por uma cobra venenosa. Seu pai faleceu em 1989 e a mãe faleceu em 1998.

Em 1966 ajudava lavando roupas para fora; nesta época morava com o primo, numa casa localizada no bairro do Estreito – Florianópolis/SC. Tinha três vizinhos surdos e com eles conversava com os sinais e/ou gestualidade. Ela não sabia conversar em LIBRAS com outro surdo, aprendeu com os vizinhos surdos, que a avisavam das reuniões de surdos que aconteciam no salão do grupo Escolar Celso Ramos.

O professor Francisco ensinou aos surdos as regras do jogo de bingo, depois foram oferecidos cinco brindes para o jogo de bingo que aconteceu no bairro de Capoeiras. Ele perguntava para ela: de onde você é? E ela respondia que morava em São Pedro de Alcântara. Então, o Francisco foi junto com a informante **H** conhecer sua casa, localizada no sítio de São Pedro de Alcântara.

Ela apresentou sua mãe para o senhor Francisco, queria estudar e aprender a língua de sinais com Francisco, presidente da associação e professor na escola para surdos. Ela veio para a capital em 1966 aos 19 anos de idade, onde aprendeu a Língua Portuguesa Escrita, matemática e língua de sinais na Escola Celso Ramos, em Florianópolis, numa classe de alunos surdos. Alguns anos mais tarde, ela trabalhou como costureira na fábrica de renda e bordados Hoepcke.

Ela fez alguns cursos de pintura em tecido, bordado a máquina. Ela conta que sempre foi uma pessoa esforçada, que buscava desafios na sua aprendizagem o tempo todo e cada vez mais, como autodidata, que aprendia muitas coisas, como por exemplo: cozinhar e alta costura. Passava sempre na escola, era muito esforçada, aprimorava muito a sua aprendizagem de vida.

O professor Francisco e ela viajavam pelo estado, verificavam e encontravam os surdos no interior do estado. Ela entregou um anel para

a ex-rainha do Círculo de Surdo-Mudos de Santa Catarina – CSMSC, que era Catarina Cecília Schweitzer em 1993.

### 5.6.1.3 – Informante I

A informante **I** mostra sua experiência na língua de sinais e sua opinião sobre como aconteceu essa experiência: “Mudam a “forma” de vida das pessoas na sociedade para que se adaptem a nova realidade, e as línguas também se modificam. As línguas de sinais também mudam, criam-se palavras novas, são influenciadas por outras línguas, etc. A evolução das coisas em geral está acontecendo de forma muito rápida, e a LIBRAS sendo uma forma de comunicação entre cultura surda e ouvinte, precisa acompanhar essa evolução. Quando uma determinada “coisa” não acompanha o desenvolvimento onde está inserida, a tendência é de ficar do lado de fora”.

A informante **I**, nasceu em 01/04/1948 em Blumenau, veio de uma família de 6 irmãos, onde 3 são surdos e 3 são ouvintes. A mãe do informante **I** descobriu que era surda quando tinha mais ou menos dois anos de idade. Após essa descoberta, teve uma infância normal, era uma criança super ativa.

Aos 7 anos de idade, entrava na escola onde havia outras crianças surdas como ela. Foi alfabetizada em Blumenau. Depois, lembrou que tentava usar o seu aparelho auditivo, mas como não escutava nada acabou rejeitando o aparelho.

Tinha muita preocupação com a educação dos surdos. Os pais mandaram-na estudar num internato de crianças surdas no Rio de Janeiro, aos 9 ou 10 anos de idade. Ela não se adaptou e retornou para Blumenau. A escola para surdos que frequentava em Blumenau ficou sem a professora especializada e ela teve que ir para uma escola regular.

O pai que era bancário pediu transferência do banco para a cidade de Florianópolis, para que a informante **I** e seus irmãos pudessem continuar os estudos.

Em Florianópolis frequentaram a escola Celso Ramos, onde a sala dos surdos era de responsabilidade do professor Francisco Lima Júnior.

O professor Francisco era uma pessoa muito importante nesta época, a vida dele era ajudar o grupo de surdos através da língua de sinais e ele lecionava no ensino fundamental e no curso primário.

A informante **I** sempre foi muito curiosa, queria mais e resolveu fazer o curso ginásial por correspondência, pois na época fazia o segundo grau na escola de ouvintes tinha dificuldade, tinha que aprender tudo sozinha porque na escola o ensino era em português falado, difícil

para o surdo entender (problema de comunicação). Ela tinha vontade de estudar na escola com o professor Francisco que ensinava na língua de sinais.

Relembrou que, naquela época, viu que foi muito difícil; quando ela tinha dúvidas, os pais pagavam um professor para dar aulas particulares. Enfim, venceu, mas não foi fácil. Depois, fez vários cursos profissionalizantes como datilografia, correspondência comercial, curso de cabeleireira, manicure, pintura em tela, corte e costura e tantos outros que agora não lembrava mais.

Depois de tudo isso resolveu fazer o concurso para uma vaga de escriturário no Banco do Estado de Santa Catarina – BESC, e foi aprovada, trabalhou lá por vários anos e agora já estava aposentada.

A informante **I** é casada e o companheiro também é surdo, funcionário aposentado da Imprensa Oficial. Queria muito ter filhos, e acabou tendo um filho, que é ouvinte e hoje está com 27 anos e tem formação acadêmica, com pós-graduação. Diz sentir-se realizada.

Sua mãe tem hoje 87 anos e é a grande incentivadora de sua vida, é também um grande exemplo de vida, guerreira, batalhadora e muito religiosa. Foi ela que ensinou o que é amor, respeito e outros valores morais, tudo isso dentro da doutrina espírita.

A informante **I** diz ser uma pessoa realizada porque venceu muitas barreiras: conseguiu tirar a carteira de motorista e também aprendeu a utilizar a comunicação no celular, Internet, MSN e e-mail.

Nada foi fácil, considera-se uma pessoa feliz, adora assistir aos filmes legendados, os noticiários, novelas, enfim gosta de estar bem informada.

Contando a história de sua vida, quer mostrar às pessoas que pode alcançar qualquer coisa na vida e que não é diferente dos outros. A diferença está na audição, mas pode usar os outros sentidos para se comunicar e utilizar a língua de sinais visual.

### **5.6.2 – Grupo II – Informantes**

Nas narrativas dos sujeitos surdos para a pesquisa, no Grupo II com idade intermediária, de 30 anos a 60 anos de idade em intermediário, verificou-se que todos foram alunos do professor surdo Francisco. A seguir estão expressas algumas opiniões destes surdos nomeados de informantes **D**, **E** e **F**.

### 5.6.2.1 – Informante D

A informante **D** mostra sua experiência na língua de sinais e sua opinião a respeito de como aconteceu essa experiência: “Com o passar do tempo ocorrem muitas mudanças nas línguas de sinais, para suprir as necessidades de comunicação, e as modificações de costumes de cada geração. Os sinais são criados de acordo com a necessidade de cada grupo”.

A informante **D** nasceu em Florianópolis, num domingo, no dia quatro de outubro de mil novecentos e cinquenta e três (04/10/1953), em casa sob os cuidados de uma parteira, chamada de Dona Olívia. Nasceu com audição perfeita, segundo diagnóstico de um médico do hospital das clínicas em São Paulo/SP em 1961. O responsável pela sua perda de audição foi um medicamento chamado de trepdomicina, usado para acalmar a “tosse comprida” ou Coqueluche. Nessa época, não havia vacina para a doença nos postos de saúde. Sua mãe levou os filhos para vacinar e constatou isso.

A família dela descobriu a surdez aos nove meses de idade. Ela tinha seis meses de idade quando foi acometida pelo vírus da coqueluche, e a irmã também, que na época tinha 9 anos de idade.

A mãe dela, quando estava grávida, tomou uma injeção denominada 914 para curar infecção no aparelho genital feminino. Esse medicamento agiu negativamente na formação dos ossos, deixando-a com o andar defeituoso, parecendo que uma perna era mais curta que a outra. Ela foi para São Paulo, levada pelo irmão e pelo padrinho, para tratamento. Foi submetida a quatro cirurgias, entre 1961 a 1963, mas que surtiram pouco resultado, comprovado em 1980. Daí para frente voltava a ter uma perna mais curta, e sente muitas dores ao andar e sentar.

Em 1964 iniciava seus estudos na escola para surdos de Florianópolis, no grupo Celso Ramos. Seu primeiro professor surdo foi o Francisco, que lhe dava aula na língua de sinais. Francisco também ensinava LIBRAS no Círculo dos Surdos Mudos de Santa Catarina na escola primária e na associação de surdos.

Em 1975 fazia teste para ingressar como funcionária no BESC, sendo admitida como escrituraria em 18/09/1975, e se aposentou em 19/11/2002. Ela aprendeu a dirigir automóvel, fez curso de datilografia e, por último, fez curso básico de computador para saber operá-lo. Fez curso de pintura a óleo em tela e em tecido. Procurava cuidar de sua saúde, indo ao médico regularmente.

Ela é associada e participa da diretoria da Associação de Surdos

da Grande Florianópolis – ASGF, é também voluntária nas atividades que a associação desenvolve em benefício de seus amigos surdos que frequentam a mesma associação. Hoje ensina LIBRAS para os associados de qualquer idade.

### **5.6.2.2 – Informante E**

O informante **E** mostra sua experiência na língua de sinais e sua opinião de como aconteceu essa experiência: “Assim como a língua portuguesa evolui ou muda com o passar do tempo..., LIBRAS também passa por mudanças constantes, estas podem ser de região para região por exemplo a língua de LIBRAS acompanha a evolução do mundo, sendo hoje uma língua para a comunicação dos surdos”.

O informante **E** nasceu na maternidade Carmela Dutra no Centro de Florianópolis, no dia 03 de Novembro de 1957. Ele ficou surdo aos quatro anos de idade (causado por remédios ministrados errados por sua mãe nos ouvidos, quando estava com febre, dor de ouvidos e caxumba).

Com 53 anos, é presidente de entidade esportiva de Santa Catarina desde 1999, reeleito pela segunda vez com gestão até 2011, sendo um dos líderes dos surdos de Santa Catarina. Foi um dos fundadores da Sociedade de Surdos de São José, atuou nela de 1990 a 1996, uma entidade que crescia muito e é considerada a mais organizada no estado de Santa Catarina.

Ele escolheu o sobrenome diferente na campanha política que concorreu para vereador de São José de 2003 a 2007 em homenagem à sua avó-materna, já falecida, descendente de alemães, que lhe criou por mais de 10 anos, junto com o marido, descendente de portugueses que não conheceu, pois a avó dele ficara viúva quando o pai dele era solteiro. Portanto, queria preservar o sobrenome da avó-mãe dele como lembrança.

Os pais dele estavam preocupados com sua infância, com sua situação futura, e por isso procuravam incansavelmente a existência de uma escola especial para surdos.

Finalmente acharam a escola, localizada na Rua Conselheiro Mafra, no Centro de Florianópolis. Era uma sala comercial tipo garagem grande (perto do antigo terminal urbano, hoje Terminal Cidade de Florianópolis), foi ali onde encontraram a primeira escola para surdos, onde ele aprendeu a língua de sinais aos 6 anos de idade.

Ele estudou com o primeiro professor surdo do estado de Santa Catarina. O professor Francisco e sua esposa, que era ouvinte e também professora, chamava-se Mercedes e foi a primeira intérprete dele. Neste

momento, existiam outros alunos surdos, que eram: Niro, Paulo, Percy, Sônia, Maria da Graça, Maria Bernadete, Aldenei, Rita, Reinoldo, Edson, Ivo (falecido), Arnaldo e outros que ele não lembrava.

No começo do aprendizado dele da língua de sinais achava estranho e não lhe agradava muito, fazendo com que ele não quisesse estudar ali, mas foi a mãe dele que o incentivou a continuar estudando, e, com o tempo, foi gostando da escola e do grupo de amigos surdos, isto foi em 1971.

Essa escola foi transferida de local, e foi para a E.E.B. Governador Celso Ramos, no bairro Prainha, em Florianópolis no ano de 1972. Esta nova escola ele adorava muito e guarda boas recordações vividas nela.

Infelizmente, ele não lembrava do ano em que foi transferido para o Instituto de Audição e Terapia da Linguagem – IATEL, situado na Rua Liberato Bittencourt, no Centro de Florianópolis, numa casa simples e alugada. Ficou muito contrariado com esta transferência. Nessa época, tinha mais ou menos 13 anos. Próximo aos 15 anos, ele abandonou o IATEL, porque tinha que trabalhar para sustentar a avó dele, que era viúva e pobre. Sua avó também não gostava desta escola e também das novas professoras que eram ouvintes e que não sabiam usar a língua de sinais, obrigando os surdos a oralizarem.

Aos 14 anos, ele já trabalhava em uma empresa de comunicação visual (luminosos). Após um ano, ele mudava de ramo para a função de auxiliar de escritório em duas empresas de contabilidade. Depois disso, ele fundou uma empresa própria de comunicação visual em sociedade com seu pai, no ramo de letreiros em placas, paredes e etc. O nome da empresa comprada foi modificado, e mais tarde fez sociedade com o irmão caçula. Para seu irmão caçula foi um aprendizado, e hoje ele é proprietário de uma empresa no mesmo ramo, residindo em Blumenau.

Em 2000, deixava este ramo e começava a estudar para ter a formação de professor na Língua de Sinais, aos 43 anos. Ele trabalhou como professor em Admissão em Caráter Temporário – ACT, e na Fundação Catarinense de Educação Especial - FCEE, como assessor técnico na Educação de Surdos, de 2003 a 2005. Trabalhou também como ACT no Centro Educacional Municipal Interativo Floresta em São José, no Núcleo de Educação Especial e Inclusiva - NEESPI, como professor de LIBRAS, de 2006 a 2007. Foi docente dos cursos de LIBRAS de 2000 a 2007.

A partir de 2008 deixava o cargo de professor de LIBRAS para focar os compromissos somente nos esportes. Atualmente, atua numa entidade esportiva de surdos, desde 1999 nesta, com 12 associações

filiadas, organizando em média sete (7) eventos esportivos por ano. Portanto, os pensamentos deles e seus compromissos são voltados para a comunidade surda.

### **5.6.2.3 – Informante F**

O informante **F** mostra sua experiência na língua de sinais e sua opinião de como aconteceu essa experiência: “Porque assim como toda língua ela sofre das mudanças históricas e culturais, as línguas são dinâmicas e não estáticas por isso elas vivem sofrendo alterações e com as línguas de sinais ocorre o mesmo. Essas mudanças podem ser percebidas nas diferentes regiões onde são utilizadas a mesma língua, mesmo sendo a mesma língua ela possui algumas diferenças em algumas palavras ou expressões”.

O informante **F** nasceu 04/07/1958 em Florianópolis, é casado e tem 52 anos. Nasceu surdo, a família dele sempre lhe deu apoio, levaram-no a vários lugares para consultar com médicos, procuravam um tratamento, mas de acordo com os médicos, ele não tinha muita chance de desenvolver audição e a fala. Nesta época, não existiam no Estado de Santa Catarina escolas especializadas para surdos, e como o pai dele era militar, não podia morar em outro Estado. Então seu pai matriculou-o numa escola regular, mas as professoras não sabiam a língua de sinais e era muito difícil para ele aprender.

A alfabetização dele não foi muito boa, e para melhorar um pouco o aprendizado tinha aulas com o professor surdo Francisco Lima Júnior, que lhe ensinava as palavras utilizando o alfabeto manual e a língua de sinais para o aprendizado da Língua Portuguesa Escrita, e também para alguns alunos surdos.

Em sua família, se comunicava através de sinais caseiros, que de acordo com ele foi muito bom, e os utiliza até hoje.

Apesar das dificuldades nos estudos, tinha sorte pois conseguiu emprego. Neste emprego, que era na Central de Luz Elétrica de Santa Catarina – CELESC, sempre foi muito bem tratado. Tinha muitos amigos na associação de surdos, na escola e no trabalho, e, para se comunicar, ensinava alguns sinais bem básicos para os amigos para que assim não tivessem problemas quanto à comunicação.

Ele trabalhou sempre na CELESC na cidade de Florianópolis, pois foi aprovado em um teste, naquela época não havia concursos. Depois, foi transferido algumas vezes para outras cidades, como Blumenau, Joinville e Jaraguá do Sul. Iniciou como auxiliar de serviços gerais, depois passou a auxiliar administrativo e por último como

motorista.

Foi presidente de várias Associações de Surdos, uma dessas em 1989, que foi fechada neste mesmo ano e outra em dois mandatos 2005/2008. Ele jogou em vários times nas associações de surdo de Santa Catarina. Ele preferia jogar futebol de salão - FUTSAL.

Ele sempre participou e até hoje participa de encontros com surdos na língua de sinais, seja em associações ou outros eventos. Atualmente, mora na cidade de Londrina – Paraná.

### **5.6.3 – Grupo III – Informantes**

Nas narrativas dos sujeitos surdos do Grupo III com idades entre 15 a 30 anos, sendo o grupo dos mais jovens, e que participam de associações de surdos em Santa Catarina, foram expressas algumas opiniões desses surdos, aqui nomeados de informantes **A**, **B** e **C**. Seguem abaixo relatos e experiências dos informantes:

#### **5.6.3.1 – Informante A**

O informante **A** mostra sua experiência na língua de sinais e sua opinião a respeito de como aconteceu essa experiência: “Não diria que “muda”, mas sim sofre modificações/alterações, com o tempo, e como qualquer outra língua dependendo do estado/país em que é “falada” terá adaptações conforme a necessidade de cada lugar. Sendo que até mesmo em casa, quando a criança não tem contato com LIBRAS, em um primeiro momento ela e sua família se apropriam de sinais próprios para a comunicação”.

O informante **A** nasceu em 18/12/1980 no Balneário Camboriú, nasceu surdo, comunica-se por meio de gestos com a família. Sua família sempre mostrou preocupação com ele, levaram-no a atendimento fonoaudiológico, para que aprendesse a falar, mas tinha dificuldades, porém era esforçado. Somente mais tarde encontrava a comunidade surda na escola. Quando ele teve atendimento especial e não era utilizada a língua de sinais, somente alguns gestos, acabava desistindo e parava de estudar. Retornando à escola com ouvintes quando ele tinha 17 anos de idade, encontrava os surdos, que o convidaram a participar de uma festa na associação de surdos, foi quando começou a aprender a LIBRAS e ficou feliz, pois comunicava-se com todos na LIBRAS, já que era um modo mais fácil de aprender e memorizar os conteúdos, já com o oralismo era muito sofrido.

Ele fundou uma Associação de Surdos na cidade onde mora. Na

associação motivou o uso da LIBRAS, valorizou o contato entre os membros da comunidade surda e a LIBRAS, assim como a educação formal. Ele sentia-se satisfeito, pois se comunicava com os amigos usando a leitura labial e os gestos, mesmo assim perdia algumas informações por não ouvir. Mais tarde encontrava-se com grupos de surdos e começou então o contato da LIBRAS e percebia que por meio da LIBRAS ele poderia receber mais informações do que pela leitura labial, e a partir de então, conseguiu viver melhor na sociedade. Lutou para inserir a LIBRAS no ensino dos surdos porque sabia na prática que facilita o aprendizado do surdo.

Hoje está casado e sua esposa é surda. Formou-se na faculdade de gastronomia pela UNIVALI, e tem o curso de especialização em educação especial. Atualmente, faz curso de Letras/LIBRAS, e sua turma é composta na maioria por surdos, que estão gostando do curso, tendo a oportunidade de trocar idéias, experiências, bem como buscar novos conhecimentos.

Ele é Instrutor de LIBRAS, efetivado pela prefeitura de Itajaí, além de trabalhar como professor de LIBRAS em outros lugares. Também realiza trabalhos voluntários em algumas entidades (Associação, FENEIS, Federação, etc). Já atuou em vários cargos de diretoria na Associação de Surdos de Balneário Camboriú, isso foi bom, porque ele aprendeu sobre política, sobre organização e também a utilizar estratégias diferentes para as ações etc.

### **5.6.3.2 – Informante B**

O informante **B** mostra sua experiência na língua de sinais e sua opinião sobre como aconteceu essa experiência: “A LIBRAS é uma língua porque possui uma forma de comunicação própria. É independente como qualquer outra língua escrita ou falada. Tem formato próprio, sua comunicação é visual pois se utiliza de gestos e expressões. Como todas as línguas tem variações conforme a região”.

O informante **B** nasceu em 08/01/1985, na cidade de Tijucas em Santa Catarina. Atualmente mora em Itapema e tem 25 anos. Ele nasceu surdo, mas seus pais só descobriram sua surdez aos nove meses de idade, então ficaram apavorados e não sabiam como ele iria se comunicar na sociedade. Depois o pai dele levou-o para uma escola em Florianópolis chamada de IATEL, onde até a 3ª série utilizavam a linguagem oral e muito pouco gestual. Na época, os gestos (sinais) não eram reconhecidos como uma língua.

Os pais dele escolheram uma escola da Rede Regular de Ensino,

na época nem era pensado em intérprete de LIBRAS, até porque essa não era uma língua oficializada. Eles não conheciam a comunidade surda e sua cultura, então decidiram que seu filho frequentaria atendimento fonoaudiológico dois dias por semana.

Para o informante **B** seus pais tentavam criá-lo como ouvinte o que para ele caracteriza uma tentativa de modificar sua identidade surda. Ele relata que tinha muita dificuldade de comunicar-se com as pessoas na sociedade que utilizava a língua falada.

Mais tarde, aos 16 anos de idade, foi para uma escola de educação especial onde teve aulas de informática com outros surdos, então podia utilizar a LIBRAS. Antes ele ficava isolado, não gostava e não podia usar a língua de sinais, começava a aprender a falar, mas demorava muito. Agora aceita sua identidade surda, sente-se mais feliz e melhor. Participa de uma associação de surdos e viaja para vários lugares nas diferentes regiões de Santa Catarina.

Ele trabalhou como analista de sistemas na área de informática da empresa Cerâmica Portobello em Tijucas, ficava muito incomodado com a barreira de comunicação com os funcionários em virtude de terem muito trabalho, pois o surdo precisa das mãos para falar e se está com elas ocupadas trabalhando fica impossível comunicar-se, diferente dos ouvintes. Tentou ensinar alguns sinais para os funcionários, para que lhe entendessem e pudessem se comunicar com ele, mas os funcionários desviavam para outro assunto, não demonstravam interesse em aprender sinais. Sofria por passar o dia inteiro de trabalho sem poder se comunicar com outra pessoa, disfarçava esse sentimento acessando a Internet para realizar pesquisas de temas relacionados à educação de surdos (palestras, congressos, encontros, etc). Então, numa destas pesquisas achou um congresso de surdos, anotou a data e mostrou ao chefe, que o liberou para ir ao congresso (encontro surdo).

Ele acredita que as pessoas não tinham culpa, pois oralismo era a forma de ensinar naquela época, e para os surdos era muito difícil de compreender e aprender a língua falada. Aprendeu LIBRAS na comunidade surda. Após a liberação para o congresso pelo seu chefe, começou a frequentar a associação de surdos e outros eventos da comunidade surda.

Ele participou de um concurso no município de Itajaí, para o cargo de instrutor de LIBRAS. Foi classificado em terceiro lugar, conseguiu um trabalho, e seus pais deixaram que ele morasse sozinho em Itajaí. Morou sozinho por um ano, trabalhava durante o dia e estudava na faculdade à noite. Com o passar do tempo, conheceu pessoas e fez amizade com outros surdos, que no segundo ano dividiram

o aluguel da casa com ele.

Alguns surdos convidaram ele para um encontro de surdo (nacional, congresso e entre outros). Foi possível fazer novas amizades e entrar em contato com outros sujeitos surdos, pois neste espaço tinha surdo sentado ao lado, surdo no bar, e em outros momentos do congresso.

Ao término do encontro pegou os endereços eletrônicos das pessoas que conheceu e assim pode manter correspondência com outros surdos através de e-mails nas diferentes regiões do estado de SC.

Depois de algum tempo de troca de e-mails combinou encontros e viajou para o sul, sudeste, nordeste, norte do Brasil e etc.; encontrou-se com muitos surdos que se comunicavam na língua de sinais e aprendeu muitos sinais novos, onde percebeu que havia muitas diferenças nos sinais, que cada região tinha sinais específicos daquele lugar.

Quando o curso de Letras/LIBRAS da UFSC foi aprovado pelo MEC, e abriram-se as inscrições, três instrutores de LIBRAS já haviam prestado o vestibular, tiveram uma prova com 15 questões referentes a LIBRAS; utilizaram na apresentação para seleção dos candidatos, slides e videoconferência, com todos os candidatos. Ficou admirado e achou muito legal o grupo de surdo que estava lá, e disse: “Passei a ver o mundo diferente ao término da prova”.

Ele trabalhou como instrutor de LIBRAS por 4 anos e recebeu 14 alunos surdos para atendimento no processo de aprendizagem da LIBRAS. E também ensinou sobre a relação de aprendizagem do aluno surdo em LIBRAS para os colegas. Ele formou-se no curso de ciências da computação e fez pós-graduação no processo de inclusão e educação especial. Atualmente está cursando a faculdade de Letras/LIBRAS pela UFSC.

### **5.6.3.3 – Informante C**

O informante C mostra sua experiência na língua de sinais e sua opinião de como aconteceu essa experiência: “A língua de sinais, assim como todo o contexto no qual estamos inseridos, sofre mudanças e adaptações durante o decorrer de nossas vidas por questões de adaptação, comportamento e cultura”.

O informante C nasceu em 12/02/1986 em Santa Maria/RS, surdo de nascença, morando em Florianópolis há pouco tempo. Voltando ao passado dele, desde pequeno adorava brincar, mexer, experimentar as coisas novas, o que tinha por perto. Certa vez sua avó chamou-o, falava o seu nome, mas como ele não escutava nenhuma letra e nenhum som

que veio da voz da avó, não a atendeu. Ela estranhou a atitude dele, pois ele nunca deu atenção para ela quando ela gritava ou chamava pelo seu nome. Pra ela era impossível uma criança que não respondia aos sons. Então ficou desconfiada que ele poderia ser surdo. Resolveu pedir aos pais dele para levá-lo a um médico para descobrir a causa do problema. Mas seus pais tinham dificuldade de aceitar essa idéia e de levá-lo para o médico, parecia que tinham medo que ele realmente fosse surdo. Ficou assim sem comunicação.

A mãe dele, assustada, chorava muito, e o pai dele ficou furioso. Pois o medo deles era de jamais se comunicarem com o filho, que eles amavam muito. Então, o médico deu um conselho para a mãe dele, que era conhecer as pessoas surdas que se comunicavam através da LIBRAS, ou então fazer atendimento e acompanhamento com fonoaudióloga para aprender a falar e/ou melhorar a fala.

A mãe dele decidiu em primeiro lugar ir numa escola onde tinham pessoas surdas, lá conheceu algumas pessoas surdas e achou que eram pessoas legais. Conversou com essas pessoas surdas que conheceu, sobre seu filho que era surdo. Queria saber como poderia se comunicar com uma criança surda, pois o objetivo da mãe era poder se comunicar com o filho. Então, pediu ajuda de um surdo jovem. Ele explicou para ela que devia fazer um curso de LIBRAS, que é a Língua de Sinais Brasileira, que as pessoas surdas utilizam para se comunicarem com facilidade.

Ele crescia, e no seu desenvolvimento viveu muita coisa, conseguiu mexer, comer, tudo. A mãe dele comunicava-se com ele através dos sinais, ele via as mãos da mãe que não parava de mexer, estranhava, mas repetia para entender aquele conceito, o que ela queria dizer, ela sinalizava e mostrava as coisas, até que ele entendia o conceito.

A mãe dele era uma pessoa bastante simples e feliz com os filhos. Tem um irmão que é um ano mais velho do que ele, o irmão aprendeu a usar sinais com ele e a mãe, e podiam se comunicar, daí eles melhoraram muito a comunicação, tornaram-se grandes amigos, sempre brincaram juntos, brigavam, choravam, gritavam e reclamavam. Mas eles eram grandes amigos.

Ele mais observava as coisas a seu redor e se admirava com o que via. Depois de alguns meses sua irmã cresceu um pouco, conseguiu perceber as coisas, começou a falar com ela através de sinais, ela aprendeu essa língua com ele, como se fosse a primeira língua da vida dela. Uma vez, teve uma festinha lá em sua casa, estava toda a família reunida, passou um avião, sua irmã ouviu o barulho do avião e sinalizou

um avião, todo mundo viu e se assustaram, principalmente a mãe dele, pois não sabia que a filha sinalizava sendo tão pequena. Sua mãe ficou tão contente e bateu uma foto dela sinalizando.

Como cresceu sempre podendo se comunicar na Língua dos sinais, acreditava viver muito “normalizado”. Tinha uma família e amigos surdos, estudou em escolas com outras crianças surdas e relata como ele se divertia muito.

Depois de certo tempo, a escola não funcionava somente para crianças surdas, sua mãe ficou muito preocupada com sua educação, combinou com seu pai e com toda sua família a mudança para a cidade de Florianópolis – Santa Catarina, pois soube que havia uma escola especial para ele, onde poderia crescer com uma educação de qualidade.

Quando chegou à capital de SC, Florianópolis, simplesmente amou a cidade, porque ele curti bastante as praias, o pai alugou uma casa bem legal na Barra da Lagoa, e todos os dias ia sozinho para a praia, brincava na areia e construía castelos.

O informante **C** relata que curtiu bastante aquele verão, mudaram-se dessa casa para outra que construíram no bairro Carianos, ele não gostava muito do lugar, achava meio estranho, porque para ele ficava muito longe das praias. Mas com o tempo, ele se acostumou, até fez amizades com os vizinhos, que eram ouvintes. Ele não sabia como comunicar-se com eles, pois usavam a fala, ele sentiu vergonha e medo. Ficava atrás de sua mãe, que explicava para os vizinhos que ele era surdo, que não sabia falar quase nada, apenas sabia LIBRAS, eles ficavam admirados e convidavam-no para brincar. Tinha amigos que eram tranquilos, porque o pai deles era surdo também.

O tempo passava, e ele brincava sempre com esses amigos, curti muito, mas ele percebeu que se comunicavam só oralmente, só ele não estranhava. Foi falar com sua mãe sobre essa situação, pois ele queria poder falar também, sua mãe se surpreendeu com a idéia dele, que era: “querer poder” falar também. Para sua mãe foi uma surpresa, porque ouvia muito que a maioria das pessoas surdas não aguentava aprender a falar, e seu próprio filho estava querendo aprender a falar.

Ele resolveu ser sócio de uma associação de outra cidade, não gostava da anterior e se mudou para Associação dos Surdos da Grande Florianópolis, ele fez amizade com o pessoal, viajou muito, se divertia, saía e curtiu bastante. Participava das reuniões da associação também. Depois virou Conselheiro Fiscal da Associação, gostou da experiência, mas continuou sendo sócio. Mas por outro lado, andava, observava e estudava bastante, e percebeu o mundo cada vez mais veloz, por causa da tecnologia e a sociedade que não parava de mudar. Depois que

terminou o terceiro, teve uma formatura incrível em que chorou um monte, pois teve medo de perder o contato com as colegas de sala, mas também porque ele aprendeu a amar esses amigos como se fossem de sua família.

Começou uma faculdade na UFSC, gostou bastante e fez novas amizades, começou a trabalhar como Ator/Tradutor, Cinegrafista, Editor de Vídeos na UFSC, tudo isso como bolsista. Ele tornou-se bem conhecido nacionalmente na comunidade surda, começou a viajar bastante para congressos e palestras. Depois de um ano de sucesso em sua vida, acabou o contrato de bolsista pela UFSC, e começou a trabalhar como professor na prefeitura, foi um grande desafio para ele, pois tinha professoras ouvintes que trabalhavam na educação especial que pensavam diferente dele com relação à comunicação na língua de sinais.

Hoje em dia, continua sendo conhecido nacionalmente na comunidade surda, é estudante do último período da Letras/LIBRAS na UFSC, e está trabalhando em duas escolas da prefeitura como professor de LIBRAS.

#### **5.6.4 – Algumas considerações finais**

Os informantes mostraram sua história e nela pude perceber que sinalizavam diferentemente uma mesma palavra, principalmente aqueles que viveram em lugares diferentes.

Sabemos que a história humana sofre transformações ao longo do tempo, mas nem sempre os seres humanos se dão conta das mudanças que podem acontecer no passado, no presente e no futuro. Na sociedade acontecem transformações tecnológicas, políticas, econômicas, sociais e culturais. Todas essas transformações influenciam o modo como usamos a língua. E a língua se modifica com o tempo.

Nós também mudamos as “coisas da vida”. A comunidade surda tem um jeito próprio de demonstrar as variações regionais e mudanças quanto à língua de sinais, a ponto de ser possível identificar a procedência de um surdo do nordeste ou do sul com base apenas no seu gestual.

A comunidade surda antigamente apresentava uma forma de conversar em LIBRAS mais cotidiana e restrita à associação de surdos, mas na atualidade a comunicação é mais ampla, acontece em vários locais como escolas, universidades, congressos, viagens turísticas etc, ampliando conhecimentos e conhecendo novos sinais em contexto social.

Um surdo conversa com outro surdo utilizando a língua de sinais, e qualquer pessoa ouvinte pode aprender LIBRAS e se comunicar na comunidade surda, mesmo não tendo fluência. Dessa forma, os surdos e ouvintes podem se comunicar na LIBRAS. Além disso, a comunicação entre duas ou mais pessoas pode se dar em diferentes contextos sociais. Vale ressaltar que poucos surdos conheciam a gramática ou tinham conhecimento linguístico da LIBRAS, até porque é uma língua que está sendo ensinada para o surdo nas escolas a partir da LEI de reconhecimento, e ainda não é ensinada a parte de reflexão linguística, está mais voltada para sua prática (o uso).

Segundo Labov:

Ao falar do papel de fatores sociais que influenciam a evolução linguística, é importante não superestimar o grau de contato ou de superposição entre valores sociais e a estrutura da língua. A estrutura linguística e a estrutura social não são de modo algum coextensivas. A grande maioria das regras linguísticas estão bastante distantes de qualquer valor social; elas fazem parte do elaborado mecanismo de que o falante precisa para traduzir seu complexo conjunto de significados ou intenções em forma linear. (LABOV, 2008 [1972], p. 290).

Em vários lugares (regiões) da comunidade surda, usar a LIBRAS em breve vai ser como falar em inglês, em francês, em italiano e em outras línguas. Todas as línguas são importantes, porém alguma pode ser mais reconhecida no mundo e influenciar mais. Não podemos descartar a possibilidade de outras línguas serem mais reconhecidas, assim como não podemos prever quais línguas influenciarão mais no mundo em outras épocas, quais dialetos novos teremos e quais variações e mudanças linguísticas. Talvez no futuro tenhamos mais influência das línguas de sinais na comunicação do mundo.



## **CAPÍTULO VI – Descrição e análise dos resultados**

### **6.1 – Introdução**

Realizei a pesquisa escrita baseado nos relatos dos informantes das três gerações pesquisadas, através de filmagem. Primeiro busquei nessas filmagens, sinais que fossem relevantes para a pesquisa: variações e mudanças lexicais e variações e mudanças fonológica na LIBRAS. Em seguida, fiz uma listagem de sinais com a palavra correspondente em Língua Portuguesa, observando o número de vezes em que o sinal era apresentado aparecia. Depois, escolhi os sinais que mais apareciam nos três grupos de informantes, e verifiquei as CM (pág. 225 e 227), que apareceram. Após isto, fiz tabelas gerais para pesquisa de: variação lexical, mudança lexical, variação fonológica e mudança fonológica. Foram escolhidos dezessete sinais para análise, porque apareceram nos três grupos e em maior número. Após a escolha dos sinais, construí quatro tabelas gerais, com os sinais produzidos pelos três grupos pesquisados com a CM utilizada na sinalização. Por fim, fiz a análise dos dados obtidos.

Ressalto que a descrição dos informantes que realizaram as entrevistas nas três gerações, em diferentes faixas etárias traz informações de grande importância para a análise dos dados obtidos, referentes às possíveis variações e mudanças linguísticas na Língua de Sinais em Santa Catarina.

Neste capítulo, serão apresentados os seguintes tópicos: comparação dos dados dos grupos das três gerações de surdos na língua de sinais e descrição sobre variação e mudança lexical na língua de sinais, com a existência de um ou mais sinais dos informantes das três gerações; descrição da variação e mudança fonológica na língua de sinais e explicação de como o mesmo sinal pode ser utilizado; e, por fim, análise dos resultados das três gerações dos informantes considerando as variações e mudanças linguísticas na Língua Brasileira de Sinais.

### **6.2 – A comparação dos dados: o grupo de três gerações de surdos na língua de sinais**

Os dados recolhidos no programa de transcrição na língua de sinais – ELAN, foram analisados e comparados com o propósito de mostrar/apontar possíveis variações e mudanças linguísticas que aconteceram na língua de sinais em Santa Catarina. Os informantes

apresentaram individualmente suas respostas ao questionário referente a seu aprendizado escolar e a sua vida. Essas apresentações, gravadas em vídeo, têm o objetivo de mostrar a experiência na língua de sinais dos informantes, nas três gerações pesquisadas.

Para análise dos dados recolhidos, foi feita uma tabela denominada: Preliminar dos dados – variações ou mudanças linguísticas. Nessa tabela vemos a transcrição dos depoimentos e a identificação dos Grupos (I, II e III) de surdos que narraram a sua experiência na língua de sinais. Seguem as principais abordagens pesquisadas:

- No primeiro momento, investigo a **variação e mudança lexical na Língua Brasileira de Sinais**, onde dois ou mais sinais existem na língua ao mesmo tempo; descrevo a mudança em dois sinais, que se dá quando o antigo sinal some e um novo entra;
- No segundo e último momento, investigo a **variação e mudança fonológica na Língua Brasileira de Sinais** em que um mesmo sinal possui mais de uma forma de realização; descrevo a mudança que se observa quando um sinal altera de características com relação aos parâmetros: configuração das mãos, ponto de articulação e movimento.

Foi interessante realizar a pesquisa dos dados dos três grupos, porque é um desafio, além de me permitir identificar os sinais das gerações pesquisadas. A princípio, foram identificados os sinais que eram utilizados pelos surdos mais velhos e que os jovens não conheciam. Em seguida, os sinais com configuração de mãos (CM) e ponto de articulação (PA) diferentes, e também os sinais com configuração de mãos (CM) iguais e ponto de articulação (PA) diferentes. Por último, os sinais com configuração de mãos (CM) diferentes e ponto de articulação (PA) iguais.

Os sinais apresentados pelos informantes das três gerações totalizaram 255 sinais. Nesse total foram utilizados 17 vocábulos para a análise dos resultados e levantamento dos sinais de cada informante dos três Grupos (I, II e III). Alguns sinais foram dispensados, porque tornariam a pesquisa muito ampla. Dos 255 sinais encontrados para análise, 115 foram apresentados pelos surdos do Grupo mais jovem; 163 foram apresentados pelo Grupo com idade intermediária e 183 pelo Grupo dos mais velhos.

Esta distribuição por faixa etária compreende 9 informantes, três

em cada uma das gerações, formando os três Grupos pesquisados (I, II e III). O resultado mais significativo foi mostrado pelos informantes do grupo de indivíduos mais velhos (G e I); possibilitando numa primeira análise perceber algumas variações e mudança na língua de sinais. Ficou perceptível que o grupo de surdos dos mais velhos influenciou a língua de sinais em Santa Catarina na comunidade surda. Segue tabela com os números de sinais levantados em cada um dos três grupos:

<b>Sinal (Léxico)</b>	<b>Grupos dos informantes</b>		
	<b>Grupo I geração (G, H e I)</b>	<b>Grupo II geração (D, E e F)</b>	<b>Grupo III geração (A, B e C)</b>
Sinais Analisados	183	163	115

Tabela 09 – Preliminar dos dados – Variações ou mudanças linguísticas

Como já foi comentado anteriormente, a comunidade surda em Santa Catarina até aproximadamente o ano de 2000 teve um único professor surdo no nosso estado e que influenciou a língua de sinais. O fator externo que influenciou a língua de sinais em SC, através do professor Francisco, foi o agrupamento dos surdos de todo o estado formando uma comunidade surda, que também participa da identificação de classe do grupo informante. Outro fator externo é percebido nos Grupos II e I que mostram sinais aprendidos no contato com o professor surdo na escola e também no Círculo de Surdo-Mudo em Santa Catarina, sendo que o Grupo II influenciou o Grupo III.

Na tabela em anexo, percebe-se que dos 255 sinais coletados, o Grupo I apresentou mais sinais do que os Grupos II e III. Talvez os sinais não conhecidos pelo Grupo III sejam os sinais criados recentemente pela comunidade surda acadêmica.

Nas quatro tabelas gerais dos dados (pág.153, 167, 174 e 176) também apresenta na coluna à esquerda dos informantes o sinal (léxico) e na direita os três grupos de diferentes gerações com diferentes faixas etárias, que variam de 25 a mais de 80 anos, e totalizam nove (9) indivíduos. Na coluna sinal (léxico) apresentam-se os dados que foram escolhidos para realizar a pesquisa; nos Grupos I, II e III, as variáveis independentes (homem, mulher, idade, escolaridade e profissão), que

podem mostrar também variação e mudança na língua de sinais usada pelos informantes.

### 6.3 – Variação e mudança lexical na Língua Brasileira de Sinais

Nesta seção, vão ser observados os itens lexicais que estão em variação nas três gerações. Comparando os sinais, eles podem ser produzidos através de um sinal ou mais, por exemplo: o sinal de “mãe” no passado tinha apenas um sinal (simples), atualmente utilizam-se dois sinais (composto) para esta representação. Isto mostra que acontece variação lexical em LIBRAS. Outros exemplos de sinais em variação são: “aposentar”, “avião” “mãe”, “pai”, “política”, “preto”, “reunião” e “semana” (Tabela geral dos dados a seguir).

Nos Grupos I e II, nos sinais de banco, feio, médico, porque, padre e ter também acontece variação lexical, pois tem mais de um sinal que existe na língua ao mesmo tempo. Nos Grupos I e III o sinal de nome aponta variação lexical.

Foi apresentada na discussão sobre mudança lexical de alguns sinais na Língua Brasileira de Sinais (MÃE e PAI). Agora será mostrada a variação lexical encontrada nos sinais utilizados pelos informantes das três gerações (Grupos I, II e III).

Veja a tabela a seguir, elaborada para descrever os resultados obtidos dos informantes dos Grupos I, II e III. Os números que aparecem na tabela correspondem à configuração de mãos (CM), num total de 64 posições diferentes que as mãos podem assumir (ver anexo página 225).

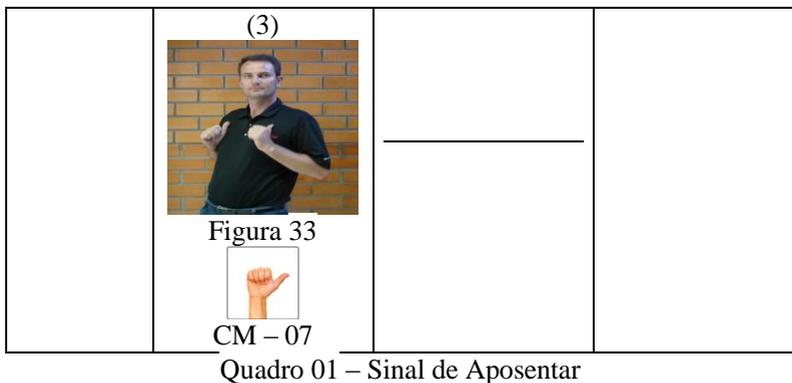
**Tabela geral dos dados – Variação e mudança lexical na Língua Brasileira de Sinais**

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
APOSENTAR	CM – 01, 02, 07, 11, 57	CM – 01, 02, 11, 57	CM – 01, 11
AVIÃO	CM – 53a	CM – 36, 37a, 40	CM – 40
MÃE	CM – 02, 14, 63	CM – 01, 02, 06, 14, 60, 63	CM – 02, 07, 14
PAI	CM – 01, 11, 14, 16, 38	CM – 01, 02, 11, 16, 38, 45	CM – 02, 11, 16, 38, 45
POLÍTICA	CM – 11, 51a	CM – 11, 14	CM – 11
PRETO	CM – 05, 34, 62	CM – 05	CM – 05
REUNIÃO	CM – 14	CM – 14, 15, 25	CM – 25
SEMANA	CM – 08a, 10, 64	CM – 10	CM – 10

Os quadros a seguir mostram a sequência dos sinais lexicais utilizados pelos informantes desta pesquisa na língua de sinais nas três gerações.

Observe-se, inicialmente, o item lexical APOSENTAR.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Aposentar	(1)  Figura 31   CM – 01, 11	(1)  Figura 34   CM – 01, 11	 Figura 36   CM – 01, 11
	(2)  Figura 32   CM – 02, 57	(2)  Figura 35   CM – 02, 57	



O sinal de aposentar apresentado no quadro 01 no Grupo I (mais velhos) apareceu com três sinais diferentes, o que indica variação lexical. O Grupo III (mais jovem) utiliza o sinal com a configuração de mãos (CM) - 01 e 11, com o movimento no espaço neutro, consecutivamente para frente. Os Grupos I e II utilizaram a CM - 02, 57 (palma da mão aberta se fechando à medida que o antebraço puxa para trás junto ao lado do corpo, no espaço neutro). O Grupo I apresentou o sinal de aposentar com a CM - 07, ambas as mãos, saídas do espaço neutro na frente do corpo, indo até o peito. Esse sinal atualmente é produzido para indicar folga, descanso e acomodar. O Grupo III não conhece o sinal de aposentar do Grupo I, talvez por isso eles utilizam com outro significado. O Grupo I tem três sinais diferentes para “aposentar”, como mostram as figuras 31, 32 e 33, mas o significado é o mesmo, isso pode ser variação lexical, mas tudo indica que ocorre também mudança lexical. O Grupo I tem um único sinal diferente do Grupo III. Parece que atualmente o sinal tem outro significado.

Inicialmente, observe-se o item lexical AVIÃO.

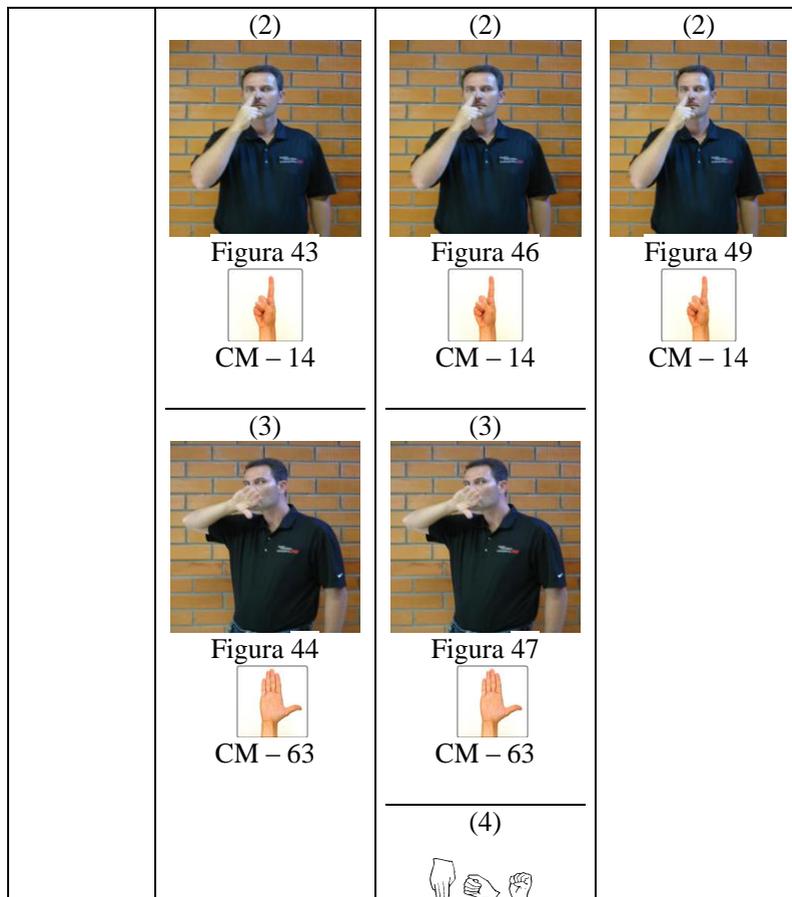
Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Avião	 Figura 37  CM – 53a	(1)  Figura 38  CM – 36	 Figura 41  CM – 40
		(2)  Figura 39  CM – 37a	
		(3)  Figura 40  CM – 40	

Quadro 02 – Sinal de Avião

Sabe-se que o professor Francisco iniciou o ensino para alguns surdos utilizando a soletração no alfabeto digital em Português (👉👈👉👈). Observando os três grupos foi possível identificar as modificações graduais deste sinal, que iniciou com a soletração. Depois foi apresentada como em CM – 53a, a mão parte do lado do corpo em linha reta e ascendente, imitando a decolagem do avião, usada pelo Grupo I (mais velhos). O Grupo II apresentou as configurações CM – 36, CM – 37a, CM - 40, também imitando a decolagem do avião. No Grupo III apareceu apenas o sinal com a CM – 40, ou seja, continuou igual ao utilizado pelo Grupo II.

Veja a seguir o item lexical MÃE.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Mãe	<p>(1)</p>  <p>Figura 42</p>  <p>CM – 02</p>	<p>(1)</p>  <p>Figura 45</p>  <p>CM – 02</p>	<p>(1)</p>  <p>Figura 48</p>  <p>CM – 02, 07</p>



Quadro 03 – Sinal de Mãe

No quadro 03 aparece na figura 43, 46 e 49 nos Grupos I, II e III o sinal de **mãe** que tem variação lexical ao mesmo tempo. Então, os Grupos I e II também mostram o mesmo sinal. No Grupo III a figura 48 mostra o sinal de mãe (mulher^benção = mãe) o que acontece é um sinal composto em variação lexical. Nas figuras 42, 45 e 48 a configuração de mãos acontece (igualmente) nos três grupos. As figuras 44 e 47 nos Grupos I e II mostram a palma da mão aberta para frente e o dorso da mão colocado na boca para o sinal de mãe, o que também indica variação lexical.

No quadro 03 também mostra mudança lexical. O sinal de “**M-Ã-E**” aparece soletrado no alfabeto digital, e outro com a configuração de

mãos (CM) em “M” (número da CM – 01, 06, 60), com ponto de articulação (PA) na boca, num movimento (M) de roçar a mão para frente (reto). Atualmente, o sinal de MÃE é realizado da seguinte forma: o sinal de mulher (mão fechada e polegar riscando o rosto de cima para baixo) junto com a mão fechada sendo beijada no dorso (mulher^benção = MÃE), representando um sinal composto.

Comparando o sinal de MÃE apresentado pelos informantes dos três Grupos (I, II e III), nota-se que ocorreu mudança lexical, a forma de configuração de mãos (CM) modificou-se.

Pode ser que a distinção entre variação lexical e mudança lexical nem sempre está clara, mas pode ser estabelecida em alguns casos dos sinais.

O quadro a seguir mostra variação e mudança do item lexical PAI.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Pai	(1)  Figura 50  CM – 11	(1)  Figura 53  CM – 16	(1)   Figura 55  CM – 11, 38

	(2)	(2)	(2)
			
	Figura 51		Figura 56
			
	CM - 14	Figura 54	CM - 16
	(3)	(3)	(3)
		 	
	Figura 52	CM - 02, 45	
		(3)	
	CM - 16	  	Figura 57
	(4)		 
	  		CM - 02, 45

Quadro 04 – Sinal de Pai

Nas figuras 52, 53 e 56 dos Grupos I, II e III, na configuração de mãos (CM), o dedo indicador curvado colocado como se fosse um bigode movimenta-se para frente e para trás significando sinal de pai. Os Grupos II e III mostram o sinal composto (homem^benção = pai). Nas figuras 54 e 57, também temos variação e mudança lexical. Na figura 51, o dedo indicador reto é colocado como se fosse um bigode fazendo movimento para a direita no Grupo I. Nas figuras 50 e 55, nos Grupos I e III, mostra-se a configuração de mãos (CM) - 11 também

imitando um bigode fazendo movimento para a direita, e no Grupo III mostra-se o empréstimo linguístico “P-I” (CM) -11, 38 o sinal de pai.

No quadro 04 também aparece mudança lexical. O sinal de família que mostra a palavra “**P-A-I**” é apresentado na soletração de mãos. Há uma mudança linguística porque inicia com o sinal “**P**” (CM – 11) passando sobre os lábios, depois o sinal de bigode realizado de duas formas diferentes (o dedo indicador em cima do lábio superior e o dedo indicador flexionado também em cima do lábio superior), e ainda o sinal “**P**” saindo dos lábios indo para frente formando o sinal “**I**” (CM – 38) e, atualmente, o sinal de homem (CM – 45), fechar a mão e beijar as costas da mesma (CM – 02). Observam-se, nesse caso, cinco diferentes sinais, ilustrando as variações e mudanças linguísticas. Acredita-se que o contato dos diferentes surdos em comunicação com gestos familiares proporcionou uma troca entre eles, influenciando a comunidade surda e a escola com uma classe de surdos, onde os alunos tiveram contato com a soletração de palavras em Português e nos respectivos sinais.

O Grupo I apresentou três sinais diferentes nas figuras 50, 51 e 52 “pais”, o que pode indicar variação lexical. O Grupo II mostra dois sinais diferentes nas figuras 53 e 54, tem um sinal composto homem^benção = pai, que foi utilizado pelo Grupo III.

Observe agora no quadro a seguir o item lexical POLÍTICA.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Política	 Figura 58  CM - 11, 51a	(1)  Figura 59  CM - 11	 Figura 61  CM - 11
		(2)  Figura 60  CM - 14	

Quadro 05 – Sinal de Política

No quadro 05, o sinal de POLÍTICA se dá através da mão direita na configuração de mãos (CM) – 11, colocada em movimento circular (girando) no lado do rosto com a bochecha insuflada, sinal apresentado pelos Grupos II e III. O Grupo I apresenta um sinal icônico, porque é a representação da sede do congresso em Brasília. O Grupo II mostra também outro sinal para política com CM – 14, o dedo indicador das mãos com as extremidades próximas em frente do corpo em movimento alternado para cima e para baixo, localizado no espaço neutro.

No Grupo III na figura 61 com CM – 14 é o único sinal com configuração diferente e que o significado também pode ser entendido

como discutir a política, aparecendo, nesse caso, com sentido abrangente.

Veja a seguir o item lexical PRETO.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Preto	<p>(1)</p>  <p>Figura 62</p>  <p>CM – 34, 62</p>	 <p>Figura 64</p>  <p>CM – 05</p>	 <p>Figura 65</p>  <p>CM – 05</p>
	<p>(2)</p>  <p>Figura 63</p>  <p>CM – 05</p>		

Quadro 06 – Sinal de Preto

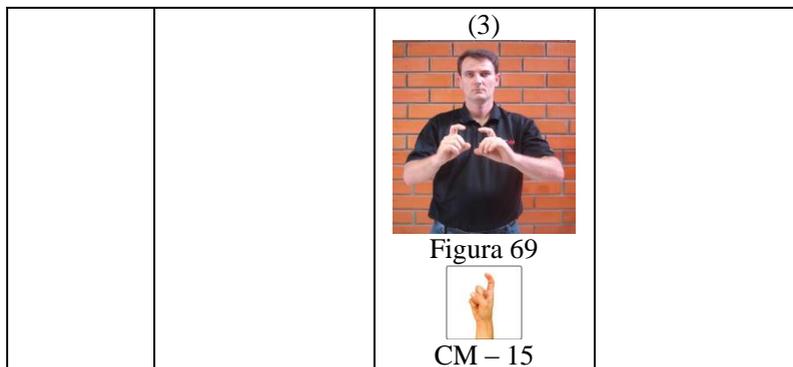
No quadro 06, aparece o sinal de PRETO, com a mão direita com CM – 05, palma para baixo, simulando girar uma chave ao lado da cabeça. Um dos informantes do Grupo I utilizou o sinal de preto que acredito teve influência da língua de sinais produzida no Rio de Janeiro. Os Grupos II e III apresentaram o sinal regional utilizado na grande Florianópolis. Os Grupos I, II e III mostram o mesmo sinal para **preto**

nas figuras 63, 64 e 65, mas tem um sinal diferente apresentado pelo Grupo I nas figuras 62 e 63.

O sinal produzido pelo Grupo I na figura 62 é utilizado até hoje no Rio de Janeiro, e percebo que também é utilizado por interpretes e estudantes surdos da UFSC.

Veja a seguir o item lexical REUNIÃO.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Reunião	 <p>Figura 66</p>  <p>CM - 14</p>	<p>(1)</p>  <p>Figura 67</p>  <p>CM - 25</p> <hr/> <p>(2)</p>  <p>Figura 68</p>  <p>CM - 14</p>	 <p>Figura 70</p>  <p>CM - 25</p>



Quadro 07 – Sinal de Reunião

No quadro 07, o sinal de REUNIÃO mostrado pelos Grupos II e III, com CM – 25 nas mãos, está localizado no espaço neutro, com as palmas das mãos para frente, as mãos em movimento semicircular, fechando em círculo. Os Grupos I e II mostram como em CM – 14, realizado da mesma forma que o descrito anteriormente, sinal este que o grupo jovem não conhece. O Grupo II apresenta um sinal de REUNIÃO com as mãos como em CM – 15, em espaço neutro, movendo-se alternadamente para frente e para trás, com a palma das mãos próximas; este grupo apresentou três sinais diferentes enquanto os Grupos I e III mostraram apenas um.

No Grupo II na figura 69 o sinal é diferente, e não aparece no Grupo I e no Grupo III, mas o significado deste é REUNIÃO particular com poucas pessoas. Talvez por isso não apareceu nos outros dois grupos. Nas figuras 68 e 69 os sinais apresentam variação fonológica, porque mudou o traço linguístico, o ponto de articulação da sinalização no espaço neutro é o mesmo, mas a CM e o movimento se alteram.

Veja a seguir o item lexical SEMANA.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Semana	(1)  Figura 71  CM – 08a, 64	 Figura 73  CM – 10	 Figura 74  CM – 10
	(2)  Figura 72  CM – 10		

Quadro 08 – Sinal de Semana

No quadro 08, aparece o sinal de SEMANA, com a mão esquerda aberta, palma para fora (CM – 08a “L”), mão direita CM - 64, palma para fora, direcionando as duas mãos para o lado direito. O grupo de informante III (terceira geração) apresentou a variação do sinal descrita anteriormente, mas o Grupo II apresentou o sinal, a mão direita com forma de configuração CM - 10, direcionando a mão direita para o lado direito, ponto de articulação no espaço neutro. O Grupo I (primeira geração) apresentou no queixo o sinal de semana como em CM – 10. Isso mostra a variação do sinal apresentado pelos informantes nas três gerações por faixa etária. Os três grupos sinalizam **semana** de forma diferente nas figuras 71, 72 e 74. Os Grupos I e II sinalizam **semana** nas

figuras 72 e 73 de forma igual. O Grupo I é o único que realiza o sinal no espaço neutro e o Grupo III inicia o sinal no queixo e termina-o no espaço neutro.

Uma das razões para variação e mudança lexical acontecer é por influência tecnológica, que transforma a sociedade, que cresce no cotidiano por necessidade na língua usada na conversa. No caso da pessoa surda em contato com a língua de sinais, ela acaba valorizando mais a língua de sinais, que torna a cultura surda dinâmica e proporciona uma nova forma de comunicação para o indivíduo surdo. Na comunidade surda, precisamos buscar o conhecimento cada vez maior, para aumentar o léxico da língua em sinais.

**Tabela geral dos dados – Variação e mudança lexical na Língua Brasileira de Sinais**

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
BANCO	CM – 53a, 61	CM – 53a, 61	CM – 53a
FEIO	CM – 07, 64	CM – 8a	CM – 08a
MÉDICO	CM – 16, 44	CM – 16, 44	CM – 16
NOME	CM – 21, 24	CM – 24	CM – 24
PORQUE	CM – 14, 15	CM – 14, 15	CM – 14

O quadro a seguir apresenta a sequência dos sinais lexicais que sofreram mudança na língua de sinais dos informantes dos Grupos I, II e III nas três gerações. Inicialmente, será descrito o item lexical BANCO.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Banco	(1)  Figura 75  CM – 53a	(1)  Figura 77  CM – 53a	 Figura 79  CM – 53a
	(2)  Figura 76  CM – 61	(2)  Figura 78  CM – 61	

Quadro 09 – Sinal de Banco

No quadro 09 a CM – 61 corresponde à letra B no alfabeto digital, palma da mão voltada para a esquerda batendo suavemente em cima do peito esquerdo. Este sinal foi utilizado pelos Grupos II e I, sofrendo uma mudança lexical, pois modificou o ponto de articulação e a CM, com o mesmo movimento. Os informantes do Grupo III (jovens) não utilizam e talvez não conheçam o sinal de BANCO utilizado pelos Grupos II e I. Podemos chamar de mudança em tempo aparente.

Nos Grupos I, II e III apresentam variação lexical os sinais das figuras 75, 77 e 79, pois se realizam da mesma forma. Nos Grupos I e II

as figuras 76 e 78 apresentam um sinal que não é mais utilizado, caracterizando uma mudança lexical.

Observe-se agora o sinal do item lexical FEIO.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Feio	 <p>Figura 80</p> <p>CM – 07, 64<sup>64</sup></p>	 <p>Figura 81</p> <p>CM – 08a</p>	 <p>Figura 82</p> <p>CM – 08a</p>

Quadro 10 – Sinal de Feio

No quadro 10, a CM – 08a (L) usa palma da mão em frente da boca, o dedo indicador apontando para a esquerda, em seguida, abaixa-se a mão até a altura do peito. O sinal utilizado pelo Grupo I mostra uma mudança lexical no sinal de FEIO, o sinal de bonito (mão aberta com palma da mão voltada para o rosto na frente fazendo um círculo e se fechando) e mais o sinal de negação mão fechada com polegar para baixo. Houve uma troca na configuração de mãos (CM), de ponto de articulação (PA) e movimento (M) do sinal pelos surdos do Grupo III (mais jovens, de 15 a 30 anos de idade). O Grupo I faz dois sinais bonito^ruim = feio, na figura 80, como se fosse o contrário de bonito. O Grupo II faz o sinal de feio para pessoas, enquanto o Grupo III sinaliza com significado de feio para objetos.

<sup>64</sup> A imagem da CM segue a ordem da tabela com as configurações.

Observe-se a seguir o item lexical MÉDICO.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Médico	(1)	(1)	
	Figura 83  CM – 16	Figura 85  CM – 16	
	(2)	(2)	
	Figura 84  CM – 44	Figura 86  CM – 44	Figura 87  CM – 16

Quadro 11 – Sinal de Médico

No quadro 11 o sinal de MÉDICO aparece diferenciado no Grupo I (geração G, H e I). O sinal de MEDICO é produzido com a configuração de mãos (CM) – 44, com ponto de articulação (PA) no peito em cima do coração, movimentando-se semicircularmente até o lado direito. Esse sinal mostra mudança lexical, pois o Grupo III (jovens) inovou com relação ao espaço neutro<sup>65</sup>, o sinal é produzido

<sup>65</sup> Espaço Neutro – “no caso do uso de pontos arbitrários, o estabelecimento ocorre em um local neutro do espaço da sinalização e, em geral, são distribuídos no espaço de forma a serem

com a configuração de mãos (CM) – 16 em ambas as mãos; onde uma é ativa e outra passiva; e o dedo indicador direito bate na 2ª falange do dedo esquerdo.

Podemos dizer que o sinal que aparece nos Grupos I e II e que não aparece no Grupo III é um sinal icônico. Acredito que ainda é utilizado, apenas não apareceu nas sinalizações do grupo dos mais jovens, que apresentam uma fluência maior na LIBRAS.

Veja a seguir a configuração do item lexical NOME.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Nome	(1)  Figura 88  CM – 21	 Figura 90  CM – 24	 Figura 91  CM – 24
	(2)  Figura 89  CM – 24		

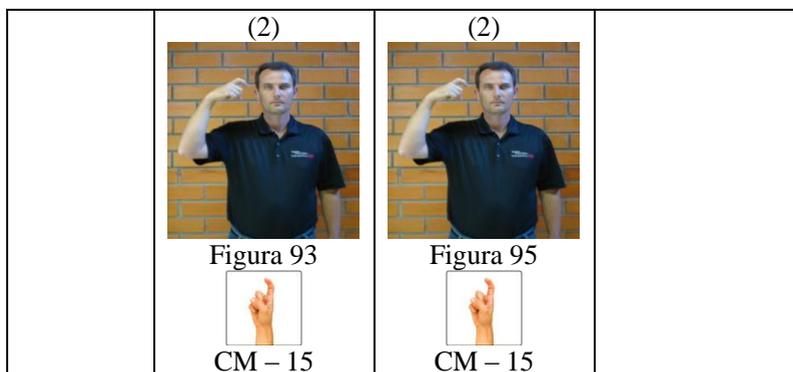
Quadro 12 – Sinal de Nome

amplamente diferenciados. Os pontos podem estar acima ou abaixo do espaço neutro se esses apresentarem uma imagem apropriada (por ex., um avião será apontado acima do espaço neutro)". QUADROS et al. (2008, p. 07).

No quadro 12 mostra o sinal de NOME, com a configuração de mãos (CM) – 24 (mão direita em “U” no Alfabeto Digital); palma da mão para frente, dedos apontados para cima na altura do peito; movem-se os dedos do lado esquerdo para o lado direito. Na leitura dos resultados encontrados, apareceu uma mudança lexical na língua de sinais, o Grupo I utiliza a configuração de mãos (CM) – 21, 24, na (CM) – 21 representa o nome do crachá (sinal icônico). Acontece mudança lexical, pois as configurações de mãos (CM), os pontos de articulações (PA), os movimentos (M), e a orientação são diferentes (OP). Aqui temos também mudança fonológica, as configurações de mãos são diferentes.

O quadro a seguir mostra a configuração do item lexical PORQUE.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Porque	<p>(1)</p>  <p>Figura 92</p>  <p>CM – 14</p>	<p>(1)</p>  <p>Figura 94</p>  <p>CM – 14</p>	 <p>Figura 96</p>  <p>CM – 14</p>



Quadro 13 – Sinal de Porque

No quadro 13, o sinal de PORQUE, no Grupo I e II aparece com CM – 15 (dedo indicador flexionado saindo da têmpora em diagonal) e nos três grupos aparece o sinal com a CM – 14, dedo indicador direito e esquerdo em diagonal, bater o indicador direito sobre o esquerdo, várias vezes no espaço neutro. O sinal com a CM – 14 aparece na sinalização dos informantes das três gerações, permanecendo até a atualidade.

O sinal que os Grupos I e II fizeram nas figuras 93 e 95 não é mais realizado pelo grupo dos mais jovens, que também não conhece o significado.

#### 6.4 – Variação e mudança fonológica na Língua Brasileira de Sinais

A variação e a mudança fonológica na Língua Brasileira de Sinais são observadas na semelhança entre som/fala ou sinais fonético-fonológicos. Na Língua Brasileira de Sinais encontram-se modificações de pronúncia de certos itens lexicais, atestando variação e mudança fonológica. Essa variação depende da unidade lexical e pode decorrer de diferentes parâmetros: a configuração de mãos (CM), movimento (M), ponto de articulação (PA) e orientação das mãos. Nesses casos, a configuração de mãos pode modificar, mas o significado dos sinais permanece o mesmo, mostrando variação e mudança fonológica. As autoras Quadros e Karnopp (2004, p.47) definem a fonologia das línguas de sinais da seguinte forma:

Fonologia das línguas de sinais é o ramo da lingüística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para

língua de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico.

Há pouca pesquisa científica sobre variação e mudança fonológica na LIBRAS no Brasil. Pode-se verificar, através dos dados dos informantes apresentados, a cada pronúncia dos sinais diferentes de uso, a unidade mínima lexical pode se modificar (configuração de mãos, movimento e ponto de articulação). No quadro 07 apresenta-se o sinal de **semana**, mostrando mudança no ponto de articulação e variação e mudança fonológica nos Grupos I, II e III.

Veja a Tabela geral dos dados – Variação e mudança fonológica na Língua Brasileira de Sinais com os resultados que foram escolhidos nesta pesquisa para realizar a descrição e a análise:

**Tabela geral dos dados – Variação e mudança fonológica na Língua Brasileira de Sinais**

<b>Sinal (Léxico)</b>	<b>Grupos dos informantes</b>		
	<b>Grupo I geração (G, H e I)</b>	<b>Grupo II geração (D, E e F)</b>	<b>Grupo III geração (A, B e C)</b>
ANTES	CM – 08a, 53a, 63	CM – 08a	CM – 08a

Veja agora os sinais para o item lexical ANTES.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Antes	(1)  Figura 97  CM – 53a, 63	 Figura 99  CM – 08a	 Figura 100  CM – 08a
	(2)  Figura 98  CM – 08a		

Quadro 14 – Sinal de Antes

No quadro 14 aparece o sinal de ANTES com a seguinte configuração de mãos (CM) – 08a, a mão direita em L horizontal (alfabeto digital), palma para baixo na frente do corpo no espaço neutro, levantar o antebraço da mão direita para cima. Outro sinal aparece com a (CM) – 53a e 63, inicia com a CM 63 e finaliza com a CM 53a, com o mesmo movimento do antebraço descrito anteriormente. Ambos os informantes utilizam a expressão facial necessária para a compreensão do sinal. As três gerações apresentaram variação fonológica, o sinal é produzido com diferentes configurações de mãos, mas os parâmetros: movimento (M) e ponto de articulação (PA) são os mesmos.

Nos Grupos I, II e III apresentam os mesmos sinais, com a mesma CM – 08a, mas temos com essa mesma CM o mesmo significado, só que com ponto de articulação diferente, acontecendo na palma da mão e no dorso da mão, e que também pode ter significado de “Que horas?” ou pode estar atrasado para trabalhar ou ainda, precisa agendar uma reunião antes.

Os dados coletados também mostram mudança e variação fonológica na língua brasileira de sinais. Sinais foram modificados com o passar dos anos. Observando os informantes, percebe-se que os parâmetros mudaram da geração mais antiga (Grupo I) em relação à geração atual (Grupo III).

Observe na tabela a seguir os dados que foram escolhidos para realizar a descrição e a análise dos resultados. Ela apresenta a sequência das mudanças e variações dos sinais lexicais na LIBRAS usados pelos informantes nas três gerações.

**Tabela geral dos dados – Variação e mudança fonológica na Língua Brasileira de Sinais**

<b>Sinal (Léxico)</b>	<b>Grupos dos informantes</b>		
	<b>Grupo I geração (G, H e I)</b>	<b>Grupo II geração (D, E e F)</b>	<b>Grupo III geração (A, B e C)</b>
CORTAR	CM – 14, 24, 63	CM – 14, 24	CM – 24
PADRE	CM – 21, 24, 62	CM – 11, 21, 24	CM – 24
TER	CM – 08a, 63	CM – 08a, 63	CM – 08a

Acompanhe agora a descrição do item lexical CORTAR.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Cortar	(1)  Figura 101  CM – 63	(1)  Figura 104  CM – 14	 Figura 106  CM – 24
	(2)  Figura 102  CM – 14, 24	(2)  Figura 105  CM – 24	
	(3)  Figura 103  CM – 14		

Quadro 15 – Sinal de Cortar

No quadro 15, observa-se que o Grupo I apresentou a configuração de mãos (CM) – 63 (U), raspando o dedo médio da mão direita no dedo indicador da mão esquerda, simulando cortar algo. Depois a CM – 14 junto com a CM 24 mostraram um movimento simulando o corte com uma faca e também a CM – 14, em ambas as mãos, simulando o movimento de cortar. O Grupo II apresentou a CM – 14 (igual a do Grupo I) e a CM – 24, simulando o movimento de cortar. O Grupo III (jovem) utilizou apenas a CM – 24.

Exemplos das figuras apresentadas no quadro 15, mostrando sinais de CORTAR<sup>66</sup> em diferentes contextos, são apresentados a seguir:

a) **Em LIBRAS:** Grupo I - EU ANTES ESTUDAR LÁ INES DEPOIS CORTAR MARCENEIRO. (Figura 101)

**Em Português:** Grupo I – Eu era criança estudava no INES fomos cortar madeira com supervisão de um marceneiro. (Figura 101)

b) **Em LIBRAS:** Grupo I - SURDOS LÁ INES CORTAR PAPELÃO. (Figura 102)

**Em Português:** Grupo I – Os alunos surdos do INES foram cortar papelão. (Figura 102)

c) **Em LIBRAS:** Grupo I - EU AÍ (FOGO) FOGO COMER CARNE CORTAR UM (CADA) IRMÃO SENTAR COMER TODOS COMER ARROZ BATATA AIPIM TODOS. (Figura 103)

**Em Português:** Grupo I – Eu fiquei assustada com o fogo. Eu e meus irmãos sentados juntos a mesa, cortei a carne e dei um pedaço para cada irmão. Todos comeram arroz, batata e aipim, além da carne. (Figura 103)

d) **Em LIBRAS:** Grupo II – ANTES ERA PEQUENO BRINCAR LÁ ESCOLA BALANÇO CORRENTE CORTAR DEDO DOR. (Figura 104)

**Em Português:** Grupo II – Quando era criança fomos brincar no parque da escola cortei o dedo na corrente. (Figura 104)

e) **Em LIBRAS:** Grupo II - FESTA CSMSC SURDOS CORTAR CARNE BOLO TODOS SURDOS. (Figura 105)

**Em Português:** Grupo II – Teve uma festa do Círculo de Surdos-Mudos de Santa Catarina (CSMSC) para comemoração dos surdos. Foi cortada a carne e o bolo para os surdos que foram a associação. (Figura 105)

---

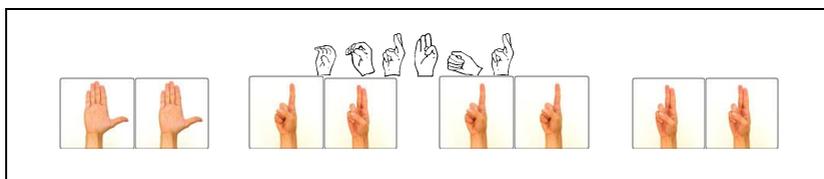
<sup>66</sup> Nesses casos, nós temos sinais diferentes para o mesmo significado de “cortar” que são as imagens do quadro 15.

f) **Em LIBRAS:** Grupo III – EU LÁ CASA AMIGO SURDO ALMOÇAR COMER PEDIR CORTAR CARNE CONVERSAR AMIGO. (Figura 106)

**Em Português:** Grupo III - Eu fui à casa do meu amigo surdo almoçar, pedi a ele para cortar a carne, e também conversei com os amigos surdos. (Figura 106)

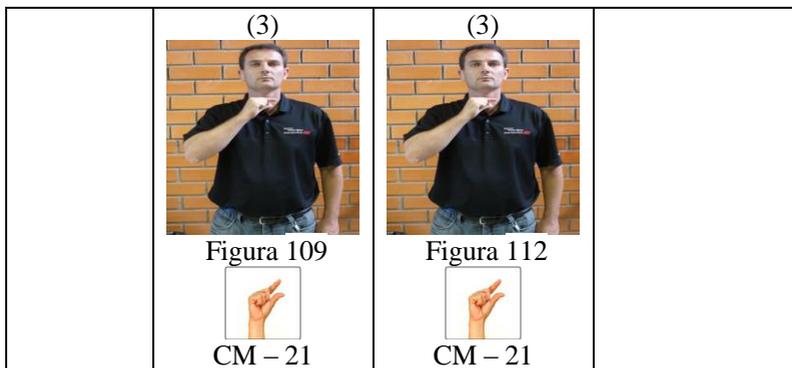
O Grupo I é o único que utiliza para o sinal de cortar CM – 63 um sinal diferente dos outros grupos, mas com o mesmo significado. Parece que o Grupo I foi evoluindo o sinal, começou com CM diferente em cada mão e por fim uma mesma CM para ambas as mãos. O Grupo II utilizou duas CM diferentes, como o Grupo I, mas realizava o sinal de duas formas diferentes CM – 14 ou 24, mas a mesma CM para ambas as mãos. O Grupo III realiza o sinal somente com a CM – 24 em ambas as mãos. Como se observa, parece que ocorreu mudança fonológica nos três grupos pesquisados.

Veja na sequência a mudança fonológica na língua brasileira de sinais:



A tabela a seguir traz os sinais do item lexical PADRE.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Padre	(1)  Figura 107  CM - 62	(1)  Figura 110  CM - 11	 Figura 113  CM - 24
	(2)  Figura 108  CM - 24	(2)  Figura 111  CM - 24	

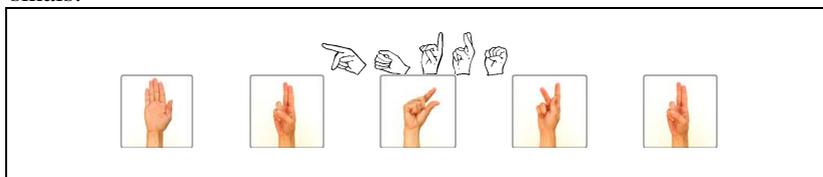


Quadro 16 – Sinal de Padre

Nos três grupos apareceu o sinal com CM – 24, mão na frente do peito no espaço neutro desenhando uma cruz com a mão (Representação icônica). Os Grupos I e II apresentaram o mesmo sinal, CM – 21, produzido na base do pescoço iniciando do lado esquerdo indo até o lado direito, como se estivesse desenhando a gola da batina (Icônico). O Grupo I apresentou um sinal diferente com CM – 62, mão na frente do peito no espaço neutro desenhando uma cruz com a mão. O Grupo II também mostra um sinal único com CM – 11, mão na frente do peito no espaço neutro desenhando uma cruz com a mão. A configuração de mãos (CM) foi sendo alterada no espaço neutro. Os informantes do Grupo I, II e III (nas três gerações) apresentaram sinais que podem ser considerados como variação ou mudança fonológica.

Na figura 107 o sinal parece ser igual ao que um padre faz na missa ao despedir-se dos fiéis, e na figura 110 parece que a CM – 11 (P) recebe influência do oralismo. Um único sinal aparece nos três grupos, são as figuras 108, 111 e 113, sendo o único utilizado pelo Grupo III (jovens).

Veja na sequência a mudança fonológica na língua brasileira de sinais:



Agora, observe o sinal variável do item lexical TER.

Sinal (Léxico)	Grupos dos informantes		
	Grupo I geração (G, H e I)	Grupo II geração (D, E e F)	Grupo III geração (A, B e C)
Ter	(1)  Figura 114  CM – 63	(1)  Figura 116  CM – 63	 Figura 118  CM – 08a
	(2)  Figura 115  CM – 08a	(2)  Figura 117  CM – 08a	

Quadro 17 – Sinal de Ter

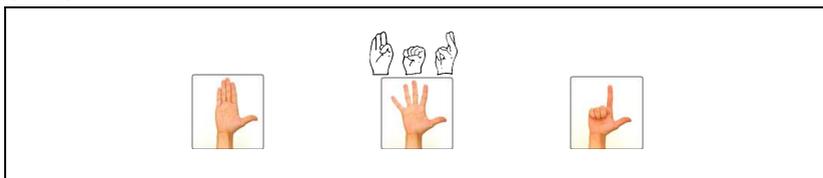
No quadro 17 aparecem os dados apresentados pelo Grupo I, dos três informantes: **G, H e I**.

Em conversa não filmada com o informante **G**, ele deu a seguinte explicação para a variação do item “**TER**”: antigamente o professor Francisco Lima Júnior usava o sinal “**TER**” fazendo a soletração do sinal, depois utilizou a configuração de mão com todos os dedos fechados (CM – 63) colocados no peito, em seguida outra oposição, seria a mão e os dedos abertos também colocados no peito (CM – 64).

Atualmente o sinal, “**TER**”, é realizado como CM - 08a também colocado no peito. Observa-se uma mudança fonológica, com alteração na língua de sinais ao longo de algumas décadas. O dedo em “**L**” (08a) é batido no meio do peito com a ponta do polegar.

Os Grupos I e II, mostram os sinais de ter nas figuras 114 e 116 com mesma CM – 63. Nas figuras 115, 117 e 118 os sinais são realizados com a mesma CM – 08a. O Grupo III permanece apenas com um sinal.

Veja na sequência a mudança fonológica na língua brasileira de sinais:



Na época em que o professor Francisco foi professor, era outro tempo, na comunicação em língua de sinais, diferentemente de hoje, tal como se observa na comunicação entre as pessoas mais jovens, com contato cultural maior. O professor Francisco aprendeu no RJ a escrever com o alfabeto digital (soletração) e assim ele começou a ensinar. Além de ensinar, o contato do aluno surdo com a comunidade de surdos fez com que houvesse uma troca, o Sr. Francisco ensinou a soletração no alfabeto digital (alfabetização em Língua Portuguesa) e aprendeu sinais familiares dos diversos surdos com quem teve contato. Todos aprenderam e isso influenciou para que ocorresse mudança fonológica. Pesquisando a LIBRAS nos Grupos I, II e III, confirmamos, portanto, algumas mudanças fonológicas.

### **6.5 – O que dizem os resultados das três gerações dos informantes na Língua Brasileira de Sinais.**

A comunidade surda, principalmente na associação de surdo de Santa Catarina, abriu espaço para o encontro de surdos, proporcionando a troca de informações e experiências na língua de sinais (visuais), promovendo eventos na área esportiva, cultural, política e na educação de surdo. Todos esses espaços sociais devem ter contribuído para o que esta pesquisa já aponta: variação e mudança linguística em LIBRAS.

Os resultados de certos itens lexicais usados pelos grupos de indivíduos investigados apontam que os Grupos I e II se distinguem do

### Grupo III.

Os resultados mostram que, com passar do tempo, os sinais entre os grupos se modificam, apresentando indícios de mudança em tempo aparente na língua de sinais nas três gerações. O grupo dos mais jovens, de 15 a 30 anos (Grupo III), diferentemente dos outros dois grupos (Grupo I e Grupo II), apresenta um sinal para cada palavra. Acreditamos que antes havia mais sinais porque eram familiares ou caseiros, os quais foram substituídos e/ou modificados com o contato social maior que a comunidade surda tem nos dias atuais. Acreditamos que outros sinais estão sendo criados com o passar do tempo, o que pode ser fruto de um maior contato social entre os surdos jovens.

Os resultados apontam que os três grupos investigados (Grupos I, II e III) usaram vários sinais idênticos para algumas palavras, os Grupos I e II usaram outros e os Grupos II e III usaram palavras idênticas em menor número. Entretanto, os Grupos I e III (dos mais velhos e dos mais jovens) não usaram nenhuma palavra comum, que se distinguisse do Grupo II. Os resultados apontam, portanto, que na LIBRAS há variação lexical e fonológica.

Como é possível perceber a partir dos resultados apresentados, o contato entre as pessoas surdas transforma a língua de sinais, que já apresenta indícios de variação e mudança linguística, entre diferentes gerações, como acontece em qualquer língua natural.

Nota-se nas narrativas contadas que os surdos têm consciência de seu papel nas três gerações de informantes e reconhecem a influência exercida pelo contato com outros surdos e com os surdos mais velhos. Certamente, o Grupo III será disseminador de conhecimento, aumentando cada vez mais o interesse de outros surdos pela língua de sinais e, com a expansão de seu uso, naturalmente outras mudanças vão acontecer, transformando mais uma vez a língua de sinais. Além disso, pode-se identificar, nas narrativas de todos os sujeitos, a total consciência das pessoas envolvidas no processo de ampliação do espaço de conforto do surdo. É mais uma parte da história surda que se registra tendo como personagem principalmente a pesquisa sobre a variação e a mudança linguística na língua de sinais em Santa Catarina.

É importante registrar o momento de pouco acesso dos surdos à pesquisa a respeito da língua brasileira de sinais, seja no domínio público ou privado. Assim, julga-se necessário o desenvolvimento de mais estudos e de um contato mais intenso de sujeitos surdos com as reflexões e conhecimentos que são produzidos sobre essa língua, refletindo o que dizem os informantes surdos nas três gerações da língua de sinais. Sabe-se que em parte isso ocorre, porque é uma língua

oficializada recentemente.

Os estudos têm apontado através de recentes pesquisas que a língua de sinais é a forma mais adequada de comunicação para a educação do surdo, tendo em vista que, como as outras línguas humanas, a língua de sinais é uma língua natural, podendo servir de base para o ensino da língua escrita.

Finalmente, espero que os resultados desta pesquisa possam motivar-me e motivar outras pessoas a aprofundar o tema aqui pesquisado.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que é importante pesquisar sobre a história na língua de sinais em Santa Catarina em encontros sociais ou nas associações de surdo. Além de aprender a língua de sinais, os surdos que fazem parte dessas associações acabam criando uma identidade surda, trocam experiências, evoluindo na própria língua criando e valorizando o seu espaço linguístico/cultural.

Na língua de sinais aqui no Brasil acontece a mesma coisa que se observa no português quanto às regras da língua que são oficiais para todo o Brasil, mas vários sinais são diferentes para expressar a mesma coisa. Podemos utilizar no sul do Brasil um sinal e outro sinal totalmente diferente na região sudeste, com o mesmo significado.

Surdos se encontram em associações ou outros espaços culturais para poder conversar, trocar experiência e aprender sua língua, mas com o ouvinte acontece diferente, eles não precisam de um local para esses encontros, isso acontece em seu dia-a-dia, todos se falam. O surdo necessita marcar encontros com outros surdos para que aconteça a comunicação, pois poucos ouvintes sabem se comunicar em LIBRAS. Eles vão para a associação de surdos aprender LIBRAS, e com o passar do tempo, podem se tornar bilíngues.

Há falta de pesquisa em variação e mudança linguística das línguas de sinais e sobre o desenvolvimento e o domínio desta língua. Nada foi registrado nas últimas décadas e parece que muitos dados sobre os sujeitos surdos e sua história da língua de sinais foram prejudicados e perdidos.

Na UFSC, por exemplo, temos no curso de LETRAS/LIBRAS a distância, que é pioneiro, uma vitória do surdo acessando a primeira Universidade Brasileira que estuda a língua de sinais e que oferece oportunidade de acesso ao estudo e aprofundamento linguístico da LIBRAS, além das trocas de sinais em diferentes regiões do país.

Temos um grupo de surdos responsáveis por criar sinais novos de acordo com as necessidades encontradas pelas comunidades surdas, para diminuir a influência da Língua Portuguesa na LIBRAS, e possibilitar outros contatos fora do Brasil, trazendo relatos de experiências de comunidades surdas de outros países, bem como apresentações de pesquisas mais avançadas nas línguas de sinais.

É importante reforçar que a LIBRAS é uma língua natural, pois possui estrutura gramatical, é utilizada por um grande grupo social com função ativa e provedora de opinião. Este tipo de língua só se diferencia das línguas orais pela forma de se comunicar, pois esta utiliza a ação gestual o que difere das demais línguas que utilizam a ação oral na comunicação.

As pessoas falam que na ilha de Santa Catarina o dialeto falado é o manezinho, que vem sofrendo modificações com o passar dos anos, devido ao turismo, que é forte na temporada de verão. O professor Francisco e a comunidade surda na década de 1950 usavam o sinal de dactilologia no mesmo sentido da língua nativa, mas com dialeto próprio. Depois, outros surdos vieram para Santa Catarina e sinalizaram diferentemente. Isso mostra que nas duas línguas – LIBRAS e Português – há variação dialetal.

Observando os três grupos de surdos investigados nesta tese, podemos dizer que o Grupo I mostra o primeiro contato com a língua de sinais, desenvolvida com pouco conhecimento linguístico, porque adquirir a língua de sinais em contexto social na época era difícil. Mas este Grupo I foi buscando surdos que participavam de associações, que estudavam na garagem da casa do professor Francisco e na Escola Celso Ramos onde tinha o grupo de surdos aprendendo a língua de sinais, que se modificava. O Grupo III demonstrou mais qualidade na sinalização da língua de sinais e maior fluência, mas não conhece alguns dos sinais (antigos) realizados pelos Grupos I e II. O contexto social dos Grupos nas três gerações é bem diferente, e a língua de sinais do Grupo III (mais jovens) apresentou menor número de sinais que os demais grupos. Acreditamos que antes havia mais sinais porque eram familiares.

Os resultados do trabalho mostraram que algumas variações e mudanças linguísticas (variação e mudança lexical na língua de sinais e variação e mudança fonológica na língua de sinais) aconteceram nos três grupos quando um mesmo sinal é produzido pelos diferentes grupos de maneira diferente. Alguns sinais que antigamente eram produzidos no corpo, agora acontecem no espaço neutro na língua de sinais. Os grupos mostraram sinais que antes eram produzidos com uma mão e agora são produzidos com ambas as mãos ao mesmo tempo. O Grupo I utilizava sinalização manual, sinais familiares (caseiros) ou aqueles aprendidos e trazidos pelo professor Francisco do INES, o que talvez explique o fato de que este grupo tinha um número maior de sinais para uma mesma palavra.

Concluimos que os três grupos de nove informantes, nas diferentes gerações, apresentaram sinais compartilhados e outros que se

transformaram com o tempo na língua de sinais. Cada grupo pertence a um contexto social diferente. A língua de sinais transforma e desenvolve o conhecimento caseiro, bem como a troca de informações, a participação na associação de surdos e na busca de mais contato com outros surdos. Na escola o surdo conseguia aprender mais quando o professor surdo (Francisco) ensinava na língua de sinais e também quando proporcionava aos seus alunos um contato social que antes não existia.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. Manual de história oral. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALVELAR, Thais Fleury. A Questão da Padronização Linguística de Sinais nos Atores-Tradutores surdos do Curso de Letras/LIBRAS – LIBRAS da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”. Dissertação de Mestrado na UFSC, 2010.

BASSO, Idavania Maria Souza, SCHMITT, Deonísio. LIBRAS: livro didático. 1ª edição revista. Palhoça: UNISUL Virtual, 2007.

\_\_\_\_\_. LIBRAS: livro didático. 2ª edição revista e atualizada. Palhoça: UNISUL Virtual, 2008.

BEHARES, L.E. – Nuevas corrientes en la educación del sordo: de los enfoques clínicos a los culturales. In Cadernos de Educação Especial. Porto Alegre. UFSM. Nº. 4. 1993.

BOTELHO, Paula. Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRITO, Lucinda Ferreira. Por uma gramática de língua de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. *Revista Espaço: INES*, nº 1:20-43, 1990.

\_\_\_\_\_. Convencionalidade e iconicidade em língua dos sinais. *Anais do I Encontro da ASSEL – Rio*, PUC/RJ, 1991.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguística: uma introdução crítica*, São Paulo: Parábola, 2007.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: século XVIII a XXI. *Revista Mundo & Letras*, José Bonifácio/SP, v. 2, Julho/2011.

CARVALHO, Paulo Vaz de. *Breve História dos Surdos – no Mundo e em Portugal*. Edição, Surd<sup>7</sup> Universo, 2007.

CHAMBERS, J. K. Accents in Time. In: *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Cambridge: Blackwell, 1995, p. 146 – 206.

COELHO, Izete Lehmkuhl ... [et al.]. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CORREA, Rosemeri Bernieri e SEGALA, Rimar Romano. A Perspectiva Social na Emergência das Línguas de Sinais: A noção de “Comunidade de Fala” e Idioleto segundo o modelo teórico Laboviano. *Estudos Surdos IV*, Editora Arara Azul, Petrópolis/RJ, 2008.

DALAPORTE, Yves, La variation régionale en langue des signes française, *Marges linguistiques 10* (“Langues régionales”, apresentado por Claudine Moise, Véronique Fillol, Thierry Bulot), 2005, p. 118-132.

DAVIS, Jeffrey E. *Hand Talk; Sign Language Among American Indian Nations*. Cambridge Press: New York, 2010.

DINIZ, Heloise Gripp. *A história da língua de sinais brasileira (LIBRAS): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais*, dissertação de mestrado, CCE/UFSC, 2010.

DUBOIS, Jean ... [et al.]. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*, SP: Parábola, 2005.

FERGUSON, Charles A. 1959. Diglossia. *Word* 15: 325-340.

FELIPE, Tanya Amaral. *LIBRAS em contexto: Curso básico*, livro do estudante cursista. Programa Nacional de Apoio a Educação dos Surdos, Brasília: MEC; SEESP, 2001.

\_\_\_\_\_. De Flausino ao Grupo de Pesquisa da FENEIS – RJ. Anais do V Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro: INES. 2000:87 - 89.

FERNANDES, Sueli; STROBEL, Karin LÍlian. Aspectos linguísticos da LIBRAS. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

FICHER, R. & LANE, H. – Looking back – A reader on the History of Deaf Communities and their Sign Languages – Hamburg: Signum-Verl, 1993.

FRISHBERG, Nancy. Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language. Vol. 51, N. 3, pp. 696-719 (Sep. 1975).

GROCE, Nora Ellen. Everyone Here Spoke Sign Language. Hereditary Deafness on Martha's Vineyard. Printed in the United States of America, 1952.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

JOTA, Zélio dos Santos. Dicionário de linguística. 2<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro. Presença: Brasília: INL, 1981.

KARNOPP, Lodenir Becker. Variação Linguística. IN: Fonética e Fonologia. Curso de licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, 2007.

\_\_\_\_\_. Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): Estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. Dissertação de Mestrado. PUCRS, 1994.

\_\_\_\_\_. Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: Estudo Longitudinal de uma Criança Surda. Tese de Doutorado. PUCRS, 1999.

KLIMA, Edward S. & Ursula BELLUGI. *The Signs of Language*. Cambridge: Harward University Press. 1979.

LABOV, William. *Princípios del Cambio Linguístico*. Volume 1: Factores Internos, 1996, tradução em espanhol.

\_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Philadelphia Univ. Press, 1972a.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Volume 1: Internal Factors, 1994, tradução em inglês.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso: São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Building on empirical foundations*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982.

LANE, Harlan. – *A Máscara da Benevolência – a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

McCLEARY, Lelan; VIOTTI, Evani. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In H. Salles (Org.), *Bilinguismo e surdez*. Questões linguísticas e educacionais. Brasília, DF: Editora da UNB, 2007.

MIRANDA, Wilson de Oliveira. *Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais*. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *Introdução a Sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreende LABOV*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 2000.

MOTTEZ, Bernard. – *Los banquetes de sordomudos y el nacimiento del movimiento sordo*. In Revista GELES no. 6, ano 5 – Rio de Janeiro, 1992.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.) *Introdução à Linguística: Domínio e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2000. Volumes 1 e 2.

NARO, Anthony Julius. *O Dinamismo das línguas* pág. 43. *Introdução a Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

O'CAIN, Raymond K. Linguistic Atlas of New England. American Speech, vol. 54, n. 4, Winter, 1979.

PAIVA, M. da Conceição. & DUARTE, M. Eugênia. (orgs.) Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. *Identidades Surdas*. SKLIAR, C. (org.) – A Surdez – Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998a.

\_\_\_\_\_. Histórias de vida surda: Identidades em questão. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. UFRGS. 1998b.

\_\_\_\_\_. História dos Surdos. Caderno Pedagogia para Surdos. UDESC – Florianópolis – SC, CEAD, 2002.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos – Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_. et al. Língua Brasileira de Sinais – III, Letras/LIBRAS/UFSC, Florianópolis, 2008.

\_\_\_\_\_. Políticas Linguísticas e Educação de Surdos em Santa Catarina: Espaço de Negociações. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p.141-161, maio/ago. 2006.

\_\_\_\_\_. Educação de Surdos: A aquisição de Linguagem. Artes Médicas. Porto Alegre, 1997.

RÉE, Jonathan, Os deficientes auditivos são uma nação a parte? Inglaterra, 2005.

Revista da FENEIS, ano IV – número 13 – janeiro/marco 2002).

SABRIA, Richard. Sociolinguistique de la Langue des Signes Française. Revue de sociolinguistique em ligne, n° 7 – janvier 2006.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes - Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.

SANCHES, Carlos M. – A increíble y triste historia de la sordera. Caracas, CEPROSORD. 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Lingüística Geral. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMITT, Deonísio. Contextualização da Trajetória dos Surdos e Educação de Surdos em Santa Catarina, dissertação de mestrado, CED/UFSC, 2008.

\_\_\_\_\_, Silva, Fábio Irineu, BASSO, Idavania Maria Souza. Curso de pedagogia para surdos. Língua brasileira de sinais. Florianópolis (SC): UDESC: CEAD, 2002.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. *Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Rosângela Villa da. Aspectos da Pronúncia do <S> em Corumbá, uma abordagem sociolinguística, UFMS, 2004.

SKLIAR, Carlos Bernardo. (org.) – Educação e Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

\_\_\_\_\_, *La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica*. Mendoza; Ed. Ediunc, 1997b.

SOUZA, R. M., GÓES, M. C. R. – *O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da exclusão*. In SKLIAR, C. – Atualidades da educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999, v. 1, p. 163-187.

STOKOE, William. Sign language diglossia. *Studies in Linguistics*. 1969.

\_\_\_\_\_. *Language in hand; why Sign Came before Speech*. Gallaudet Press: Washington, 2001.

STROBEL, Karin Lilian. Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC.

TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *A pesquisa sociolinguística*. 4ª edição. São Paulo: Ática, 2000.

TENNANT, R. A. & BROWN, M. G. *The American Sign Language Handshape Dictionary*. Illustrated by Valerie Nelson-Metlay. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1998 (fourth printing: 2004). ISBN: 1-56368-043-2.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: W.P. LEHMANN and Y. MALKIEL (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, pp. 97-195, 1968.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos empíricos para uma teoria da Mudança Linguística*. Tradução em português: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WRIGLEY, Owen. – *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press. 1996.



## ANEXOS

## Análise Comparativa dos Dados: Variação e Mudança Linguística

<b>Sinais (Léxico)</b>	<b>Forma do Sinal (Configuração de Mãos)</b>	<b>Identificação de Classe</b>	<b>Faixa Etária (Grupo)</b>	<b>Geração</b>
Ajudar1	CM – 63	Informante H, D, E, F, A, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Ajudar2	CM – 02, 63	Informante D, E, B	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Ajudar3	CM – 01, 63	Informante H, I, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Ajudar4	CM – 14, 63	Informante I, E, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Aluno1	CM – 01	Informante G, I, A, B, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Aluno2	CM – 63	Informante G, H, I, D, B	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Amanhã1	CM – 14	Informante	60 a 80	I

		H	Anos	
Amanhã2	CM – 63	Informante E	30 a 60 Anos	II
Amanhã3	CM – 35a	Informante I, A, B	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Antes1	CM – 53a	Informante I	60 a 80 Anos	I
Antes2	CM – 63	Informante I	60 a 80 Anos	I
Antes3	CM – 08a, 63	Informante G, E, F, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Aposentar1	CM – 02, 57	Informante G, I, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Aposentar2	CM – 01, 11	Informante G, I, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Aposentar3	CM – 07	Informante G	60 a 80 Anos	I
Associação1	CM – 01 (2 mãos)	Informante G, I, F, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Associação2	CM – 01 (1 mão)	Informante I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
			60 a 80	

Aula1	CM – 63	Informante G, H, I, E, D, A, C	Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Avião1	CM – 53a	Informante G	60 a 80 Anos	I
Avião2	CM – 36, 37a	Informante E, F	30 a 60 Anos	II
Avião3	CM – 40	Informante D, E, F, A, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Avô1	CM – 30, 31	Informante G, I	60 a 80 Anos	I
Avô2	CM – 02, 57	Informante H, I	60 a 80 Anos	I
Avô3	CM – 02	Informante H, I, D, E, F, A	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Azul1	CM – 01	Informante G, I	60 a 80 Anos	I
A-z-u-12	CM – 01, 08a, 14, 24	Informante G, I	60 a 80 Anos	I
Azul3	CM – 01, 08a	Informante D, E, F, A, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Bairro	CM – 14, 63	Informante G	60 a 80 Anos	I
Banco1	CM – 61	Informante G, H, I, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Banco2	CM – 53a	Informante	60 a 80 Anos	I, II, III

		G, I, F, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	
Batata1	CM – 62	Informante H	60 a 80 Anos	I
Batata2	CM – 63	Informante H	60 a 80 Anos	I
Branco1	CM – 63	Informante H, I, B	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Branco2	CM – 35a	Informante G	60 a 80 Anos	I
Café	CM – 49	Informante G, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Calma1	CM – 63 (2 mãos)	Informante G, H, I, D, E, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Calma2	CM – 63 (1 mão)	Informante H, I, E, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Cama1	CM – 37a	Informante G	60 a 80 Anos	I
Cama2	CM – 63	Informante G	60 a 80 Anos	I
Cavalo1	CM – 02	Informante H	60 a 80 Anos	I
Cavalo2	CM – 27	Informante H, I	60 a 80 Anos	I
Chorar1	CM – 14	Informante D	30 a 60 Anos	II

Chorar2	CM – 18a	Informante H, I	60 a 80 Anos	I
Criança1	CM – 63 (pequeno)	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Criança2	CM – 64	Informante G	60 a 80 Anos	I
Criança3	CM – 14, 63	Informante D, E, A, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Criança4	CM – 57, 63	Informante E	30 a 60 Anos	II
Cobra1	CM – 14	Informante H	60 a 80 Anos	I
Cobra2	CM – 31	Informante E, F, A, B	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Conversar1	CM – 14 ↕	Informante G, H, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Conversar2	CM – 63 (2 mãos)	Informante G, H, I, D, E, F, A	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Conversar3	CM – 28	Informante D	30 a 60 Anos	II
Conversar4	CM – 44	Informante D, E, F	30 a 60 Anos	II
Conversar5	CM – 21	Informante H	60 a 80 Anos	I
Cortar1	CM – 14	Informante H	60 a 80 Anos	I

Cortar2	CM – 63	Informante H	60 a 80 Anos	I
Cortar3	CM – 14, 24	Informante E, B	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Cultura	CM - 31	Informante A, B, C	15 a 30 Anos	III
Dormir1	CM – 63 (1 mãos e 2 mãos)	Informante G, H, I, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Dormir2	CM – 02, 47	Informante G	60 a 80 Anos	I
Dormir3	CM – 21, 24, 32	Informante G D, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Depois1	CM – 53a (2 mãos)	Informante H, I, A, B, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Depois2	CM – 14	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Depois3	CM – 53a (1 mão)	Informante G D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Educação1	CM – 46a	Informante H	60 a 80 Anos	I
Educação2	CM – 45, 57	Informante G	60 a 80 Anos	I

Escola1	CM – 63	Informante G, H, I, D, E, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Escola2	CM – 63 (duas mãos)	Informante D, E, A, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Estudar	CM – 63	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Emagrecer1	CM – 39	Informante G	60 a 80 Anos	I
Emagrecer2	CM – 47 ou 57	Informante G	60 a 80 Anos	I
Engordar1	CM – 02	Informante G, H	60 a 80 Anos	I
Engordar2	CM – 47	Informante G	60 a 80 Anos	I
Engravidar1	CM – 14	Informante E	30 a 60 Anos	II
Engravidar2	CM – 53a	Informante H	60 a 80 Anos	I
Fácil1	CM – 63	Informante E	30 a 60 Anos	II
Fácil2	CM – 48	Informante I	60 a 80 Anos	I
Fácil3	CM – 35a	Informante C	15 a 30 Anos	III
Faculdade1	CM – 54	Informante F, A, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Faculdade2	CM – 21	Informante I	60 a 80 Anos	I
Faculdade3	CM – 55	Informante A, B	15 a 30 Anos	III

Falar1	CM – 14	Informante G, H, D, E, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Falar2	CM – 49	Informante H, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Falar3	CM – 11 (E 1 mão e 2 mãos)	Informante G, H, I, D, E, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Falar4	CM – 21	Informante G	60 a 80 Anos	I
Falar5	CM – 44	Informante E	30 a 60 Anos	II
Feio1	CM – 08a	Informante F, B	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Feio2	CM – 08a	Informante D, E, A	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Feio3	CM – 07, 64	Informante G, H, I	60 a 80 Anos	I
Flor1	CM – 57	Informante D	30 a 60 Anos	II
Flor2	CM – 54	Informante I	60 a 80 Anos	I
Forte1	CM – 14	Informante F	30 a 60 Anos	II
Forte2	CM – 02 (2 mãos)	Informante G, H, I, D, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II, III

			15 a 30 Anos	
Forte3	CM – 32 (1 mão)	Informante I	60 a 80 Anos	I
Gato1	CM – 08b, 20	Informante G, H, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Gato2	CM – 59a	Informante I	60 a 80 Anos	I
Gato3	CM – 20	Informante G	60 a 80 Anos	I
Gostar1	CM – 44	Informante E	30 a 60 Anos	II
Gostar2	CM – 63	Informante E, F	30 a 60 Anos	II
Homem1	CM – 50	Informante G, H, I, D, F, A, B	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Homem2	CM – 21	Informante H, I, D, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Hospital1	CM – 14 (1 mão e 2 mãos) cruz	Informante H, I, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Hospiatl2	CM – 16	Informante D, E, F, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Igreja1	CM – 14 (cruz)	Informante F	30 a 60 Anos	II
Igreja2	CM – 14, 15	Informante	60 a 80 Anos	I, II, III

		H, I, D, E, F, A, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	
Igual1	CM – 14	Informante G, H, I, D, E, F, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Igual2	CM – 14 (▼▲)	Informante H, B	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Igual3	CM – 14 (mesmo)	Informante F, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Igual4	CM – 24 (1 mão)	Informante G, I, A, B, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Igual5	CM – 24 (2 mãos)	Informante I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Igual6	CM – 53a	Informante A	15 a 30 Anos	III
Igual7	CM – 61	Informante I, A, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Irmão1	CM – 14 ▲▼	Informante G, H, D, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Irmão2	CM – 24	Informante D, E, F	30 a 60 Anos	II

Lembrar1	CM – 14	Informante G, H, D, E, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Lembrar2	CM – 32	Informante D, E, F, A, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Limpar1	CM – 02	Informante H, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Limpar2	CM – 64	Informante H, E	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Limpar3	CM – 08a	Informante H, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Livro1	CM – 63 (duas mãos)	Informante G	60 a 80 Anos	I
Livro2	CM – 63, 08a	Informante H, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Lutar1	CM – 08a	Informante I, A, B	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Lutar2	CM – 02, 63	Informante I, D, E, A, B	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II, III

			15 a 30 Anos	
Mãe1	CM – 63	Informante H, E, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Mãe2	CM – 02, 07	Informante A, B, C	15 a 30 Anos	III
Mãe3	CM – 14	Informante I, D, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Mãe4	CM – 63 (m)	Informante G	60 a 80 Anos	I
Mãe5	CM – 02	Informante I, D, F, A	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Mãe6	CM – 01, 06, 60	Informante F	30 a 60 Anos	II
Mãe7	CM – 02	Informante F	30 a 60 Anos	II
Mais1	CM – 63 <sup>↑</sup>	Informante G, I, E, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Mais2	CM – 63 (2 mãos)	Informante I, D, E, A	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Mais3	CM – 08a	Informante G, I, E, F	60 a 80 Anos	I, II

			30 a 60 Anos	
Mais4	CM – 14	Informante I, E, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Matemática1	CM – 02	Informante G, H, I, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Matemática2	CM – 58	Informante G, H, I, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Médico1	CM – 44	Informante G, F, B	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Médico2	CM – 16	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Medo1	CM – 34, 64	Informante H, D, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I,II
Medo2	CM – 02	Informante E, F	30 a 60 Anos	II
Medo3	CM – 33	Informante F	30 a 60 Anos	II
Melhor1	CM – 45	Informante G, H, I, E	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II

Melhor2	CM – 07	Informante H, I, E, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Melhor3	CM – 63 <sup>↑</sup>	Informante H, A, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Morrer1	CM – 63, 63 (2 mãos)	Informante H	60 a 80 Anos	I
Morrer2	CM – 63	Informante H, I, D, E, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Mudar1	CM – 07	Informante G, H, E, A, B, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos 30 a 60 Anos	I, II, III
Mudar2	CM – 44 (1 mão e 2 mãos)	Informante H, I, E, F, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Mulher1	CM – 07 (menina) (oral)	Informante H	60 a 80 Anos	I
Mulher2	CM – 07, 63	Informante H, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Mulher3	CM – 07	Informante G, I, D, E, F, B	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II, III

			15 a 30 Anos	
Noite1	CM – 57, 44	Informante G, D, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Noite2	CM – 53	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Nome1	CM – 21	Informante G, H, I, A	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Nome2	CM – 24 ↕↗	Informante G, H, I, D, E, F, A, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Nós1	CM – 14↘	Informante G, D, E, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Nós2	CM – 14 ↗	Informante E, A	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
N-u-n1	CM – 24	Informante I, D, E	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
N-u-n-c-a2	CM – 01, 24, 51a	Informante I, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II

Nunca3	CM – 14 (2 mãos)	Informante I, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Objetivo1	CM – 42, 58	Informante G	60 a 80 Anos	I
Objetivo2	CM – 14	Informante B	15 a 30 Anos	III
Ônibus1	CM – 07	Informante F	30 a 60 Anos	II
Ônibus2	CM – 31	Informante I, B	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Ovo1	CM – 44, 57	Informante I	60 a 80 Anos	I
O-v-o2	CM – 42, 32	Informante G, H	60 a 80 Anos	I
Padre1	CM – 11	Informante G	30 a 60 Anos	II
Padre2	CM – 21	Informante G, H, D, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Padre3	CM – 24	Informante I, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
P-a-i1	CM – 01, 11, 38	Informante G, H, I, D, E, F, A	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Pai2	CM – 11 (p)	Informante G, H, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II, III

			15 a 30 Anos	
Pai3	CM – 14	Informante G, H, I	60 a 80 Anos	I
Pai4	CM – 16	Informante I, F, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Pai5	CM – 02, 45	Informante E, A, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Pão1	CM – 02, 47, 57	Informante H	60 a 80 Anos	I
Pão2	CM – 63	Informante H	60 a 80 Anos	I
Pão3	CM – 01	Informante I, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Peixe1	CM – 16	Informante G, I	60 a 80 Anos	I
Peixe2	CM – 63	Informante I, F, A	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Pessoa1	CM – 11	Informante G, I, C	60 a 80 Anos 15 a 30 Anos	I, III
Pessoa2	CM – 35a	Informante I, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Pessoa3	CM – 18a	Informante F, A, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III

Pode-Não1	CM – 14 (2 mãos)	Informante D, E	30 a 60 Anos	II
Pode-Não2	CM – 14 (1 mão)	Informante F	30 a 60 Anos	II
Política1	CM – 11, 51a	Informante G, I	60 a 80 Anos	I
Política2	CM – 11	Informante I, E, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Política3	CM – 14	Informante D, E	30 a 60 Anos	II
Porque1	CM – 15	Informante G, H, I, D, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Porque2	CM – 14	Informante G, H, I, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Povo1	CM – 02, 64	Informante G, I	60 a 80 Anos	I
Povo2	CM – 11	Informante I	60 a 80 Anos	I
P-o-v-o3	CM – 11, 32, 42	Informante I	60 a 80 Anos	I
Preto1	CM – 05	Informante G, H, I, F, B	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Preto2	CM – 34, 62	Informante G, H, I	60 a 80 Anos	I
Primeiro1	CM – 07, 14	Informante	60 a 80 Anos	I, II, III

		G, I, E, F, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	
Primeiro2	CM – 14	Informante H, F, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Primeiro3	CM – 14 (duas mãos)	Informante D	30 a 60 Anos	II
Primeiro4	CM – 07	Informante F, E, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Profissional 1	CM – 11	Informante I	60 a 80 Anos	I
Profissional 2	CM – 63	Informante C	15 a 30 Anos	III
Prova1	CM – 63	Informante E	30 a 60 Anos	II
Prova2	CM – 53a (duas mãos)	Informante E, F, A, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Respeitar1	CM – 53a	Informante D, E	30 a 60 Anos	II
Respeitar2	CM – 25	Informante E, F	30 a 60 Anos	II
Responsável 1	CM – 25	Informante I, D, E, B	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Responsável 2	CM – 25 (duas mãos)	Informante I, D, E, F, A, B	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II, III

			15 a 30 Anos	
Responsável 3	CM – 63 (duas mãos)	Informante G, I	60 a 80 Anos	I
Reunião1	CM – 15	Informante D	30 a 60 Anos	II
Reunião2	CM – 25	Informante D, E, A	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Reunião3	CM – 14	Informante G, H, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Saber1	CM – 63	Informante D, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Saber2	CM – 14	Informante G, H, I, D, E, F, A, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Saber3	CM – 44, 53a	Informante G, H, I, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Saber4	CM – 11	Informante E, F, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Semana1	CM – 10	Informante D, E	30 a 60 Anos	II
Semana2	CM – 10	Informante B	15 a 30 Anos	III
Semana3	CM – 08a, 64	Informante I	60 a 80 Anos	I

Sim1	CM – 02	Informante H, D	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
S-i-m2	CM – 02, 38, 60	Informante H, I	60 a 80 Anos	I
Sim3	CM – 59a, 63	Informante G, H	60 a 80 Anos	I
Surdo1	CM – 14	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Surdo2	CM – 25	Informante G, I, D, E, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Também1	CM – 61	Informante G, H, I, D, E, A	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Também2	CM – 14	Informante G, H, I, D, E, F, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Tarde1	CM – 63	Informante G, H, I	60 a 80 Anos	I
Tarde2	CM – 44, 47, 63	Informante H	60 a 80 Anos	I
Tarde3	CM – 63	Informante G, H	60 a 80 Anos	I
Teatro1	CM – 57	Informante I	60 a 80 Anos	I

Teatro2	CM – 49	Informante G	60 a 80 Anos	I
Tempo1	CM – 14	Informante H, I, D, E, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Tempo2	CM – 57	Informante H, I, D, E	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Tempo3	CM – 63	Informante G, I, D, E, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Tempo4	CM – 45	Informante G, D, E, F, A	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Ter1	CM – 63, 64	Informante G, H, I, D, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Ter2	CM – 08a	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Tio1	CM – 56	Informante H, F	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos	I, II
Tio2	CM – 51b	Informante	30 a 60 Anos	II, III

		D, E, F, A, B, C	15 a 30 Anos	
Trabalhar1	CM – 08a	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Trabalhar2	CM – 14	Informante H, I, F, A	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Trabalhar3	CM – 24	Informante I	60 a 80 Anos	I
Tudo	CM – 63 (duas mãos)	Informante F	30 a 60 Anos	II
Vagabundo1	CM – 63	Informante E	30 a 60 Anos	II
Vagabundo2	CM – 64	Informante G	60 a 80 Anos	I
Ver1	CM – 14	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Ver2	CM – 32	Informante G, H, I, D, E, F, A, B, C	60 a 80 Anos 30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	I, II, III
Ver3	CM – 64	Informante D, E, B, C	30 a 60 Anos 15 a 30 Anos	II, III
Vergonha1	CM – 64	Informante	60 a 80 Anos	I, II

		I, E	30 a 60 Anos	
Vergonha2	CM – 11	Informante E	30 a 60 Anos	II
Vermelho1	CM – 32	Informante G, H, I	60 a 80 Anos	I
Vermelho2	CM – 14	Informante G, H, I	60 a 80 Anos	I
Viajar1	CM – 63	Informante D, E, F	30 a 60 Anos	II
Viajar2	CM – 45	Informante F	30 a 60 Anos	II
WC	CM – 48	Informante G	60 a 80 Anos	I

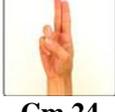
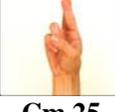
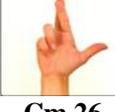
Palavras no total: 255 sinais lexicais

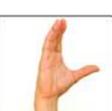
Palavra Ajudar: 4 Sinais	Palavra Mais: 4 Sinais
Palavra Aluno: 2 Sinais	Palavra Matemática: 2 Sinais
Palavra Amanhã: 3 Sinais	Palavra Médico: 2 Sinais
Palavra Antes: 3 Sinais	Palavra Medo: 3 Sinais
palavra Aposentar: 3 Sinais	Palavra Melhor: 3 Sinais
Palavra Associação: 2 Sinais	Palavra Morrer: 2 Sinais
Palavra Aula: 1 Sinal	Palavra Mudar: 2 Sinais
Palavra Avião: 3 Sinais	Palavra Mulher: 3 Sinais
Palavra Avô: 3 Sinais	Palavra Noite: 2 Sinais
Palavra Azul: 3 Sinais	Palavra Nome: 2 Sinais
Palavra Bairro: 1 Sinal	Palavra Nós: 2 Sinais
Palavra Banco: 2 Sinais	Palavra Nunca: 3 Sinais
Palavra Batata: 2 Sinais	Palavra Objetivo: 2 Sinais
Palavra Branco: 2 Sinais	Palavra Ônibus: 2 Sinais
Palavra Café: 1 Sinal	Palavra Ovo: 2 Sinais
Palavra Calma: 2 Sinais	Palavra Padre: 3 Sinais
Palavra Cama: 2 Sinais	Palavra Pai: 5 Sinais
Palavra Cavalo: 2 Sinais	Palavra Pão: 3 Sinais
Palavra Chorar: 2 Sinais	Palavra Peixe: 2 Sinais
Palavra Criança: 4 Sinais	Palavra Pessoa: 3 Sinais
Palavra Cobra: 2 Sinais	Palavra Pode-não: 2 Sinais
Palavra Conversar: 5 Sinais	Palavra Política: 3 Sinais
Palavra Cortar: 3 Sinais	Palavra Porque: 2 Sinais

Palavra Cultura: 1 Sinal	Palavra Povo: 3 Sinais
Palavra Dormir: 3 Sinais	Palavra Preto: 2 Sinais
Palavra Depois: 3 Sinais	Palavra Primeiro: 4 Sinais
Palavra Educação: 2 Sinais	Palavra Profissional: 2 Sinais
Palavra Escola: 2 Sinais	Palavra Prova: 2 Sinais
Palavra Estudar: 1 Sinal	Palavra Respeitar: 2 Sinais
Palavra Emagrecer: 2 Sinais	Palavra Responsável: 3 Sinais
Palavra Engordar: 2 Sinais	Palavra Reunião: 3 Sinais
Palavra Engravidar: 2 Sinais	Palavra Saber: 4 Sinais
Palavra Fácil: 3 Sinais	Palavra Semana: 3 Sinais
Palavra Faculdade: 3 Sinais	Palavra Sim: 3 Sinais
Palavra Falar: 5 Sinais	Palavra Surdo: 2 Sinais
Palavra Feio: 3 Sinais	Palavra Também: 2 Sinais
Palavra Flor: 2 Sinais	Palavra Tarde: 3 Sinais
Palavra Forte: 3 Sinais	Palavra Teatro: 2 Sinais
Palavra Gato: 3 Sinais	Palavra Tempo: 4 Sinais
Palavra Gostar: 2 Sinais	Palavra Ter: 2 Sinais
Palavra Homem: 2 Sinais	Palavra Tio: 2 Sinais
Palavra Hospital: 2 Sinais	Palavra Trabalhar: 3 Sinais
Palavra Igreja: 2 Sinais	Palavra Tudo: 1 Sinal
Palavra Igual: 7 Sinais	Palavra Vagabundo: 2 Sinais
Palavra Irmão: 2 Sinais	Palavra Ver: 3 Sinais
Palavra Lembrar: 2 Sinais	Palavra Vergonha: 2 Sinais
Palavra Limpar: 3 Sinais	Palavra: Vermelho: 2 Sinais
Palavra Livro: 2 Sinais	Palavra Viajar: 2 Sinais
Palavra Lutar: 2 Sinais	Palavra WC: 1 Sinal
Palavra Mãe: 7 Sinais	



## AS CONFIGURAÇÕES DE MÃOS

				
<b>Cm 01</b>	<b>Cm 02</b>	<b>Cm 03</b>	<b>Cm 04</b>	<b>Cm 05</b>
				
<b>Cm 06</b>	<b>Cm 07</b>	<b>Cm 08a</b>	<b>Cm 08b</b>	<b>Cm 09</b>
				
<b>Cm 10</b>	<b>Cm 11</b>	<b>Cm 12</b>	<b>Cm 13</b>	<b>Cm 14</b>
				
<b>Cm 15</b>	<b>Cm 16</b>	<b>Cm 17</b>	<b>Cm 18a</b>	<b>Cm 18b</b>
				
<b>Cm 19</b>	<b>Cm 20</b>	<b>Cm 21</b>	<b>Cm 22a</b>	<b>Cm 22b</b>
				
<b>Cm 23</b>	<b>Cm 24</b>	<b>Cm 25</b>	<b>Cm 26</b>	<b>Cm 27</b>

				
<b>Cm 28</b>	<b>Cm 29a</b>	<b>Cm 29b</b>	<b>Cm 30</b>	<b>Cm 31</b>
				
<b>Cm 32</b>	<b>Cm 33</b>	<b>Cm 34</b>	<b>Cm 35a</b>	<b>Cm 35b</b>
				
<b>Cm 36</b>	<b>Cm 37a</b>	<b>Cm 37b</b>	<b>Cm 38</b>	<b>Cm 39</b>
				
<b>Cm 40</b>	<b>Cm 41</b>	<b>Cm 42</b>	<b>Cm 43</b>	<b>Cm 44</b>
				
<b>Cm 45</b>	<b>Cm 46a</b>	<b>Cm 46b</b>	<b>Cm 47</b>	<b>Cm 48</b>
				
<b>Cm 49</b>	<b>Cm 50</b>	<b>Cm 51a</b>	<b>Cm 51b</b>	<b>Cm 52</b>
				
<b>Cm 53a</b>	<b>Cm 53b</b>	<b>Cm 54</b>	<b>Cm 55</b>	<b>Cm 56</b>

 <b>Cm 57</b>	 <b>Cm 58</b>	 <b>Cm 59a</b>	 <b>Cm 60</b>	 <b>Cm 61</b>
 <b>Cm 62</b>	 <b>Cm 63</b>	 <b>Cm 64</b>		

